

Perguntas DIFÍCEIS de Responder

VOLUME 3

2ª edição Revista e Ampliada

Uma exegese dos temas mais polêmicos da Bíblia

- Quem são os "filhos de Deus" em Gênesis 6.2?
- O que a mulher de Jó disse a ele: "Abençoa a Deus e morre" ou "Amaldiçoa a Deus e morre"?
- Jesus é o arcanjo Miguel?
- A guarda do sábado é um mandamento vigente para o cristão?
- Hamã era um amalequita?

Elias Soares de Moraes

BeitSHALOM



SEFER TORÁ

ספר תורה

Examinai tudo.Retende o bem

1ª Edição – Outubro de 2011- 3.300 exemplares
2ª Edição – Dezembro de 2013- 3.000 exemplares

Capa: Magno Paganelli
Diagramação: Magno Paganelli
Digitação: Elias Soares e Abigail Soares
Impressão: Imprensa da Fé

Todos os direitos reservados a Elias Soares de Moraes



Beit Shalom Editora

Rua Conde de Sarzedas nº 160 – loja 27
Liberdade – São Paulo – SP
Fone: 3101-5026 – 99859-4897

Site: www.crescendonafe.com.br
E-mail: eliassoares.responde@ig.com.br
E-mail: eliasapologetica@ig.com.br

Perguntas difíceis de responder

Uma exegese sobre os temas mais polêmicos da Bíblia

Volume 3

Elias Soares de Moraes

2ª edição
Revista e Ampliada

BeitSHALOM EDITORA

São Paulo / 2013

SUMÁRIO

Introdução.....9
1 – Amaldiçoa a Deus e morre ou abençoa a Deus e morre?.....13
2 – Quem são os filhos de Deus em Gn 6:2?.....25
3 – O Canto do galo.....119
4 – Quantas vezes o galo cantou, uma ou duas?.....125
5 – Quantas tribos havia em Israel, doze ou treze?.....127
6 – Existiu uma raça pré-adâmica?.....131
7 – Deus sabia que Adão iria pecar?.....133
8 – Se Deus sabia que Adão iria pecar, por que Ele não o impediu?.135
9 – O apóstolo Paulo era casado?.....135
10 – Samuel era levita ou efraimita?.....137
11 – Nabucodonosor, o homem-lobo?.....141
12 – Jacó teria se equivocado ao interpretar o sonho de José?...142
13 – Jó era neto de Jacó?.....143
14 – O sábado é um mandamento vigente para o cristão?....147
15 – A confusão das línguas.....165
16 – Como souberam os discípulos as palavras ditas por Jesus na oração do Getsêmani?.....167
17 – Jesus é um "deus menor"?.....168
18 – Jesus é o arcanjo Miguel?.....170
19 – Davi, um homem segundo o coração de Deus.....185
20 – Em que sentido Davi foi um homem segundo o coração de Deus?.....190
21 – A longevidade dos antediluvianos.....191
22 – Como podemos explicar a longevidade dos antediluvianos?.194
23 – José praticava a hidromancia?.....196
24 – Deus aceita sacrifícios humanos?.....200
25 – Jesus é o segundo Adão?.....207
26 – Jesus foi ao inferno tomar as chaves do diabo?.....208

27–Noé levou 120 anos para construir a arca?.....209
28–Saul foi um rei escolhido segundo a vontade do homem?.....210
29–Está escrito que Deus não trabalhou no sétimo dia (sábado)?.212
30–Deus mandou Moisés tocar na rocha em Meribá?.....213
31 – A roupa e os sapatos dos hebreus, no deserto, cresciam à medida que eles iam crescendo?.....214
32 – É verdade que Jacó se casou com Raquel somente depois de ter trabalhado quatorze anos pra Labão?....215
33 – Quantas pessoas entraram na arca de Noé?.....218
34 – Seus dias serão 120 anos.....220
35 – Como explicar a existência da luz antes da criação dos luminares?.....221
36 – Quem foi Júnias, homem ou mulher?.....223
37 – Adão e Eva tiveram filhos antes do pecado?.....225
38 – Hamã era um amalequita?.....227
39 – Por que Mardoqueu não se curvava diante de Hamã?...229
40 – Na cabeça de quem a coroa foi colocada, na cabeça de Mardoqueu ou na cabeça do cavalo?.....232
41–O que é o Batismo com o Espírito Santo?.....236
42 – Somente quem é batizado com o Espírito Santo tem o Espírito Santo?.....239
43 – Somente os que são batizados com o Espírito Santo são salvos?.....240
44–Qual é a evidência do batismo com o Espírito Santo?.....241
45–Qual é o significado do batismo com fogo em Mt 3:11?.....251
46–O batismo com o Espírito Santo é para os dias de hoje?.....254
47–Qual é o verdadeiro nome do apóstolo dos gentios?.....257
48 – Paulo e seus direitos como cidadão romano.....261
49 – Onde estava Daniel quando os três jovens foram lançados na fornalha?.....262
50 – Quantas pessoas morreram por causa da praga em Baal Peor?.....268
51 – Por que sou pecador?.....270
52 – Por que não sou justo ou salvo?.....272
53–Quem foi Melquisedeque?.....273
54 – Nós, os salvos, nos reconheceremos lá no céu?.....278

55 – Por que os discípulos tiveram dificuldade para reconhecer Jesus?.....281
56 – Quem eram os santos que ressucitaram após a ressurreição de Jesus?.....282
57 – A origem dos dogmas e inovações da Igreja Romana.....283
58 – Por que Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim?...287
59 – A "maldição de (Ham) Cão" 292
Bibliografia.....299

"A metade do conhecimento é a pergunta, e a outra metade a resposta"
(autor desconhecido)
Quem não sabe e não sabe que não sabe
É um doido e precisa ser internado.

Quem não sabe e sabe que não sabe
É um ignorante, precisa ser instruído.

Quem sabe e não sabe que sabe
É um sonhador, precisa ser despertado.

Quem sabe e sabe que sabe
É um sábio e deve ser imitado.

(Provérbio Árabe)

INTRODUÇÃO

"Há mais mistérios entre o céu e a terra do que toda a nossa vã filosofia". (Shakespeare)

Esta máxima de Shakespeare traduz de forma brilhante uma verdade relacionada com a Bíblia Sagrada.

Assim como o céu e a Terra, a Bíblia é um livro que está repleto de segredos e mistérios. Não obstante, com a ajuda de Deus, acreditamos que, por meio de perguntas e respostas bíblicas, poderemos chegar a elucidar boa parte das questões enigmáticas a ela relacionadas.

Pois, disse alguém em certo lugar:

"A metade do conhecimento é a pergunta, e a outra metade, a resposta".

Perguntas Dificeis de Responder vol 3 tem como finalidade atender à essa necessida, isto é, oferecer respostas as questões mais intrigantes da Bíblia Sagrada. O livro: "Per-

guntas Difíceis de Responder" surgiu em decorrência da nossa tentativa de responder as mais diferentes perguntas formuladas pelos nossos ouvintes nos programas de rádio (Crescendo na Fé e Exaltando a Palavra), nos quais participamos como consultor teológico, apresentados na Musical FM 105,7 em São Paulo.

De acordo com os exegetas bíblicos existem cerca de duas mil dificuldades e aparentes contradiçoes bíblicas. E, destas, escolhemos apenas 59 por serem as mais recorrentes.

No campo da hermenêutca sacra é muito comum haver divergências de ponto de vista acerca de um ou mais assuntos.

Isso também ocorre no judaísmo. A esse respeito há um provérbio que diz: "Onde há dois judeus sempre haverá três opiniões diferentes". Por essa razão, é bem possível que a nossa leitura seja bem aceita por alguns, mas rejeitada por outros. Mas mesmo assim acreditamos que vale a pena expor a nossa interpretação. Perguntas como: Quem são os filhos de Deus em Gn 6:2? Hamã era um Amalequita? Jesus é o arcanjo Miguel? O sábado é um mandamento vigente para o cristão? Amaldiçoa a Deus e morre ou abençoa a Deus e morre? Ganhou uma atenção toda especial nesta obra.

A pergunta sobre: "Quem são os filhos de Deus em Gn 6:2?", por exemplo, foi tratada no nosso livro: Perguntas Difíceis de Responder vol1 de uma forma concisa, mas no presente volume dedicamos a ela mais de 90 páginas, a fim de darmos uma resposta mais completa por conta da complexidade que a envolve.

Na questão que envolve Hamã, o agagita, estamos fazendo uma releitura à afirmação apresentada por Flávio Josefo e outros historiadores que afirmam ser ele um amalequita.

É bom que se diga que não pretendemos ser a palavra final sobre os assuntos tratados neste simples opúsculo. Pois nosso objetivo é apenas colaborar e incentivar o leitor a fazer futuras pesquisas. Se conseguirmos atingi-lo, já terá valido a pena o nosso tão árduo trabalho.

Nesta nova edição, procuramos corrigir alguns erros cometidos no momento da digitação e, ao mesmo tempo, ampliamos algumas questões que achamos necessário para um melhor entendimento daquilo que propomos apresentar ao leitor.

Posto isso, convido o leitor para, como um exímio escafandrista, mergulharmos mais uma vez neste oceano (a Bíblia Sagrada) repleto de segredos e mistérios.

Soli Deo Gloria!

O autor

1 - Amaldiçoa a Deus e morre ou abençoa a Deus e morre?

Uma exegese em Jó 2:9

"Então sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre". Jó 2:9

A passagem bíblica de Jó 2:9 tem sido objeto de muita polêmica e controvérsia entre boa parte dos interpretes e estudiosos da Bíblia Sagrada. A pergunta é: O que a mulher de Jó disse a Ele: "Amaldiçoa a Deus e morre" ou "Abençoa a Deus e morre?". Essa dúvida, por incrível que pareça, não é sem razão e, por isso, não deve ser ignorada. Pois enquanto a maioria esmagadora de nossas Bíblias, em língua portuguesa, traduz a expressão da mulher de Jó, na referida passagem, como: "amaldiçoa a Deus e morre", a Bíblia hebraica, a saber, o Tanak, traz uma expressão totalmente oposta. Assim está escrito na língua original:

וַתֹּאמֶר לוֹ אִשְׁתּוֹ עֹדְךָ מַחֲזִיק בְּתֻמָּתֶךָ בָּרֵךְ אֱלֹהִים וָמֻת

Watto'mer lo 'ishto 'odeka machaziyq betummateka barek 'Elohiym wamut, *"E disse a ele sua mulher: Ainda estás firme à tua integridade? Abençoa (louva, bendiga) a Deus e morre".*

Diante dessa diferença tão gritante, entre o que está escrito na língua original e o que os tradutores das versões

em língua portuguesa nos apresentam, surgem as seguintes dúvidas: "Será que houve erro de copista ou erro de tradução?" "Ou será que, como muitos dizem, a Bíblia foi adulterada?". Ora, dúvidas e interrogações, como estas e outras semelhantes, surgem na cabeça do leitor sincero e amante da palavra de Deus, o qual, diante de tamanha dificuldade e aparente contradição, sente-se fragilizado e com uma enorme sensação de impotência. Pois a Bíblia não é um mero livro de literatura portuguesa, mas o livro sobre o qual a nossa fé está alicerçada. Enquanto isso, do outro lado, os críticos e céticos de plantão, sem perder a oportunidade, vêem nesta dificuldade um bom motivo para tecer as mais impiedosas críticas às Sagradas Escrituras e, mais uma vez, tentar, sem sucesso, reduzi-las a apenas um livro repleto de lendas e, portanto, sem nenhuma credibilidade.

Diante desse dilema, tudo que resta ao amante da Bíblia Sagrada é buscar uma resposta que seja no mínimo razoável a essa tão intrigante questão.

Mas, enquanto isso não acontece, a pergunta continua: O que a mulher de Jó disse a ele:

> "Amaldiçoa a Deus e morre" ou "Abençoa a Deus e morre?".

A expressão da mulher de Jó de acordo com as várias versões:

"Amaldiçoa a Deus e morre". (ARC)

"Amaldiçoa a Deus e morre". (ARA)

"Amaldiçoa a Deus e morre". (AEC)

"Se fosse a ti amaldiçoava a Deus, ainda que daí me viesse a morte". (Tradução Português Corrente)

"Amaldiçoe Deus, e morra!". (Bíblia Judaica)

"Amaldiçoe a Deus, e morra!". (NVI)

"Amaldiçoa a Deus, e morre". (ACF)

בָּרֵךְ אֱלֹהִים וָמֻת barek 'Elohiym wamut, "*abençoa (louva, bendiga) a Deus e morre*". (Texto Original)

Como podemos perceber, a discrepância entre as versões em português e o texto original é obvia e ululante.

Muitas pessoas, ao tomarem conhecimento dessa diferença entre o que está escrito nos textos originais e o que está traduzido em nossas Bíblias em português, ficam tão chocadas que, às vezes, chegam até a pensar que a Bíblia está cheia de erros e contradições ou que ela sofreu alguma adulteração.

Mas vale lembrar um simples silogismo que diz:

A Bíblia é a palavra de Deus
Deus não erra e nem se contradiz
Logo, a Bíblia não tem erros e nem contradições.

Sendo assim, como devemos ler a expressão da mulher de Jó no texto em questão?

"Amaldiçoa a Deus e morre" ou "abençoa (louva, bendiga) a Deus e morre"?

A fim de responder a esta pergunta três posições tem sido sugeridas:

1 – A mulher de Jó, realmente, o mandou "louvar a Deus e morrer", pois é assim que está escrito no texto original: "Barek 'Elohiym wamut", "louve a Deus e morre". E para justificar a discrepância, entre o texto original e o que está escrito em nossas versões em língua portuguesa, alguns tem sugerido que houve erro de tradução ou erro de copista.

2 – A mulher de Jó o mandou "louvar a Deus e morrer", mas trata-se de uma ironia. Em outras palavras: quando ela disse: "Louve (abençoa, bendiga) a Deus e morre", na verdade o que ela quis dizer é: "Amaldiçoa a Deus e morre". Por exemplo: uma mãe pode dizer a um filho desobediente: "Parabéns meu filho! Continue me desobedecendo! Pois eu tenho certeza de que, agindo assim, você será muito feliz!

3 – A mulher de Jó o mandou "amaldiçoar a Deus e morrer". Apesar de o texto original dizer o contrário do que diz esta afirmação, devemos considerar que a interpretação dessa frase não pode ser feita apenas por meios filológicos, ou seja, não há como interpretar essa frase apenas pelo uso da língua hebraica. Pois essa interpretação envolve, além do hebraico, o contexto cultural e teológico.

Como podemos ver, as duas primeiras posições são bastante concorridas por apresentarem, em princípio, certo grau de plausibilidade. Não obstante, adotamos a terceira posição, como sendo a mais correta, por estar, segundo a nossa ótica, de acordo com o contexto e com as passagens paralelas.

Por outro lado, rejeitamos as duas primeiras posições pelos seguintes motivos:

A – A primeira posição deve ser rejeitada porque o con-

texto não sugere e nem confirma que a mulher de Jó o tenha mandado "louvar (abençoar, bendizer) a Deus e morrer. Caso contrário, como poderemos justificar a reação tão negativa de Jó à sua mulher:

וַיֹּאמֶר אֵלֶיהָ כְּדַבֵּר אַחַת הַנְּבָלוֹת תְּדַבֵּרִי גַּם
waoyy'mer 'eleyha kedaber 'achat hagbalot 'tedaberiy gam
"E disse à ela: como falam as insensatas (loucas, doidas) assim falas...". (Jó 2:10)

B – A segunda posição, ainda que mais plausível que a primeira, é questionável pelo fato de não ser a única, no texto bíblico, que apresenta essa dificuldade. Se levarmos em conta que as palavras da mulher de Jó, em 2:9, foi uma ironia, devemos admitir que as palavras de Jó em 1:5 e as de Satanás em Jó 1:11 e 2:5 também foram uma ironia. Mas, de acordo com o contexto, tudo indica que não foi uma ironia conforme veremos na terceira posição a qual temos adotado. Não obstante, concordamos em um ponto: a mulher de Jó, realmente, o mandou amaldiçoar a Deus e morrer, de acordo com o contexto.

C – A terceira posição: de acordo com essa posição a mulher de Jó, de verdade e de fato, o mandou "amaldiçoar a Deus e morrer".

À luz do contexto do capítulo dois do livro de Jó podemos afirmar com certeza meridiana que a mulher de Jó mandou que ele amaldiçoasse a Deus e depois morresse.

Em primeiro lugar ela diz: "Ainda estás firme à tua integridade?". Em outras palavras o que ela quis dizer foi o seguinte: "Apesar de tudo isso que você está passando você

ainda continuará sendo integro e fiel a Deus?" Ora, se ela queria que, verdadeiramente, Jó louvasse, bendissesse, ou abençoasse a Deus, Porque então ela sugeriu que ele deixasse de ser integro e fiel a Deus? Essa pergunta precisa ser respondida, principalmente, por aqueles que acreditam que a Mulher de Jó o mandou abençoar a Deus.

Em segundo lugar, parece-nos que a resposta de Jó, ao pedido de sua mulher, não foi a mais amigável.

וַיֹּאמֶר אֵלֶיהָ כְּדַבֵּר אַחַת הַנְּבָלוֹת תְּדַבֵּרִי גַּם

waoyy'mer 'eleyha kedaber 'achat hagbalot 'tedaberiy gam

"E disse à ela: como falam as insensatas (loucas, doidas) assim falas...".

E mais uma vez pode-se perguntar: Se de fato a mulher de Jó, o mandou abençoar a Deus, porque ele reagiu de forma tão áspera ao ponto de compará-la às נְּבָלוֹת nebalot, "doidas, loucas, insensatas, estúpidas, idiotas?". (נְּבָלוֹת Nebalot, plural feminino de נָבָל nabal, "insensato, mentecapto, estúpido, idiota").

Uma explicação possível a essa dificuldade, de ordem lingüística e exegética, está no fato de que os judeus, pelo profundo respeito e reverência que tinham pela divindade ao ponto de, provavelmente, por conta do terceiro mandamento, não pronunciar o nome de Deus, a fim de evitar escrever uma blasfêmia contra Ele, sempre que aparecia uma

palavra de maldição ligada a Deus, eles tomavam a liberdade de corrigir o texto, e no lugar da palavra "maldição", escreviam "bênção". Esse fenômeno que tanta estranheza nos tem causado é conhecido, em português, como eufemismo, e em hebraico como Tiqqune Soferim, ou seja, "correção dos escribas".

Esse tipo de ocorrência em Jó 2:9 não se trata de um Hapax Legomenon, isto é, de uma citação única na Bíblia. Pois ela aparece pelo menos onze vezes em textos diferentes das Sagradas Escrituras. A fim de ilustrar e corroborar nossa assertiva citaremos apenas alguns exemplos: Jó 1:5, 11; 2:5,9 e I Rs 21:10-13.

Em Jó 1:5, o patriarca Jó oferecia holocaustos pelos seus filhos julgando que eles, durante as festividades, pudessem ter blasfemado contra Deus em seus corações. Mas, no entanto, ao examinarmos o referido texto no lugar do verbo "blasfemar", encontramos o verbo "abençoar, louvar". Assim está escrito no texto em português:

"Sucedia, pois, que, tendo decorrido o turno de dias de seus banquetes, enviava Jó, e os santificava, e se levantava de madrugada, oferecia holocaustos segundo o número de todos eles; porque dizia Jó: porventura, pecaram meus filhos e blasfemaram de Deus no seu coração. Assim o fazia Jó continuamente". (Jó 1:5)

Texto original:

וַיְהִי כִּי הֵקִיפוּ יְמֵי הַמִּשְׁתֶּה
וַיִּשְׁלַח אִיּוֹב וַיְקַדְּשֵׁם

וְהִשְׁכִּים בַּבֹּקֶר וְהֶעֱלָה עֹלוֹת מִסְפַּר כֻּלָּם כִּי אָמַר
אִיּוֹב אוּלַי חָטְאוּ בָנַי וּבֵרְכוּ
אֱלֹהִים בִּלְבָבָם כָּכָה יַעֲשֶׂה אִיּוֹב כָּל־הַיָּמִים׃

Waiyehiy kiy hiqqiyfu yemey hammishetteh wayyishelach 'Iyyov wayeqaddeshem wehishekkiym baboqer wehe'elah 'olot misppar kullam kiy 'amar 'Iyyov 'ulay ham'u banay uberaku 'Elohiym bilbabam kakah ya'aseh 'Iyyov kal-hayyamiym.

"E acontecia que quando acabavam os dias da festa Jó enviava e os santificava e de manhã pela madrugada oferecia holocaustos segundo o número de todos eles. Pois dizia Jó: Talvez meus filhos tenham pecado e (וּבֵרְכוּ אֱלֹהִים) *wuberaku 'Elohiym" "Abençoado a Deus" em seu coração. "Assim fazia Jó todos os dias".*

De acordo com esse texto, traduzido direto dos originais, diferente do que aparece nas nossas Bíblias, em português, os filhos de Jó, longe de pecar, blasfemar ou amaldiçoar, eles louvavam a Deus, em seus corações, como podemos ver nesta frase:

(וּבֵרְכוּ אֱלֹהִים)) *wuberaku 'Elohiym*, "abençoado (louvado) a Deus".

A pergunta é muito simples: "Por que Jó iria perder tempo em oferecer holocaustos para expiar o pecado de quem

apenas louvou e abençoou a Deus em seu coração?". Desde quando louvar, bendizer ou abençoar a Deus é pecado?

Outras passagens semelhantes temos em Jó 1:11 onde Satanás diz que Jó blasfemaria na face de Deus, quando o que realmente está escrito, no original, é que ele louvaria ou abençoaria a Deus. E o mesmo ocorre em Jó 2:11, e de uma forma um pouco diferente em Lv 24:10-16, onde o escritor registra uma história envolvendo o filho de uma mulher israelita que, segundo o texto em português, "blasfemou e amaldiçoou o nome do Senhor". Mas ao examinarmos a passagem, à luz do texto original, hebraico, iremos descobrir que ele blasfemou e amaldiçoou הַשֵּׁם hashem, "o nome", expressão bastante usual entre os judeus para se referir a Deus, e não "o nome do Senhor", como aparece em nossas Bíblias em português. E para fecharmos de uma vez por todas essa questão, queremos destacar a passagem de I Rs 21:10-13 onde Nabote é apedrejado e morto por ser, injustamente, acusado de haver blasfemado contra Deus e contra o rei quando, na verdade, o texto hebraico diz que ele louvou, abençoou a Deus e ao rei.

Texto em português:

"Então, vieram dois homens, filhos de Belial, e puseram-se defronte dele; e os homens, filhos de Belial, testemunharam contra ele, contra Nabote, perante o povo, dizendo: Nabote blasfemou contra Deus e contra o rei. E o levaram para fora da cidade e o apedrejaram com pedras, e morreu". (I Rs 21:13)

Texto original:

וַיָּבֹאוּ שְׁנֵי הָאֲנָשִׁים בְּנֵי־בְלִיַּעַל
וַיֵּשְׁבוּ נֶגְדּוֹ וַיְעִד�ֻהוּ אַנְשֵׁי הַבְּלִיַּעַל אֶת־נָבוֹת נֶגֶד הָעָם
לֵאמֹר בֵּרַךְ נָבוֹת אֱלֹהִים
וָמֶלֶךְ וַיֹּצִאֻהוּ מִחוּץ לָעִיר וַיִּסְקְלֻהוּ בָאֲבָנִים וַיָּמֹת׃

Transliteração:

Wayyavo'u sheney há'anashiym bney-beliyya'al wayyeshvu negddo waye'iduhu 'anshey habbliyya''al 'et-Navot neged ha'am le'mor barak Navot 'Elohiym wamelek wayyotsi'uhu michuts la'iyr wayyisqeluhu ba'abaniym wayyamot.

Tradução:

"E vieram dois homens filhos de Belial e se assentaram defronte dele. E os homens de Belial deram testemunho contra ele, contra Nabot, defronte do povo dizendo: Nabote "abençoou (louvou, bendisse) a Deus e ao rei. E o tiraram para fora da cidade e o apedrejaram". (I Rs 21:13)

Ora, se ele louvou a Deus, Porque o apedrejaram até a morte, visto que este era o tipo de punição para quem amaldiçoasse ou blasfemasse contra Deus ou contra o rei? (Lv 24:16)

Nesse caso, bem como em outros bastante parecidos, se levarmos em conta, para a nossa interpretação, apenas o texto hebraico, o qual é de fundamental importância para uma boa exegese, obrigatoriamente, seremos levados a acreditar que os filhos de belial, instruídos por Jezabel, acusaram

Nabote de abençoar e não de amaldiçoar a Deus e ao rei, o que, de fato, não ocorreu. Confira a frase no texto original:

בֵּרַךְ נָבוֹת אֱלֹהִים וְמֶלֶךְ
Berak Navot 'Elohiym wamelek.

"Nabote abençoou (louvou, bendisse) a Deus e ao rei".

Veja o leitor que o texto original não diz que Nabote *amaldiçoou*, mas, sim, que ele *"abençoou (louvou, bendisse) a Deus e ao rei".*

Portanto, essas explicações são bastante claras e não deixam nenhuma margem para dúvidas a respeito do que a mulher de Jó, realmente, o mandou fazer. Pois, apesar do texto original dizer *"abençoe, louve, bendiga a Deus e morre"*, na verdade, de acordo com o contexto, ela disse a ele: ***"Amaldiçoa a Deus e morre"***.

2 - Quem são os filhos de Deus em Gênesis 6:2 ?

וַיִּרְאוּ
בְּנֵי־הָאֱלֹהִים אֶת־בְּנוֹת הָאָדָם כִּי טֹבֹת הֵנָּה וַיִּקְחוּ לָהֶם
נָשִׁים מִכֹּל אֲשֶׁר בָּחָרוּ׃

"Wayyr'u bney-há'Elohiym 'et-benot há'adam kiy tobot hennah wayyqchu lahem nashiym mikkol 'asher bacharu"

"Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram". (Gn 6:2)

Muita tinta tem sido derramada, no decorrer da história do Cristianismo, na tentativa de explicar uma das passagens mais difíceis de toda a Bíblia. "Quem são os filhos de Deus, em Gênesis 6:2?".

Pelo fato de alguns teólogos, apologistas, escritores e comentaristas com uma visão pouco ortodoxa e total desrespeito às regras e os princípios hermenêuticos e exegéticos, do ponto de vista bíblico que, enveredando-se pelo caminho da heresia e da fábula, apresentando uma leitura diferente e fora do contexto, contrariando, dessa forma, a interpretação tradicional que vê "Os filhos de Deus" em Gn

6:2 como os descendentes da linhagem piedosa de sete, dizendo que "Os filhos de Deus" em Gn 6:2 são os "anjos caídos" que mantiveram conjunções carnais com as mulheres por meio das quais deu origem os gigantes, os neflins de Gn 6:4, decidimos tecer alguns comentários sobre o tema, em questão, com o objetivo de lançar luz à essa questão que tanta polêmica e controvérsia tem gerado no cenário cristão internaconal.

Até aproximadamente, o ano 300 a.C a interpretação comuníssima entre os judeus era a de que "os filhos de Deus", em Gn 6:2, tratava-se de seres humanos.

Mas entre 150 a.C e 200 a.D, com o surgimento dos apócrifos e pseudoepigrafos da Bíblia, em especial os pseudoepígrafos: O Livro de Enoque, O Testamento dos Doze Patriarcas, frutos de uma leitura exotérica e distorcida do texto sagrado, feita pelas seitas do judaísmo, influenciadas pelo platonismo e pela mitologia grega, uma nova visão foi proposta como sendo a interpretação de Gn 6:2 que entende que "os filhos de Deus", na referida passagem, diz respeito aos "anjos caídos" que mantiveram relações sexuais com as mulheres e desse relacionamento surgiram os gigantes, a saber, os Nefilins (Nefiliym), que segundo o livro apócrifo de Enoque, atingiram a estatura de três mil côvados, cerca de mil e trezentos metros de altura. (a medida do côvado é de aproximadamente 45 à 50 cm). Como podemos ver, não há como negar o teor mitológico dessa interpretação.

Mas sobre isso nos adverte o apóstolo Paulo em sua carta às igrejas da Galácia dizendo:

"Mas ainda que nós mesmos ou um anjo do céu, vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anuncia-

do seja anátema. Assim como já dissemos, agora de novo também vo-lo digo: Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema" (Gl 1:8,9).

E não somente Paulo, mas até mesmo Pedro e Judas, de forma solene, nos advertem sobre a apostasia e as heresias das quais devemos nos resguardar (I Tm 4:1,2; II Tm 4:1-5; II Pe 2 e Jd 3,4)

Apesar de serem muitas as posições apresentadas sobre o tema: Quem são "os filhos de Deus" em Gn 6:2? Concentrar-nos-emos apenas nas duas posições que tem gerado mais polêmica e controvérsia no meio evangélico brasileiro. As posições são as seguintes:

1) **Os filhos de Deus em Gn 6:2 são os descendentes da linhagem piedosa de Sete;**

2) **Os filhos de Deus em Gn 6:2 são os anjos caídos que mantiveram conjunções carnais com as mulheres, por meio das quais surgiram os gigantes (Nefilim) (Gn 6:4).**

Apesar dos fortes argumentos apresentados pelos adeptos da segunda posição, adotamos a primeira posição como sendo a única correta pelas seguintes razões:

1) O texto original não diz que os filhos de Deus, em Gn 6:2 são os anjos caídos.
2) O contexto de Gn 4,5 e 6 não admite a presença de anjos, mas apenas de seres humanos.
3) O juízo de Deus (o dilúvio) é contra os seres humanos e não contra os anjos caídos (Gn 6:3,5,6,7,21-23)

4) Os autores da LXX, Septuaginta 300 a.C interpretaram a expressão bney há' Elohiym, em Gn 6:2, por οἱ υἱοὶ τοῦ θεοῦ hói huioi tou theou, *"os filhos de Deus"*; mas a mesma expressão em Jó 1:6 e 2:1 eles traduziram por οἱ ἄγγελοι τοῦ θεοῦ hoi angeloi tou Theou, *"os anjos de Deus"*, por entenderem que o contexto é diferente, ou seja, no contexto de Gn 6:2, os filhos de Deus são os descendentes da linhagem piedosa de Sete, mas em Jó 1:6; 2:1 e 38:7, de acordo com o contexto, são anjos.

5) O Codex Alexandrinus, diferente da Septuaginta, traduziu os filhos de Deus, em Gn 6:2, por οἱ ἄγγελοι τοῦ θεοῦ hoi angeloi tou Theou, *"os anjos de Deus"*, mas, de acordo com Alfred Rhalphs, na nota de rodapé da Septuaginta, considerada padrão no mundo acadêmico, o texto foi reescrito ou seja, o texto anterior οἱ υἱοὶ τοῦ θεοῦ hói huioi tou Theou, *"os filhos de Deus"*, foi apagado e em seu lugar foi escrito, οἱ ἄγγελοι τοῦ θεοῦ hoi angeloi tou Theou, *"os anjos de Deus"*, provavelmente para conformá-lo à interpretação tendenciosa dos autores do referido Codex Alexandrinus.

6) Não há como explicar a presença dos gigantes (Nefiliym) depois do dilúvio. Pois, uma vez que todos os seres humanos, com excessão da família de Noé, pereceram nas águas do dilúvio, como podemos justificar a presença dos gigantes (Nefiliym) em Nm 13:33, visto que, de acordo com os interpretes da segunda posição eles só surgiram a partir do relacionamento dos "anjos" com as mulheres?

7) Além dos Nefilins, havia muitos outros gigantes na época de Moisés, de Josué, de Davi (Dt 2:11,20; 3:11,13; Js 12:4; 13:12; 15:8; 17:15; 18:16; II Sm 21:16,22; I Cr 20:8) e até mesmo em épocas mais recentes. *"Nos tempos modernos, pesquisas médicas contém um registro*

de uma mulher de 2,55 m de altura, enquanto que tem sido feitas afirmações, ainda nos tempos modernos, de gigantes mais altos que 2,82 m". (Enciclopédia da Bíblia, vol 2, página 1028).

De onde eles vieram, uma vez que todos os antediluvianos, com exceção da família de Noé, pereceram nas águas do dilúvio? Será que houve outra queda dos anjos, depois do episódio de Gênesis 6, e também nos tempos modernos, como afirmam os proponentes da visão mitológica? E se houve, onde está registrado na Bíblia?

8) Biblicamente falando, não há como comprovar que houve uma segunda queda no mundo angelical.

9) Anjos não possuem órgãos reprodutores e, portanto, não podem se reproduzir.

10) Os anjos são incorpóreos, o que torna impossível a relação carnal com as mulheres (Hb 1:14; Lc 24:36-38).

11) Se alguns anjos comeram e, vale lembrar que existe apenas uma única passagem na Bíblia que registra esse fato, o qual entendemos que, por estarem na companhia de Deus e a seu serviço, lhes foi dada essa capacidade pelo próprio Deus, e reiteramos, uma única vez e não mais, não nos autoriza dizer que todos os anjos comem ou que eles podem se casar ou se reproduzir. Mesmo que eles comessem, "uma coisa é anjos comerem e outra, bem diferente, é anjos se casarem, manter relações sexuais e se reproduzirem" (Bruce Waltke).

12) O Senhor Jesus disse de forma categórica que os anjos não se casam e, portanto, não se reproduzem (Mt 22:29,30).

13) A expressão tomar uma mulher no Antigo Testamento é uma expressão típica para designar um casamento lícito e não o contrário.

14) A expressão "filhos de Deus" pode ser atribuída a seres humanos (Dt 14:1; Os 1:10; Lc 3:38) e não somente aos anjos (Jó 1:6, 2:1, 38:7 e Dn 3:25) como alguns querem fazer entender. De acordo com Lc 3:37,38, Adão é chamado de filho de Deus.

15) A expressão bney ha' Elohiym não é um termo técnico para designar anjos, pois em Gn 6:2 os tradutores da Septuaginta entenderam que essa expressão designa seres humanos.

15a - Gn 4 e 5 fazem um contraste entre duas linhagens: sendo uma ímpia e outra piedosa: Portanto existe uma linhagem piedosa que é representada por Sete e outra ímpia, por Caim.

16) Foi com Enos, filho de Sete, que teve inicio à invocação do nome do Senhor. O nome do Senhor passa a ser invocado, nos cultos públicos, através de Enos.

17) A linhagem de Sete começa com Deus e termina com Jesus.

Já, a linhagem de Caim começa com ele mesmo, um assassino, invejoso, do maligno, rejeitado por Deus e termina com o seu fim trágico, onde ela é totalmente destruída nas águas do dilúvio.

18) Os seres criados por Deus, com excessão dos anjos, reproduzem segundo a sua espécie: o ser humano é carne e o anjo é espírito. Logo, seria um anacronismo alguém defender a idéia de que um anjo pode se reproduzir com uma mulher como querem fazer entender os defensores da posição mitológica.

19) Das duas linhagens apresentadas em Gn 4 e 5 a única que o autor faz referência, quanto a sua longevidade, é à de Sete. Por exemplo, na linhagem piedosa de Sete lemos que: *"Matusalém viveu 969 anos; Jarede viveu*

962 anos; Noé viveu 950 anos" etc, o que, de acordo com boa parte dos estudiosos no assunto, demonstra de forma inequívoca a vida piedosa que os membros dessa linhagem viviam. Mesmo depois do dilúvio os descendentes da família de Sete tiveram uma vida longa como podemos ler no texto de Gn 11: *"Sem viveu 600 anos; Arfaxade viveu 438 anos; Salá viveu 433 anos"*, etc. A longevidade, de acordo com Ef 6:1-3, é a conseqüência direta de uma vida piedosa, na presença de Deus. Esta, portanto, é mais uma prova da vida piedosa da linhagem de Sete.

Mas no que diz respeito à linhagem ímpia de Caim, não há nenhuma referência à longevidade de seus membros. O que, de certa forma, vem demonstrar, irrefragavelmente, a brevidade de seus dias a qual, provavelmente, é uma conseqüência direta da vida ímpia e promíscua que eles viviam.

Outros motivos porque defendemos que *"os filhos de Deus"* em Gn 6:2 é a linhagem piedosa de Sete está em que:

1) A linhagem piedosa de Sete é considerada no meio teológico como a família da aliança. Seus membros são aqueles com os quais Deus fez uma aliança que começa com Adão, no Éden (aliança edênica) e segue até a pessoa de Jesus Cristo, o Messias (a nova aliança), como podemos ver em Lc 3:28-38.

No capítulo 5 de Gênesis o autor apresenta a linhagem piedosa de Sete, tendo início no próprio Deus. O mesmo não acontece com a linhagem ímpia de Caim. No capitulo 4 de Gênesis, que tem início com um assassino, invejoso, a saber, o próprio Caim que era do maligno. (I Jo 3:12 – Jd

11). Caim estava desviado da presença de Deus quando deu início á sua linhagem (Gn 4:16-24).

Ao passo que Sete é o substituto de Abel, homem piedoso e temente a Deus. Ora, para substituir alguém, o substituto deve apresentar as mesmas qualidades, características e condições morais.

Jesus ao ascender aos céus deixou o substituto, o Consolador, a saber, o Espírito Santo (Jo 14:16,17; 16:7-11), que tinha as mesmas credenciais de Cristo. Numa comparação mais pálida, Moisés foi substituído por Josué, e Elias por Eliseu. Tanto Josué, quanto Eliseu tinham as características ou credenciais daqueles que eles substuiram. Deus não iria colocar um Datã para substituir Moisés e nem Balaão para substituir Elias.

Concluímos, portanto, que Sete era um homem piedoso e temente a Deus e se ele tivesse vivido até os dias do dilúvio, com certeza, não teria perecido, com os infiéis, mas seria salvo como foi Noé e toda a sua família.

Seguindo a genealogia de Gn 5:1-32 e a de Lc 3:23-38, no sentido inverso, a linhagem piedosa de Sete tem início em Deus. Não que Deus fosse gerado por Sete, pois Ele é o Criador. Mas o autor, colocando Deus como o primeiro, quer com isso dizer ou demonstrar que há uma diferença, um contraste, entre os membros da linhagem de Caim e a linhagem piedosa de Sete. (Gn 4 x Gn 5)

Seguindo essa ordem temos:

1) Deus, o Criador.

2) Abel, homem piedoso, "pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou tes-

temunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons, e, por ela, depois de morto ainda fala". Hb 11:4

3) Sete que substituiu Caim;

4) Enos, a partir do qual começou a invocação e adoração pública do nome de Yahweh

"Depois de citar Cainãn, Maalalel e Jarede, Moisés apresenta outro membro da linhagem piedosa que se destacou em santidade e devoção a Deus, a saber, Enoque".

"*E andou Enoque com Deus; e não se viu mais, portanto Deus para si o tomou*".

Enoque é lembrado no Novo Testamento como exemplo de fé e santidade a serem imitadas.

"*Pela fé, Enoque foi transladado para não ver a morte e não foi achado, porque Deus transladara, visto como, antes da sua transladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus*" (Hb 11:5).

"*Os registros dos santos, Enoque e Noé, não terminam com o refrão morte. A finalização incomum com Noé é um testemunho em prol da esperança de justiça na linhagem de Sete*". (Bruce Waltke pg 133)

Outro membro da família da aliança, da linhagem piedosa de Sete, é Lameque, pai de Noé, que, pelo contexto, também era um homem piedoso e temente a Deus. (Gn 5:28,29)

Outro personagem, membro da linhagem piedosa de Sete que queremos destacar é Noé:

A – Achou graça aos olhos de Deus (Gn 6:8)

B – Era Justo e perfeito em suas gerações (Gn 6:9, 7:1)

C – Ele andava com Deus (Gn 6:9)

D – Foi um herói da fé (Hb 11:7)

E – Foi em pregoeiro da Justiça (II Pe 2:5)

F – Era obediente a Deus (Hb 11:7; Gn 6:13-22; 7:5)

G – Foi herdeiro da justiça (Hb 11:7)

H – Tinha aliança com Deus (Gn 6:18)

E ainda de acordo com vários exegetas, os filhos de Deus em Gn 6:2 é, realmente, uma referência aos descendentes da linhagem piedosa de Sete que se casou com as mulheres da linhagem ímpia de Caim.

"Essa interpretação identifica os "filhos de Deus" com homens descendentes da linhagem de Sete, ou seja, daqueles que tinham se mantido fiéis a Deus (Gn 5). As "filhas dos homens" seriam mulheres da ímpia linhagem de Caim (Gn 4:17-24). Este modo de interpretar o texto tem sido muito comum no meio cristão desde os tempos patrísticos. Hoje, ele é mais comum no meio cristão conservador, mas há alguns exegetas mais liberais que o adotam também.

Os principais argumentos a favor dessa interpretação são: Primeiro, homens eram também chamados de "filhos de Deus" na Bíblia (Êx 4:22, 23; Dt 14:1; 32:5,6; Sl 73:15; 82:6; Os 1:10; Ml 1:6). Segundo, não há nenhuma referência na Bíblia que apóie a idéia de que anjos ou demônios sejam seres dotados de funções sexuais, enquanto que o contrário é expressamente declarado em Mateus 22:30.

A ideia, mesmo de sexo em relação a Deus ou aos anjos, é algo totalmente alheio ao pensamento hebraico. Terceiro, no contexto que precede o capítulo 6, a família de Sete é diferenciada da família de Caim num plano religioso. Os Setitas eram aqueles que invocavam "o nome do Senhor" (Gn 4:26); enquanto que os Caimitas eram os descendentes de uma linhagem ímpia (Gn 4:17-24). Quarto, a expressão "tomar mulher" (lâqach *yishshâh) é uma expressão comum no AT para o casamento e não*

denota nenhuma relação anormal entre anjos e seres humanos. Quinto, o vs. 3 deixa claro que o juízo divino concernia o ser humano somente. Se os "filhos de Deus" eram anjos, alguma referência de juízo sobre eles deveria aparecer no texto também. No entanto, o juízo cai somente sobre os homens. Portanto, o texto parece indicar que somente a humanidade esteve envolvida na falta que foi cometida". (Bruce Waltke)

Mas afinal, "Quem são os filhos de Deus em Gn 6:2?

Como foi dito acima, defendemos a posição de que "os filhos de Deus em Gn 6:2" refere-se à linhagem piedosa de Sete: por ser a única que realmente se harmoniza com o contexto e com os ensinos gerais das Sagradas Escrituras.

O estudo será apresentado na seguinte ordem: primeiro a posição contrária à nossa, e, logo em seguida, faremos a refutação. Prosseguiremos, portanto, apresentando a posição que, doravante, será chamada de: "Posição mitológica", ou seja, a que vê os filhos de Deus, em Gn 6:2, como os anjos caídos. Isso se deve ao fato de que essa posição se aproxima bastante das fábulas, das histórias fantasiosas da mitologia grega. Outro sim, a repetição da frase: "Posição mitológica" é proposital no decorrer do texto. Pois ela traduz fielmente a interpretação equivocada de que os filhos de Deus, em Gn 6:2, são *"os anjos caídos"*, a qual, segundo a nossa interpretação, é um verdadeiro mito. Sim! Um mito e nada mais.

(Posição Mitológica)

Os filhos de Deus são os anjos caídos:

Os defensores desta posição apresentam as seguintes linhas de defesa e argumentação:

Somente os anjos são chamados filhos de Deus no Antigo Testamento.

Um argumento bastante usado para desarticular os defensores da linhagem piedosa de Sete é o de que somente os anjos são chamados de filhos de Deus no Antigo Testamento.

Refutação:

Esse argumento é bastante interessante, mas, ao mesmo tempo, insustentável diante das evidências dos textos bíblicos que confirmam que não somente os anjos, mas também os homens são chamados de filhos de Deus no Antigo Testamento. Segundo Keil e Delitzsch, a afirmação de que a expressão *"filhos de Deus"* é atribuída somente a anjos no AT:

"Só poderia ser aceita como a única correta se a linguagem em si não admitisse outra interpretação. Porém, esse não é o caso. Porque o termo bney há'Elohiym ou bney 'Elim não só se aplica a anjos, mas no Salmo 73:15, em um chamado a 'Elohiym, os piedosos são chamados "a geração de teus filhos", ou "filhos de 'Elohiym"; em Dt 32:5, os israelitas são chamados Seus (de Deus) filhos, e em Oseias 2:1, "filhos do Deus vivente"; e em Sl 80:17, se fala de Israel como o filho a quem 'Elohiym fortaleceu. Estas passagens demonstram que a expressão bney ha'Elohiym não se pode elucidar por meios filológicos, mas que deve ser desenvolvida teologicamente.

Seguindo a mesma linha de defesa Gleason Archer em sua Enciclopédia de Temas Bíblicos faz a seguinte afirmação:

"As ocorrências de bney 'Elohiym com referência a homens que tem um relacionamento de aliança com Deus são tão numerosas no AT quanto aquelas que se referem a anjos (cf Dt 14:1; 32:5; Sl 73:15; Os 1:10 e, cremos, em Gn 6:2 também).

Estamos de comum acordo que, no Novo Testamento somente aqueles que confessaram a Jesus como Senhor e Salvador e creram no seu nome (Rm 10:9,10 – Jo 1:11,12) receberam o poder de serem feitos filhos de Deus e, portanto, podem ser chamados de filhos de Deus. Mas, por outro lado, temos que concordar que Adão é chamado de filho de Deus no Novo Testamento, sem, no entanto, ter confessado a Jesus como Senhor e ter crido no seu nome. (Lc 3:23,38)

A única explicação plausível para esta excessão é que Adão, de verdade e de fato, é filho de Deus, e assim era considerado no Antigo Testamento. Ora, se um anjo caído, de acordo com os defensores da posição mitológica, pode ser chamado de *"filho de Deus"* no AT, porque não, mais justamente, Adão e os membros da linhagem piedosa de Sete?

O Novo Testamento apresenta as duas genealogias de Jesus.

A de Mateus (Mt 1:1-17) e a de Lucas, (Lc 3:23-38)

A genealogia de Mateus começa com Abraão, interessante para os judeus, por ser o pai dos hebreus e termina com Jesus. Ao passo que a de Lucas começa com Jesus e termina com Deus, pois é de interesse universal.

Nesta genealogia, Adão é o penúltimo personagem o qual é chamado de filho de Deus e vale lembrar que Adão é um personagem do Antigo Testamento que, em Lc 3:37,38, é chamado de filho de Deus pelo simples fato dele ser assim considerado no AT.

Assim está escrito:

"Cainã, filho de Enos, Enos filho de Sete, e este filho de Adão, filho de Deus". (Lc 3:38).

Portanto, dizer que somente os anjos são chamados filhos de Deus no Antigo Testamento, não condiz com a verdade dos fatos.

Adão é filho de Deus no mesmo sentido que os anjos o são.

Outro detalhe bastante interessante é que somente os anjos bons, que vivem na presença de Deus são chamados de filhos de Deus no Antigo Testamento. (Jó 1:6; 2:1; 38:7; Sl 29:1; 89:7; Dn 3:25)

Não há nenhuma passagem no A T que atribua esse status de filho de Deus aos anjos caídos, rebeldes e desobedientes a Deus; caso contrário teremos de aceitar que o próprio Satanás é filho de Deus! O que é inadmissível.

Que os homens piedosos, na antiga aliança, eram chamados de filhos de Deus pode ser comprovado por várias passagens do Antigo Testamento. (Dt 14:1; 32:5; Sl 73:15; Os 1:10).

O argumento de que no AT ninguém, exceto Adão, pode ser chamado de filho de Deus, porque somente Adão tinha a imagem de Deus. (Gn 1:26,27)

Argumenta-se que a raça humana foi feita a imagem de Adão e não a imagem de Deus. Por essa razão, somente Adão pode ser chamado de filho de Deus. Será?

Segundo os proponentes da posição mitológica, somente Adão foi feito diretamente por Deus (Gn 1:26,27; 2:7) e os outros seres humanos foram feitos à imagem de Adão (Gn 5:2). Logo, contrariando o que disseram anteriormente, concluem: *"Somente Adão e os anjos podem ser chamados de filhos de Deus, no sentido da criação"*.

Refutação:

Rejeitamos esse argumento por várias razões:

1 – Adão era o representante da raça humana e, por esta razão, toda a raça humana estava em Adão quando ele foi feito à imagem e semelhança de Deus. Na verdade, quando Deus fez Adão à sua imagem, não foi apenas o homem Adão, um ser humano individual que ele fez, mas, sim, a raça humana, os seres humanos (At 17:26; Rm 5:12). Portanto, seguindo essa linha de raciocínio, podemos afirmar que toda a raça humana foi feita à imagem de Deus.

Por outro lado, dizer que somente Adão, como indivíduo, tinha a imagem de Deus, é o mesmo que dizer que somente Adão pecou e não toda a raça humana como afirma a Bíblia sagrada. (Rm 3:26; 6:23; 5:12)

Mas sabemos, à luz da palavra de Deus, que esse argumento é inverossímil. Pois a Bíblia Sagrada sustenta, de maneira inequívoca, a universalidade do pecado, que teve origem, no mundo físico, através de Adão o progenitor da raça humana. Todos pecaram em Adão. E por qual motivo? A resposta é muito simples, todos estávamos em Adão (At 17:26; Rm 5:12). Logo, quando Adão caiu, todos caíram. E daí a Bíblia dizer:

"Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram". (Rm 5:12; 3:23)

2 – Toda a raça humana foi feita à imagem de Deus. Esta é uma verdade irrefragável, ensinada pelas Sagradas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

A primeira passagem bíblica que ensina essa verdade espiritual está no livro de Gênesis que diz:

"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;... E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou". (Gn 1:26,27)

A palavra hebraica, para homem, nesta passagem é אָדָם 'adam, com o significado de *"ser humano, raça humana, humanidade"*. Portanto, não foi apenas o homem Adão, personagem histórico, que foi feito à imagem de Deus, mas o gênero humano, a raça humana. A esse respeito diz Bruce Waltke:

"Depois de enfatizar que Deus criou 'adam, macho e fêmea, à sua semelhança, reiterando Gênesis 1:26-28, o narrador afirma que Adão "teve um filho à sua própria semelhança, à sua própria imagem" (5:3), não simplesmente que "se tornou o pai de", como no restante da narrativa. Esta variação singular revela a humanidade participando do ato criativo de Deus pela transferência seminal da imagem de Deus a cada geração sucessiva. Além disso, ao

ligar a criação da imagem com Sete, e não com Caim, o narrador conclui que o propósito de Deus para sua imagem será concretizado por meio de Sete e a designação de seus descendentes".(Bruce waltke).

Veja o leitor, que, as palavras de Bruce Waltke são esclarecedoras, não somente para provar que a raça humana, de um modo geral, foi feita a imagem de Deus, mas, também, para corroborar a idéia da linhagem piedosa de Sete.

A segunda passagem a afirmar de forma inequívoca que o ser humano, (a raça humana) foi criado à imagem de Deus Está em Gn 9:6. Assim diz o texto:

"Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem a sua imagem".

Como podemos ver, mais uma vez a Bíblia enfatiza que Deus fez o homem à sua imagem. A Bíblia não diz que Deus fez o homem (o ser humano, a raça humana) à imagem do homem Adão, mas, sim, à sua imagem. E mais uma vez a palavra hebraica para homem é אָדָם 'adam, que, pelo contexto, diz respeito única e exclusivamente ao "ser humano" e não a um indivíduo em particular.

O ensino do Novo Testamento

No novo Testamento, Paulo, ao instruir a igreja de Corinto, confirma a verdade bíblica de que o homem, o ser humano, foi feito à imagem de Deus, ao dizer que:

"O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus...". (I Co 11:7)

(A palavra grega para imagem de Deus, nesse texto, é εἰκὼν eikon, equivalente a palavra hebraica צֶלֶם tselem, em Gn 1:26,27 e 9:6).

Para por fim a essa questão queremos evocar as palavras de Tiago, o irmão do Senhor, registrada na epístola que leva o seu nome. Ao advertir os irmãos acerca do uso da língua, Tiago apresenta-nos uma verdade bíblica, insofismável, que confirma o ensino do Antigo Testamento sobre o homem ter sido feito à semelhança de Deus.

"Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus". (Tg 3:9)

Tiago não diz que Adão, como indivíduo, foi feito à semelhança de Deus, mas que "os homens foram feitos à semelhança de Deus e Pai".

Pode alguém questionar: *"Tiago não diz que o homem foi feito à imagem de Deus, mas sim, à sua semelhança"*. Respondo. A palavra imagem e semelhança são termos intercambiáveis, ou seja, imagem e semelhança são duas palavras diferentes para dizer uma mesma coisa. Vejamos:

"E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." Gn 1:26

"E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" Gn 1:27

Mas em Gn 5:1, a Bíblia não diz que Adão foi criado à imagem de Deus, mas não à sua semelhança.

"Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez". Gn 5:1

E, novamente, em Gn 9:6 a Bíblia volta a dizer que o homem foi feito à imagem de Deus. *"... porque Deus fez o homem conforme a sua imagem".* Gn 9:6

O mesmo ocorre no Novo Testamento, ora o homem foi feito à imagem de Deus, ora ele foi feito à semelhança de Deus. I co 11:7; Tg 3:9

A esse respeito diz Louis Berkhof:

"As palavras "imagem" e "semelhança são empregadas como sinônimos e uma pela outra e, portanto, não se referem a duas coisas diferentes. Em Gn 1:26 são empregadas as duas palavras, mas no versículo 27, somente a primeira delas. É evidente que esta é considerada suficiente para expressar a idéia completa. Em Gn 5:1 só ocorre a palavra "semelhança", mas no versículo 3 desse capítulo acham-se de novo ambos os termos. Gn 9:6 contém somente a palavra "imagem" como a expressão completa da idéia. Voltando ao Novo Testamento, vemos as palavras "imagem" e "glória" empregadas em I Co 11:7, somente "imagem em Cl 3:10, e só "semelhança" *em Tg 3:9. Evidentemente, os dois termos são empregados um pelo outro na Escritura.* (Teologia Sistemática pg 188)

Franklin Ferreira, em sua Teologia Sistemática esposa essa mesma opinião ao dizer que:

"o ser humano foi criado por um Deus pessoal, e o ser humano, tanto homem como a mulher, foi criado à imagem (tselem) e semelhança (dmut) deste Deus (Gn 1:26-27).

E, segundo Gehard vonRad:

"a segunda (palavra) interpreta a primeira, salientado a noção de correspondência e de semelhança". Também duas vezes é afirmado "fez/criou à imagem de Deus".

Como Gerard Van Groningen destaca:

"isto não é dito de nenhuma outra parte da criação", nem mesmo dos anjos (Sl 8) enfatizando "um relacionamento ímpar entre Deus e o homem".

No Antigo Testamento, a palavra tselem significa imagem, (...) padrão, a representação de um ídolo. Já dmut significa o que é semelhante ou comparável, a imagem de algo esculpido, não necessariamente para ser louvado, mas para representar. O paralelismo entre as duas palavras dá sentido pleno da noção imagem de Deus e, assim, elas não devem ser interpretadas como conceitos distintos. Quando a idéia é repetida em Gn 1:27; 5:1 e 9:6 é suficiente utilizar apenas uma delas apenas para comunicar a mesma idéia".

Na obra monumental *"Commentary on the Old Testament"*de Keil e Delitzsch encontramos a seguinte explicação acerca da imagem e semelhança de Deus:

"sobre as palavras a nossa imagem, conforme a nossa semelhança", os comentaristas modernos têm observado

corretamente que não há base para a distinção traçada pelos pais gregos, e depois deles, por muitos dos pais latinos, entre εἰκὼν *Eikon* (צֶלֶם *tselem imagem) e* ὁμοίῶ σις homoiosis (דְּמוּת *Demut semelhança), supunham que* צֶלֶם *Tselem representava o aspecto fisico da semelhança de Deus,* (דְּמוּת *Demut o ético; porém pelo contrário, os teólogos luteranos mais antigos estavam certos ao declarar que as duas palavras são sinônimos, e são uma mera combinação para acrescentar intensidade ao pensamento: "uma imagem que seja como nós" (Lutero)".*

À luz dessas explicações não somente Tiago, mas a Bíblia confirma que o homem, (os seres humanos, a raça humana) foi feito à imagem de Deus. E, portanto, com razão afirmamos que, não somente Adão, mas todos os seres humanos, do ponto de vista da criação, podem ser chamados de filhos de Deus.

Sobre este ponto de vista Louis Berkhof faz a seguinte afirmação:

"Note-se que o homem, mesmo após a queda, independentemente da sua condição espiritual, é apresentado como imagem de Deus" Gn 9:6; ICo 11:7; Tg 3:9.

Por outro lado, apesar de todos os seres humanos, do ponto de vista da criação, serem filhos de Deus, do ponto de vista espiritual, essa expressão é típica daqueles que vivem em uma relação de aliança com Ele. Tanto no A.T, quanto no NT, há uma separação entre os que servem a Deus e os que não O servem. Entre os santos e os pecadores.

Entre o justo e o ímpio, entre os que recebem a Cristo e os que o rejeitam.

Daí o porquê de acreditarmos que os descendentes de Sete (a linhagem piedosa de Sete) são os filhos de Deus em Gn 6:2.

***O argumento de que não havia uma linhagem piedosa de Sete pelo fato de todos terem perecido nas águas do dilúvio.**

Os defensores da posição mitológica na tentativa de provar que não havia uma linhagem piedosa de Sete apresentam a seguinte argumentação:

"Se a linhagem de Sete era realmente piedosa, porque ela pereceu nas águas do dilúvio?".

Refutação:

Afirmar que toda a linhagem piedosa de Sete pereceu nas águas do dilúvio não parece ser muito sensato; pois, Noé e sua família eram os legítimos representantes da linhagem piedosa de Sete e, não obstante, foram salvos das águas do dilúvio. A família de Noé foi o remanescente fiel. Mas, os que pereceram, foram justamente aqueles que se corromperam com as filhas dos homens, a saber, os descendentes da linhagem ímpia de Caim, contraindo casamentos mistos.

O fato de apenas Noé e sua família sobreviverem ao dilúvio não significa, necessariamente, que a linhagem piedosa de Sete tenha deixado de existir.

Por exemplo: Se uma nação for dizimada e dela restarem apenas quatro casais para se reproduzir, mesmo assim não podemos dizer que essa nação se acabou. Mesmo que a maioria de seus habitantes seja morta ela continuará existindo através de seus representantes (os quatro casais) que irão reconstruí-la. Foi justamente isso que ocorreu na época do dilúvio. Deus preservou a família de Noé para dar continuidade à família da aliança. Para comprovarmos que Noé e sua família representavam a linhagem piedosa de Sete, basta recorrermos ao texto de Lc 3 onde eles são apresentados como aqueles que dão continuidade a família da aliança, a saber, a linhagem piedosa de Sete. Nessa genealogia de Lc 3:23-38, Noé é o ponto que faz uma ligação entre os descendentes da linhagem piedosa de sete antes do dilúvio e os descendentes piedosos, da mesma linhagem, pós-diluvianos.

Para provarmos mais uma vez que a linhagem de Sete era piedosa, basta compararmos a genealogia de Gn 5:1-32 com a de Lc 3:23-38. Veja o leitor que na genealogia de Lc 3, a qual é do Senhor Jesus, não aparece nenhum descendente da linhagem ímpia de Caim, mas apenas os da linhagem piedosa de Sete.

Outro fato interessante, a ser observado, é que alguns representantes da linhagem piedosa de Sete estavam vivos pouco antes do dilúvio e, portanto, não sobreviveram ao dilúvio, não por serem ímpios, mas, porque morreram antes dele ocorrer. Por exemplo, Matusalém, morreu no ano do dilúvio e Lameque, seu pai, morreu cinco anos antes do dilúvio. E a respeito de Lameque e sua mulher, a Bíblia faz as seguintes referências:

"E viveu lameque cento e oitenta e dois anos e gerou um filho. E chamou o seu nome Noé, dizendo: Este nos con-

solará acerca de nossas obras, por causa da terra que o Senhor amaldiçoou".

Estes versículos são bastante significativos para provar que, apesar da corrupção generalizada, havia muitos membros piedosos na linhagem de Sete.

Obs: vale lembrar que:

"a genealogia de Gn 5 não pretende conter os nomes de todos os descendentes mas apenas os descendentes da linhagem piedosa".

Pois se atentarmos para o tempo de vida de Sete, de Enos, Matusalém, etc; teremos a impressão de que eles ficavam até 800 anos sem ter filhos, o que não corresponde com a verdade dos fatos. Pois vale reiterar que os nomes que aparecem na genealogia de Gn 5, são apenas os que o escritor julgou que fossem interessantes para o seu objetivo ou propósito.

O argumento de que as "filhas dos homens" em Gn 6:2 são as filhas de Sete

O argumento de que as filhas dos homens, apresentadas em Gn 6:2, são as filhas de Sete, pelo fato de na genealogia de Caim não aparecer filhas, mas apenas na de Sete, não se sustenta diante das seguintes afirmações:

Refutação:

a) O fato do texto não apresentar as filhas de Caim ou dos seus descendentes, não significa, necessariamente, que ele e os seus descendentes não tivessem filhas. Nesse caso,

vale a seginte frase: "Ausência de evidência não é evidência de ausência". O fato de não estar escrito que Caim teve filhas não significa que ele não as tivesse.

A pergunta que precisa ser respondida pelos adeptos da interpretação mitológica é: como é que os descendentes de Caim se reproduziram e se multiplicaram se eles não tinham filhas? Como a geração de Caim poderia ter sobrevivido por mais de 1000 anos sem haver filhas para se reproduzir?

b) Na genealogia de Caim, no capítulo 4 de Gênesis, poucos homens são apresentados, mas isso não significa que ele teve apenas estes filhos ou descendentes. O propósito do autor é apresentar aqueles que são proeminentes por algum motivo que o autor julgou importante.

Por exemplo, quanto aos membros da linhagem ímpia de Caim o autor apresenta Lameque, porque este foi o primeiro bígamo; Enoque, porque foi o primeiro filho de Caim, cujo nome foi dado a uma cidade.

Jabal, porque foi o pai dos que habitam em tendas e tem gado; Jubal, porque foi o pai dos que tocam órgão; Tubalcaim, mestre de toda a obra de Cobre e de ferro etc.

Mas é interessante notar que, nesta genealogia, aparece pelo menos uma filha de Lameque e Zilá, a saber, "Naamá".

A omissão ou destaque de alguns personagens depende do propósito do autor.

Na genealogia de Sete, por exemplo, não aparece o nome das mulheres, nem mesmo da mulher de Noé. Mas isso não significa que elas não tinham nome.

Nesta mesma genealogia os personagens são apresentados como alguém que nasceu, viveu longos anos e morreu. Mas na genealogia de Caim não é apresentado os anos de vida e nem a morte dos seus componentes, apenas o seu

nascimento. Será que podemos dizer que estes personagens não viveram e nem morreram simplesmente por esses fatos não estarem registrados na Bíblia Sagrada? É claro que não!

Outro fato curioso é que na genealogia dos descendentes de Noé, no capítulo 10 de Gênesis, só aparecem homens. Ao passo que, na genealogia de Sem, o qual faz parte da linhagem messiânica, como é o caso de Sete, aparecem as mulheres e a mesma expressão comum na genealogia de Sete "nasceram filhos e filhas".

Na genealogia de Mateus aparecem 4 mulheres, mas não se diz que elas foram geradas por alguém, como em Gênesis 5 e 11. Não obstante, na genealogia de Lucas não aparece nenhuma mulher, nem mesmo a mãe de Jesus, mas apenas homens. Será que por isso podemos dizer que os homens dessa genealogia não geraram filhas? É claro que não. Pois estes personagens da genealogia de Gn5 estão na genealogia de Lucas numa forma inversa. Pois os nomes dos ancestrais aparecem do fim para o começo na genealogia de Lucas 3.

À luz dessas explicações, concluímos que na genealogia de Caim havia mulheres, os seus descendentes geraram filhos e filhas, mas o autor, por algum motivo, preferiu não incluí-los à lista de nomes.

Portanto, dizer que as "filhas dos homens" em Gn 6:2 são as filhas de Sete, porque somente na sua linhagem aparece a expressão: "gerou filhos e filhas" é uma temeridade e não serve, portanto, como um argumento convincente.

Essa lógica de que: se não aparece na Bíblia é porque não existe é um tanto perigosa em alguns casos. Por exemplo:

O nome de Deus não aparece no livro de Ester, logo, Deus não existe? Mas será que Deus não existe, pelo simples fato do seu nome não aparecer no livro de Ester? É

claro que Deus existe! Pois a Bíblia toda, em nenhuma só passagem, sugere o contrário.

O argumento de que as "filhas dos homens" são as filhas da humanidade

Os adeptos da interpretação mitológica (que acreditam que os filhos de Deus em Gn 6:2 são anjos) defendem que *"as filhas dos homens"*, são as filhas da humanidade, de todos os seres humanos e não de um individuo, grupo ou classe de pessoas.

A justificativa para esta afirmação reside no fato de que a palavra, אָדָם 'adam, em algumas passagens, é um termo genérico para humanidade. E daí, *"filhas dos homens"* serem *"filhas da humanidade"*. E argumentam:

"Não se pode atribuir um significado para אָדָם 'adam, *" homem" (humanidade em geral) em Gn 6:1 e um outro em 6:2 (homem no sentido mais restrito, tanto descendente de Sete quanto de Caim)".*

Para responder a essa indagação evocamos o argumento de Victor P. Hamilton:

"Poucas passagens das escrituras são de tão árdua interpretação como Gn 6:1-4. O pior problema reside em identificar os "filhos de Deus" e as "filhas dos homens".

Ainda, segundo ele: *"um grande número de exegetas antigos e modernos vêem os filhos de Deus". Como uma referência aos descendentes de Sete e em "filhas dos homens",*

uma referência aos descendentes de Caim. O pecado seria uma infeliz mistura entre a linhagem santa de Sete e a linhagem ímpia de Caim.

A vantagem imediata dessa explicação é sua inter-relação com as informações dos capítulos imediatamente anteriores, principalmente os capítulos 4 e 5, nos quais a linhagem de Caim é comparada à linhagem de Sete. Além disso, existem comparações bastante explicitas entre as atividades de seus descendentes e os dois grupos mencionados em Gn 6:1-4. Temos, por exemplo, a inesperada menção às "filhas dos homens" (6:2), que estabelecem um paralelo com as filhas de diversos descendentes de Sete, as únicas mencionadas até aqui nas Escrituras (5:4,7,10,13,16,19,22,26,30).

Outro exemplo desse paralelismo pode ser verificado nos filhos de Deus, "tomando para si mulheres" (6:2), em relação a Lameque, descendente de Caim, que "tomou duas mulheres" (4:19).

Ao seguirmos tais comparações acabamos por constatar que elas equiparam os filhos de Deus à semente de Caim (Lameque tomou mulheres para si, assim como fizeram os filhos de Deus) e as filhas dos homens aos descendentes de Sete o contrário das explicações tradicionais.

Tem-se objetado que essa teoria é indefensável, pois atribui um significado para "homem" em 6:1 (humanidade em geral) e outro em 6:2 (homem no sentido mais restrito, tanto descendente de Sete quanto de Caim). Em resposta, observo que é possível uma palavra assumir sentidos diversos em um mesmo capítulo. Como exemplo cito 2 Samuel 7, a instituição da aliança davídica, em que encontramos diversas nuanças para a palavra "casa". "casa" significa um templo nos versículos 1 e 2; uma dinastia nos versículos 11,16,19,25,27 e 29 e reputação ou status, no versículo 18". (Manual do Pentateuco pg 66,67).

Outra verdade que gostaríamos de apresentar, como prova de que as *"filhas dos homens"* em Gn 6:2 dizem respeito aos descendentes da linhagem ímpia de Caim, consiste no fato de que Adão é chamado de *"filho de Deus"* em Lc 3:38; e os maus, os ímpios são chamados de *"filhos dos homens"* בְּנֵי הָאָדָם Bney há'adam, em Gn 11:5.

O argumento de que a expressão Bney ha 'Elohiym, "os filhos de Deus" é um termo técnico para designar os anjos.

Outro argumento usado pelos defensores da interpretação mitológica, de que "os filhos de Deus" em Gn 6:2 são os anjos caídos, é que a expressão Bney há 'Elohiym, segundo eles, é um termo técnico para designar anjos. E na tentativa de dar maior credibilidade a essa assertiva recorrem a duas obras teológicas de peso no cenário internacional, a saber:

História dos Hebreus (Flávio Josefo) e ao Codex Alexandrinus.

De acordo com esses interpretes, a expressão Bney há 'Elohiym em momento algum é usada para homens, pois em todas as passagens fora do livro de Gênesis ela é atribuída a anjos como é o caso de Jó 1:6;2:1;38:7; Sl 29:1; 89:7 e Dn 3:25

Jó 1:6 Bney há 'Elohiym *"os filhos de Deus"*
Jó 2:1 Bney há 'Elohiym *"os filhos de Deus"*
Jó 38:7 Bney 'Elohiym *"os filhos de Deus"*
Sl 29:1 Bney 'Elohiym *"os filhos de Deus"*
Sl 89:7 Bney 'Elohiym *"os filhos de Deus"*

Dn 3:25 Bar 'Elahiym, *"filhos dos deuses"*

Logo, a conclusão que tiram é que Bney há 'Elohiym, no AT, realmente, é um termo técnico para designar anjos.

Refutação:

Devemos confessar que tanto a apresentação quanto o argumento são muito interessantes. E além de tudo isso, eles tem a seu favor os depoimentos de duas grandes obras de reputação internacional: Codex Alexandrinus que traduz a expressão Bney há 'Elohiym Gn 6:2 por: ... *"os anjos de Deus"* e a História dos Hebreus de Flávio Josefo por *"os grandes"*, ou seja, *"os anjos"*.

Não obstante, devemos confessar que esse argumento seria plausível e bastante convincente, não fossem os depoimentos contrários que pesam sobre eles.

Em primeiro lugar a afirmação de que Bney há 'Elohiym é um termo técnico para designar anjos é uma criação dos adeptos da posição mitológica e carente de bases sólidas, pois ela não se sustenta à luz do contexto, do testemunho da Septuaginta e do próprio Codex Alexandrinus que, diga-se de passagem, foi adulterado para favorecer a interpretação de quem o adulterou.

Vamos à interpretação do termo bney ha'Elohiym nas diferentes passagens da Bíblia:

Interpretando Jó 1:6; 2:1; 38:7 e Dn 3:25, à luz do contexto.

Quando examinamos a expressão Bney há 'Elohiym em Jó 1:6; 2:1 e 38:7 à luz do contexto é fácil perceber que se trata de anjos.

Se não vejamos.

Em Jó 1:6 lemos o seguinte:

"E vindo um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles". Jó 1:6

E em 2:1 lemos:

"E, vindo outro dia, em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o Senhor"

Pelo relato das passagens acima é possível perceber que se trata de anjos, pois Satanás, como anjo caído, juntamente com os filhos de Deus, os anjos bons, apresentou-se perante o Senhor.

Que os filhos de Deus, em Jó 1:6 e 2:1 são anjos é consenso até mesmo entre os proponentes da posição mitológica.

Obs: (é opinião comuníssima entre os teólogos que Satanás, nessa época, tinha acesso à presença de Deus. Daí o porquê dele se apresentar diante de Deus juntamente com os anjos bons. Mas, vale ressaltar que, nesse episódio, somente os anjos bons são chamados de *"filhos de Deus"*).

No caso de Jó 38:7, o próprio texto dispensa comentário uma vez que o episódio ocorreu quando, de acordo com o contexto, o homem nem sequer havia sido criado.

Assim está escrito:

"onde estavas tu quando eu fundava a terra? Faze-mo saber se tens inteligência. (...) quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus (Bney há 'Elohiym) rejubilavam?" (Gn 38:7).

Propomos que o final do versículo sete trata-se de um paralelismo sinonímico, pois as expressões: *"a estrela da alva"* e *"os filhos de Deus"*, nesse texto, tratam-se das mesmas pessoas, isto é, *"os anjos"*.

Se levarmos em conta que o homem foi criado somente no sexto dia, quando tudo já havia sido criado, não será difícil entendermos que *"os filhos de Deus"*, aqui, em Jó 38:7, se trata de anjos. Pois não há como colocarmos o homem nessa historia, uma vez que ele ainda nem se quer existia.

Já em Dn 3:25 a passagem não deixa margem para duvidas, pois, foram lançados apenas três homens na fornalha, mas Nabucodonosor viu quatro e o quarto homem tinha a aparência do filho dos deuses *"bar Elahim"*. Logo, a expressão "filho de Deus", nesse texto, está se referindo a um ser sobrenatural.

Não obstante, com razão indagamos: É possível, pelo contexto, afirmar que os filhos de Deus em Gn 6:2 são anjos? O contexto depõe contra ou a favor dessa assertiva?

Analisando Gn 6:2 à luz do contexto

A fim de elucidar um texto que a nós nos parece obscuro, uma das regras da hermenêutica sacra recomenda que: *"devemos interpretar o texto à luz do contexto"*.

Com base nessa recomendação, entendemos que *"os filhos de Deus"* em Gn 6:2 não são anjos, mas seres humanos, pelas seguintes razões:

A) Os infratores são seres humanos e o juízo é contra estes;

B) A expressão *"tomar uma mulher"*, no Antigo Testamento, é um termo técnico para designar um casamento legítimo e não um ato de prostituição ou de uma relação sexual ilícita como querem fazer pensar os adeptos da posição mitológica (Gn 2:21; 6:2; 11:29; 20:2; 21:21; 24:3,4,67; 25:1,20; 26:34; 28:9; 29:23; 36:2; Êx 2:1; 6:20,23,25). A esse respeito diz Keil:

"No versículo 2 se declara que "viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram", qualquer com cuja beleza eles ficaram deslumbrados; e estas esposas lhes deram à luz filhos (vs. 4). Ora, o termo hebraico, laqach 'ishah, "tomar uma esposa" é uma frase que se mantém através de todo o Antigo Testamento para a relação do matrimônio, estabelecida por Deus na criação, e nunca se aplica a porneia, "prostituição, relação sexual ilícita". Isto basta para excluir qualquer referência aos anjos. Porque Cristo declara distintivamente que os anjos não podem casar-se (Mt 22:30; Marcos 12:25; em comparação com Lc 20:34ss.).

Sobre esse assunto diz Bruce Waltke:

"casaram: literalmente "tomaram para si esposas", referência a casamentos inter-raciais, não a fornicação". (Gênesis pg 141)

C) Não há como afirmar pelo contexto que *"os filhos de Deus"*, em Gn 6:2, sejam anjos. Pois, tanto o texto de Gn 6, quanto os capítulos anteriores e posteriores apontam para seres humanos.

O capítulo quatro de Gênesis trata: do nascimento de Caim e Abel; do assassinato de Abel por seu irmão Caim; e das consequências deste ato. Logo em seguida é apresentada a linhagem ímpia de Caim e no final um descendente de Sete, a saber, Enos, a partir do qual tem início o culto público a Deus, com a invocação do seu nome (Gn 4:26).

No capítulo cinco de Gênesis Moises, de uma maneira cuidadosa, apresenta a linhagem piedosa de Sete, linhagem esta marcada pela devoção, reverência, temor e obediência a Deus.

Até este ponto, pelo que podemos ver, não há como afirmar que *"os filhos de Deus"* sejam anjos. O contexto dos dois capítulos não nos oferece um ambiente favorável para essa afirmação. Pois tanto o capítulo quatro quanto o capítulo cinco estão tratando apenas de homens, de seres humanos e não de anjos.

Já, os capítulos 7,8 e 9 estão fora de discussão; pois, como podemos ver, tratam apenas de Noé e sua família e dos animais sendo salvos das águas do dilúvio.

Portanto, resta apenas analisarmos o capítulo de número seis. Pois, todo o texto e o contexto do capítulo 6 fazem referência somente a homens, a seres humanos, como veremos a seguir:

V1 os homens começaram a se multiplicar sobre a face da terra (homens)

Nasceram-lhe filhas (mulheres)

V2 Os filhos de Deus viram as *"filhas dos homens"*.

V3 A contenda do Espírito do Senhor é com o *"homem"*;

a) Porque ele também "é carne" (aqui não diz que ele é espírito)

b) O tempo de vida dos antediluvianos, da proclamação do juízo até o dilúvio seria de 120 anos. Portanto esse juízo é contra o homem, visto que os anjos são imortais. (lc 20:36)

V5 Viu o Senhor à maldade *"do homem"*

V6 O Senhor se arrependeu de haver feito *"o homem"*

V7 O Senhor prometeu destruir *"o homem"* que Ele criou

V12 A terra estava corrompida (Terra = a seres humanos)

Bruce K. Waltke, um dos mais notáveis eruditos do Antigo Testamento, esposa esta mesma opinião em seu comentário de Gênesis:

"O conceito de que os anjos tinham relações sexuais com os mortais é extremamente antigo... Contudo não se ajusta ao contexto do dilúvio, visto que o juízo do dilúvio é contra a humanidade (Gn 6:3-5) e não contra a esfera celestial. Deus especificamente rotula os ofensores em 6:3 de "carne" (bashar) "mortal" (na NVI). Esta interpretação também contradiz a afirmação de Jesus de que os anjos não se casam (Mt 22:30; Mz 12:25). Uma coisa é anjos comerem e beberem (ver Gn 19:1-3); outra bem diferente é se casarem e se reproduzirem"- pg 139,140.

Outro argumento em favor de que o texto faz referência ao ser humano e não aos anjos está em que: *"Toda carne havia corrompido o seu caminho"* (carne = pessoas) (Gn

6:12). O texto não diz que os anjos haviam se corrompido, mas que *"toda a carne"*, isto é, os seres humanos haviam-se corrompido. E, ainda, no versículo seguinte lemos que: *"O fim de toda carne havia chegado"* (Gn 6:13). Veja o leitor que o texto não diz que havia chegado o fim de todos os anjos caídos, mas sim o fim de toda carne.

Como podemos ver o protagonista de todo o texto é o homem, o ser humano. Nada se diz acerca dos anjos. Portanto, colocarmos os anjos nesse contexto seria uma violência ao próprio texto bíblico.

O argumento de que o Codex Alexandrinus traduz a expressão: Bney há'Elohiym por hoi angeloi tou Theou, "os anjos de Deus"

Os defensores da posição mitológica, que vêem os filhos de Deus em Gn 6:2 como anjos, sustentam esta posição argumentando que o Codex Alexandrinus, um manuscrito datado do séc V d.C, traduziu a expressão bney'há Elohim em Gn 6:2 por hoi Angeloi tou theou *"os anjos de Deus"*. Visto que este manuscrito grego datado do V século d.C, goza de grande credibilidade no mundo acadêmico, eles dão essa tradução como correta e que, portanto, constitui-se em uma grande dificuldade para os defensores de que os filhos de Deus em Gn 6:2 *"são os membros da linhagem piedosa de sete"*.

Refutação:

Somos contrários a esse argumento por duas simples razões.

a) A septuaginta (LXX) versão grega dos Setenta que, segundo a tradição, foi produzida por 72 judeus versados no grego e no hebraico, por volta de 300 a.C, e, portanto, muito mais antiga e de maior credibilidade e aceitação do que o Codex Alexandrinus, traduz a expressão בְּנֵי־הָאֱלֹהִים bney há 'Elohim em Gn 6:2 por οἱ υἱοὶ τοῦ θεοῦ hoi huioi tou Theou *"os filhos de Deus"*. Ora não estamos falando de um tradutor, mas de 72 tradutores judeus, versados tanto no grego quanto no hebraico. ***(a LXX Septuaginta citada aqui é a de Alfred Ralphs, considerada padrão no mundo acadêmico)***

A pergunta que não quer calar é:

Porque os 70 (LXX) traduziram a expressão:

בְּנֵי־הָאֱלֹהִים bney há'Elohim por οἱ υἱοὶ τοῦ θεοῦ hoi huioi tou Theou, *"os filhos de Deus"*, em Gn 6:2 e os tradutores do Codex Alexandrinus traduziram a mesma expressão em Gn 6:2 por οἱ ἄγγελοι τοῦ θεοῦ hoi angeloi tou theou *"os anjos de Deus?"*

Outra pergunta inquietante é: Porque os tradutores da Septuaginta traduziram a expressão bney há'Elohiym em Gn 6:2 por οἱ υἱοὶ τοῦ θεοῦ hoi huioi tou Theou, *"os filhos de Deus"*, mas em Jó 1:6; 2:1 e 38:7, traduziram por οἱ ἄγγελοι τοῦ θεοῦ hoi angeloi tou Theou, *"os anjos de Deus"?* Porque essa disparidade na tradução?

A resposta é simples: os tradutores da Septuaginta não levaram em conta apenas o texto hebraico, mas o fator teológico e o contexto das passagens para fazerem a tradução.

A expressão bney ha' Elohiym em Gn 6:2, pelo contexto, eles entenderam que se tratava de homens, de seres huma-

nos, mas em Jó 1:6; 2:1 e 38:7, pelo contexto, eles interpretaram como anjos.

Para maior clareza e confirmação da verdade, gostaríamos de reiterar que a septuaginta, versão dos 70, mencionada acima, foi publicada pela (Deutsche Bibelgessellschaft- Sociedade Bíblica Alemã). *"Como é bem conhecido nos círculos acadêmicos, a septuaginta (LXX) é uma versão grega do Antigo Testamento elaborada por estudiosos judeus no contexto helenizado Alexandrino por volta do século III a.C. A edição aqui utilizada, editada por Alfred Rahlfs, é considerada padrão no mundo acadêmico teológico".* (Antigo Testamento Poliglota)

Outro ponto a ser considerado é que o Codex Alexandrinus é um texto tardio, produzido cerca de 800 anos depois da septuaginta (LXX). A julgar pela importância e credibilidade ficamos com a LXX.

O Codex Alexandrinus datado do V século d.C, é um documento, um manuscrito que sofreu adulteração de acordo com a nota de rodapé da Septuaginta editada por Alfredo Rahlfs.

Em Gn 6:2, Alfred Rahlfs, na nota de rodapé escreve:

Gn 6:2 οἱ υἱοὶ τοῦ θεοῦ "hoi uioi tou Theou" e na frente dessa expressão coloca a letra (A), sinal que corresponde ao Codex Alexandrinus, e no alto da letra (A) ele coloca a letra (R) que corresponde a palavra latina reescriptor, "reescrito". Indicando com isso que o texto do Codex Alexandrinus não é autêntico, mas que, maldosamente, a fim de fazer prevalecer o ponto de vista do tradutor, ele foi adulterado, reescrito, ou seja, no lugar onde estava escrito "hoi huiou tou theou, *"os filhos de Deus"* como na septuaginta, alguém escreveu: hoi angeloi tou Theou, *"os anjos de Deus"*.

Esta adulteração, pelo menos nessa passagem de Gn 6:2, tirou a credibilidade e a autoridade do Codex Alexandrinus.

Essa fraude cometida nesse manuscrito é tão gritante que, os fraudadores tiveram o cuidado de reescrever, hoi angeloi tou Theou, em cima de Gn 6:2, mas se esqueceram de fazer o mesmo em Gn 6:4 onde ocorre a mesma expressão bney ha'Elohiym. E vale lembrar que Gn 6:4 está dentro do mesmo contexto de Gn 6:2.

Finalizamos esse argumento reiterando a seguinte afirmação:

"A Septuaginta traduz a expressão hebraica bney há'Elohiym, em Gn 6:2 e 4, como hoi huiói tou Theoú *e não como* hoi ángeloi tou Theoú, *como ela o faz em Jó 1:6 e 2:1, por exemplo. Em Jó 1:6 e 2:1,os tradutores da Septuaginta traduziram a expressão bney ha'Elohiym, "filhos de Deus" por "anjos de Deus"por levar em consideração o contexto da frase; mas, este não é o caso em Gn 6:2, onde o contexto do capítulo indica que os filhos de Deus são seres humanos. "O Códex Alexandrinus tem* hoi ángeloi tou Theoú, "os anjos de Deus" *em Gn 6:2, no entanto, esta frase parece ter sido escrita sobre a frase original* hoi huiói tou Theoú, *"os filhos de Deus", a qual teria sido apagada nesse verso, mas foi mantida no vs. 4 desse códex, de acordo com a nota de rodapé da Septuaginta de Alfred Ralphs.* Portanto, por questões filológicas e por falta de provas documentais, esse argumento, de que a expressão "os anjos de Deus" consta no Codex Alexandrinus, na passagem de Gn 6:2, deve ser rejeitado.

O argumento de que os anjos podem se humanizar.

Os defensores da posição mitológica argumentam que os anjos podem se humanizar pelo fato de:

a) Serem confundidos como homens pelos de Sodoma e Gomorra; Gn 19
b) Os anjos enviados a Sodoma terem comido;
c) Serem hospedados sem o consentimento humano Hb 13
d) Lutar com os seres humanos, como no caso de Jacó etc.

Refutação:

Somos contrários a esse argumento por diversas razões que iremos apresentar. Antes, porém, gostariamos de falar sobre a natureza dos anjos.

A palavra Anjo vem do hebraico, מַלְאָךְ Mal'ak, *"mensageiro"* e do grego, ἄγγελος angelos, *"mensageiro"*.

Os anjos foram criados de um modo muito diferente dos seres humanos.

Eles foram criados individualmente; cada anjo é responsável por si mesmo e pela sua própria culpa.

a) Que eles foram criados individualmente a Bíblia não deixa nenhuma dúvida. Cada anjo é uma obra prima da mão de Deus. Eles não procriam não se reproduzem, e não se multiplicam.

Não existem anjos e anjas. Existem somente anjos. Eles não são dotados de órgãos reprodutores como os seres humanos. Deus, a partir de Adão fez todas as raças para povoarem a terra (At 17:26)

Deus fez Adão e de Adão fez Eva; e esse casal, conforme a ordem expressa de Deus frutificou e se multiplicou e encheu a terra (Gn 1:26-28). Os anjos, como já dissemos,

foram criados individualmente. Cada anjo é seu próprio representante.

Portanto, um anjo, de acordo com a bíblia, não se reproduz não se multiplica; eles não possuem órgão reprodutor, essa é a sua natureza, esse é o modo como Deus os criou.

Jesus, em resposta aos saduceus acerca da ressurreição, foi taxativo ao afirmar que os anjos não podem se casar ou se reproduzir:

"... Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus. Porque, na ressurreição, nem casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu" (Mt 22:29,30)

"E respondendo Jesus, disse-lhes: Os filhos deste mundo casam-se e são dados em casamento, mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro e a ressurreição dos mortos nem hão de casar, nem ser dados em casamento; porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição". (Lc 20:34-36)

b) O anjo é espírito, um ser desencarnado, incorpóreo, ele não tem carne e nem ossos (Hb 1:14; lc 24:336-39)

Anjos bons não sentem atração por mulheres e anjos caídos não podem ser chamados de filhos de Deus. Será que Satanás é filho de Deus?

Um anjo por sua livre vontade e por seu próprio poder não pode encarnar, nem assumir a forma humana ou natureza humana. Não lhes foi dado esse poder. Nem aos anjos bons e nem mesmo aos anjos caídos. Não há na Bíblia nem

uma só passagem que afirme que os anjos têm poder, por si mesmos de se humanizar ou assumir forma humana. Se isso fosse possível, o próprio Satanás que é um anjo caído, bem como os seus anjos lançariam mão desse recurso para enganar e destruir a humanidade. Eles entraram no ser humano e nos corpos; mas nunca se transformaram em um ser humano. (lc 24:36-39).

Respondendo aos argumentos dos defensores da posição mitológica afirmamos que:

A, os anjos que foram até Sodoma e Gomorra assumiram uma aparência humana por meio de um milagre concedido pelo próprio Deus:

1°) eles estavam a serviço de Deus.

2°) eles estavam na companhia do próprio Deus (Gn 18-3

3°) não podemos perder de vista que o texto bíblico não apresenta apenas dois mas três varões. E um deles era o próprio Yahweh (Gn 18:1-3)

4°) o fato de Yahweh aparecer nas mesmas condições dos dois anjos que foram a Sodoma, isto é, com uma aparência humana, de homens, não significa necessariamente que ele tenha se humanizado, ou se tornando um homem. Pois a única pessoa da trindade que se humanizou, se fez carne e habitou entre nós foi o Senhor Jesus Cristo, por causa da sua missão de se identificar com o homem, e como

homem morrer pelo homem a fim de justificá-lo e reconciliá-lo com Deus.

Quanto aos anjos que apareceram a Abraão terem comido, eles fizeram não porque tinham necessidade, mas foi simplesmente um ato de gentileza para com o gesto hospitaleiro de Abraão. Pois vale lembrar que nesse episodio o próprio Yahweh estava presente e também comeu do alimento preparado por Abraão. Porventura tem Deus necessidade de comer? É claro que não. Da mesma sorte os dois anjos também não tinham.

Outro detalhe muito interessante é que esse episódio é um caso único em toda a Bíblia, um milagre da parte de Deus, como afirma Keil:

"em primeiro lugar, o comer neste caso foi um milagre realizado pela condescendente graça do Deus Onipotente, e não estabelece uma base para julgar o que os anjos podem fazer pelo seu próprio poder em rebelião contra Deus".

Por outro lado, "*uma coisa é anjos comerem e outra bem ddiferente é anjos se casarem e manterem relações sexuais*", como pondera Bruce Waltke.

Portanto, esse argumento não serve como base para fundamentar a ideia de que os anjos comem ou tenham a necessidade de comer.

E, por outro lado, a Bíblia não registra outra passagem em que um anjo tenha aparecido como aqui em Gn 18 e 19.

Alguém poderá citar a aparição dos anjos após a ressurreição de Jesus, nos evangelhos sinóticos, mas convém notar que aqueles anjos apareceram de uma forma atípica, diferente.

Assim diz o texto:

"E eis que houve um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela.

E o seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste branca como neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos". (Mt 28:2-4)

Alguns pontos precisam ser considerados nessa passagem a respeito desse anjo:

1) Aquele anjo não era apenas um anjo, mas sim "um anjo do Senhor" V2
2) Ele desceu diretamente do céu para executar uma missão a ele confiada pelo Senhor V3
3) O seu aspecto era como um relâmpago. V3
4) Sua veste era branca como a neve. V3 (veja Lucas 24:4)
5) Os guardas tiveram medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos V4 (veja lc 24:5).

Outras aparições angelicais, no Antigo Testamento, tratam-se do Anjo do Senhor que, é consenso ente os mais renomados teólogos, tratar-se de uma teofania isto é, uma manifestação de Deus.

O anjo do Senhor

A expressão מַלְאַךְ יְהוָה Mal'ak Yahweh é um termo técnico para designar o Anjo do Senhor.

Quem é o Anjo do Senhor?

No estudo da angelologia são apresentados alguns pontos de vista acerca do Anjo do Senhor.

a) O Anjo do Senhor sefere-se a um anjo especial enviado da parte do Senhor. Esse anjo é um tipo de representante do próprio Deus que executa as suas ordens.
b) O anjo do Senhor é uma teofania (manifestação de Deus). Esta afirmação deve-se ao fato desse anjo falar na primeira pessoa; em nome de Deus; receber adoração; e levar o nome de Deus.
c) E, por último, uma posição difícil de ser provada é a de que o Anjo do Senhor se trate de uma cristofania, isto é, uma manifestação de Cristo.

Seja o Anjo do Senhor: um anjo especial de Deus ou uma teofania; uma coisa é certa, esse anjo não era um simples anjo da corte angelical, visto que ele aparece somente em ocasiões muito especiais. Outro detalhe a ser observado é que as coisas realizadas por ele são próprias dele mesmo, e, a nenhum outro anjo é concedido o poder de realizá-las. Esse anjo é um caso isolado e, portanto, com base nas suas ações alguém dizer que todos os anjos são iguais a ele, no sentido de poder e exercício de autoridade, é no mínimo uma temeridade, um verdadeiro absurdo.

Porque os anjos não podem se casar e se reproduzir?

Como já foi tratado anteriormente, os anjos não fazem parte do gênero humano que foi criado por Deus com a capacidade de se casar e se reproduzir. Eles, como sabemos,

são espíritos, não possuem um corpo humano e, portanto, não possuem órgãos reprodutores que lhes dêem a capacidade de reproduzir. As passagens bíblicas que provam de forma clara e inequívoca que os anjos são incorpóreos são tão abundantes no Novo Testamento que dispensam comentários. Confira algumas delas: (Mt 8:16; 12:45; Lc 7:21; 8:2; 11:26; At 19:12; Ef 6:12 e Hb 1:14).

Falando a esse respeito, disse Tomas de Aquino:

"... é provada pela autoridade da Sagrada Escritura que os anjos são incorpóreos, pois ela os denomina "espíritos". Diz-se no Salmo: "[Ele, que] de espíritos faz seus mensageiros"; e diz o apóstolo aos Hebreus, falando dos anjos: "Todos esses espíritos são ministros [de Deus], enviados para exercer seu ministério a favor daqueles que hão de receber a herança da salvação". É comum na Sagrada Escritura designar pelo nome de espírito algo incorpóreo; segundo João IV: "Deus é espírito, e em espírito e verdade é que O devem adorar os que O adoram", e Isaias XXXI; "O Egito é um homem, e não Deus; e os seus cavalos são carne, e não espírito".

Portanto, tem-se, segundo o parecer da Sagrada Escritura, que os anjos sejam incorpóreos".

Outra passagem que reforça a idéia de que os anjos são incorpóreos está registrada no evangelho segundo Marcos. Jesus, ao dirigir-se a um espírito imundo que atormentava o gadareno, perguntou-lhe: "Qual é o seu nome? O espírito maligno respondeu: "Legião é o meu nome, porque somos muitos". (Mc 5:8,9,15). Ao falar sobre o número dos anjos Louis Berkhof nos dá uma informação bastante valiosa acerca do número que compunha uma legião:

"Nem sempre as legiões romanas eram numericamente iguais, mas em diferentes ocasiões variavam de 3 mil a 6 mil legionários".

Por outro lado, se levarmos em conta o v15 podemos considerar que o número de espíritos que possuíam aquele endemoninhado era de no mínimo dois mil.

Portanto, o fato daqueles dois anjos, que estavam na companhia do próprio Yahweh, terem comido na casa de Abraão (Gn 19:1-3), não significa necessariamente que eles tenham necessidade de comer ou que possuam corpos e possam se reproduzir e se casar. Sobre isso pondera Bruce Waltke:

"uma coisa é anjos comerem e beberem (Gn 19:1-3); outra bem diferente é se casarem e se reproduzirem". (Gênesis, pg 140)

Que os anjos são espíritos e não se reproduzem as Sagradas Escrituras não deixam nenhuma margem para dúvidas conforme podemos observar na epístola aos Hebreus (Hb 1:14). E, na concepção de Jesus, *"um espírito não tem carne e nem ossos".* (Lc 24:36-39).

Outra verdade, insofismável, dita por Jesus, é que os anjos não se casam:

"Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Errais não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus. Porque, na ressurreição, nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu". (Mt 22:29,30)

Ao fazer esse tipo de afirmação, Jesus não está querendo dizer com isso que os anjos não se casam simplesmente

porque estão nos céus, dando a entender que se porventura estiverem na terra eles podem se casar, como afirmam os adeptos da posição mitológica. Muito pelo contrário, pois a expressão "nos céus" indica, simplesmente, o lugar da habitação dos anjos, a sua morada, a sua origem, a região onde eles vivem. É muito importante salientar que a mudança de posição geográfica dos anjos não implica em mudança de natureza. Pois, biblicamente falando, eles jamais deixarão de ser espíritos pelo fato de virem dos céus a terra.

Para por fim a essa questão queremos registrar um argumento muito interessante colhido do livro, De Substantiis separatis (Sobre os Anjos):

"O Aquinate expõe e analisa com precisão a raiz do erro de pensar que substâncias separadas da matéria teriam algum suposto material. E enumera (...) razões teológicas— as quais fundamentaram a posição de autores da Patrística grega que teriam incorrido em tal engano; 1) A narração do Gênesis (6:2 e 4), onde se diz que os filhos de Deus (em alguns códices da versão dos LXX, "filhos de Deus" refere-se a angélous tous theous) tiveram relação carnal com mulheres e geraram gigantes. Tomás de Aquino sustenta que parece mais crível tratar-se das uniões conjugais entre os descendentes da raça eleita, os filhos de Deus, e as mulheres da raça de Caim, as filhas dos homens; uniões que os levaram à mais profunda corrupção. 2) No salmo 78:25, diz a Vulgata, referindo-se ao maná: "O homem comeu o pão dos anjos". Alguns acreditaram que os anjos comiam pão, o que os levaram a concluir que eles teriam corpo. Mas aquela expressão alude ao modo como os hebreus recebiam o maná descido do céu, onde os anjos assistem a Deus". 3) Em I Co 15:40, diz são Paulo: "Há corpos celestes e corpos terrestres, mas o brilho dos corpos celestes

é diferente do brilho dos terrestres". Interpretaram corpos celestes como corpos dos anjos, e não como astros. Mais adiante, em I Co 15:41, o próprio apóstolo faz menção ao sol como corpo celeste. Tratou-se, pois, de uma interpretação equivocada da expressão "corpo celeste".

"O argumento de que os gigantes (נְפִלִים nefiliym) de Gn 6:4, surgiram a partir do casamento dos "filhos de Deus" com "as filhas dos homens".

"Havia, naqueles dias, gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os varões de fama". Gn 6:4

Um dos argumentos apresentados pelos defensores da posição mitológica consiste em que os nefilins ou gigantes surgiram somente após o casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens. E para provar que "os filhos de Deus" em Gn 6:2 são anjos, argumentam:

"Casamento de justo com ímpio ou de um fiel com o infiel, não gera gigante. Não há na Bíblia nenhuma só passagem que confirme isso". E afirmam: *"Somente o casamento de um anjo com um humano pode gerar gigante".* De acordo com esses consulentes:

"os gigantes surgiram como resultado dessa união dos anjos, "os filhos de Deus", com as mulheres, os quais eram seres híbridos, ou seja, meio anjo e meio ser humano".

Em outras palavras, de acordo com os adeptos da posição mitológica, eles eram os semideuses, os seres mitológicos, fabulosos, fantásticos, presentes no panteão da mitologia Greco-romana.

Antes de tudo queremos considerar que a nomenclatura *"gigante"* atribuída a esses seres descritos em Gn 6:4 é encontrada na Septuaginta, versão dos setenta (LXX) que traduziu a palavra נְפִלִים Nefiliym por γίγαντες gigantes, de γίγας gigas, "gigantes". Provavelmente essa tradução seja fruto da descrição feita pelos espias, em Nm 13:33, acerca dos homens de grande estatura que eles encontraram em Canaã, aos quais eles chamaram de Nefilim. Visto que em Gn 6:4 e Nm 13:33, são as únicas passagens, na Bíblia, que falam acerca dos Nefilim, os tradutores da LXX traduziram-na por gigantes.

Etimologia da palavra נְפִלִים Nefiliym:

Nefiliym: do hebr נְפִלִים Nefiliym de נפל Nafal, *"fazer cair, deixar cair"*, logo, Nefiliym sign, *"os caídos, os que caem"*.

Com base nessa definição, o nome Nefiliym, provavelmente tem a ver com a natureza decaida desses homens que, na verdade é fruto da união da linhagem piedosa de sete com a linhagem ímpia de Caim. O resultado desta união, reprovada por Deus, levou os antediluvianos a uma degerenação tal que resultou no juízo de Deus, trazendo o dilúvio sobre a terra.

Mas por outro lado, a ideia de que eles eram homens de grande estatura não esta descartada, posto que os espias, em

Nm 13:33, descreve os nefilins encontrados em Canaã com essas características.

"também vimos ali gigantes (Nefiliym), filhos de Anaque, descendentes dos gigantes e éramos aos nossos olhos como gafanhotos e assim também éramos aos seus olhos". Nm 13:33 (Veja Dt 2:10,11;9:1,2).

É possível que na descrição dos espias haja uma hipérbole (exagero) como é comum em alguns fatos na Bíblia Sagrada (Dt 9:1;), mas isso não exclui a possibilidade deles realmente serem de grande estatura como outros gigantes mencionados nas Sagradas Escrituras. (Dt 2:10,11;3:11; I Sm 17:4-7)

Refutação:

A nossa posição, em relação à origem dos Nefilins, é que eles não surgiram a partir da união dos filhos de Deus com as filhas dos homens. Pois de acordo com Gn 6:4, eles já existiam antes dessa união mista.

Analisemos o texto:

"Havia, naqueles dias, gigantes na terra".

Ora a expressão *"Naqueles dias"* não está relacionada à união dos *"filhos de Deus com as filhas dos homens"*, mas a Gn 6:1 que diz: *"E aconteceu que, como os homens começaram a multiplica-se sobre a face da terra..."*

"Naqueles dias", portanto, está ligado ao tempo em que *"os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra".*

Tempo, esse, que é muito anterior aquele em que *"os filhos de Deus, entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos"*.

A esse respeito Derek Kidner diz, em seu comentário de Gênesis:

"Vale a pena observar que não se diz que os gigantes provieram exclusivamente dessa origem. Se alguns surgiram desse modo (e também depois), outros já existiam (naquele tempo). (pg 80)

John Macarthur é da mesma opinião de que:

"os gigantes já estavam na terra quando os "valentes", varões de renome nasceram". E completa: *"os caídos não são fruto da união de Gn 6:1, 2"*. (Bíblia de Estudo MacArthur pg 24- Gn 6:4)

Se por um lado não encontramos base na Bíblia para afirmar que a união mista de justo com ímpio gera gigantes, idéia essa que não compartilhamos, por outro lado, também, não há na Bíblia base para os proponentes da posição mitológica defenderem a idéia fantástica e fabulosa de que a união de um anjo com uma mulher possa gerar gigantes ou seres híbridos.

Uma das grandes perguntas a ser feita aos nossos consulentes é:

"Se os anjos realmente se manifestavam em forma humana, com capacidade para procriar e gerar gigantes, como foi que eles conseguiram duplicar a estrutura do DNA hu-

mano para poderem ter descendentes? (...) mesmo que os anjos sejam seres sobrenaturais e inteligentes o bastante para fazer isso, criar vida humana parece ser um trabalho reservado unicamente a Deus". (B.J.Oropeza-pg 65)

Outro argumento que depõem contra a posição de que os Nefilins são frutos da união de anjos com homens, está em que, apesar de todos os antediluvianos, incluindo os Nefilins ou gigantes, com exceção de Noé e sua família, terem morrido nas águas do dilúvio, os nefilins continuavam existindo milhares de anos após o dilúvio. (Nm 13:33)

A pergunta é: Se os gigantes são frutos da união mista de anjos com mulheres, e, como sabemos eles pereceram no dilúvio; como podemos justificar sua presença na época de Josué e Calebe? Porventura houve outra união de anjos com mulheres? E se houve; onde está registrado na Bíblia?

Outra objeção a esse argumento consiste em que os anjos caídos são demônios e os demônios não tem corpos e por isso não podem reproduzir. O senhor Jesus deixou isso muito claro quando disse:

"um espírito não tem carne e nem ossos, como vedes que eu tenho" (lc 24:39).

E, vale lembrar que, os anjos, sejam eles bons ou maus, são apenas espíritos e não seres humanos dotados de corpos físicos e órgãos reprodutores (Hb 1:14).

Deus não os criou com essa capacidade de procriar ou de reproduzir (Mt 22:30).

Outra pergunta interessante é:

"Se os demônios pudessem manifestar-se em forma física por que tentariam possuir seres humanos?" (Mt 12:43; lc 11:46-48). (Oropeza pg 76).

O argumento de que os gigantes surgiram a partir do casamento dos anjos caídos com as mulheres é infundada e, portanto, precisa ser mais bem explicada.

"Naqueles dias havia nefilins na terra, e também posteriormente, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens e elas lhes deram filhos. Eles eram os heróis do passado, homens famosos" (Gn 6:4 – NVI).

הַנְּפִלִים הָיוּ בָאָרֶץ
בַּיָּמִים הָהֵם וְגַם אַחֲרֵי־כֵן אֲשֶׁר יָבֹאוּ בְּנֵי הָאֱלֹהִים
אֶל־בְּנוֹת הָאָדָם
וְיָלְדוּ לָהֶם הֵמָּה הַגִּבֹּרִים אֲשֶׁר מֵעוֹלָם אַנְשֵׁי הַשֵּׁם׃

"Hánefiliym haywu ba'arets bayyamiym hahem wegam 'acharey ken 'asher yabo'wu bney há 'Elohiym 'el benot há'adam weyaledwu lahem hemah hagibboriym 'asher me'olam 'anesher hashem".

É importante salientar que em momento algum o texto hebraico diz que os gigantes apareceram na terra somente depois do casamento dos filhos de Deus com as mulheres. Pelo contrário, o texto afirma que antes desse relacionamento já havia gigantes na terra.

Confira:

הַנְּפִלִים הָיוּ בָאָרֶץ בַּיָּמִים הָהֵם

"Hanefiliym haywu ba'arets bayyamiym hahem".

"Os nefilins estavam na terra naqueles dias". (naquela época, naqueles tempos – é isso que o texto diz).

A expressão *"naqueles dias"* (bayyamiym hashem) é seguramente uma alusão ao tempo anterior aquele em que ocorreu o casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens. Assim diz o Dr. Reinaldo W. Siqueira:

"O advérbio de tempo encontrado no vs. 4 ("naqueles dias") nos remete ao vs. 1, onde é dito que o homem tinha se multiplicado sobre a terra. Essa referência temporal parece corroborar com os vss. 1 e 4 como um inclusio *a essa unidade textual"*.

A origem do argumento mitológico de que os gigantes surgiram a partir da união dos anjos caídos com as mulheres encontra-se nos livros apócrifos de I Enoque, I ou II século a.C, e no Testamento dos Doze Patriarcas, obras de cunho gnóstico e exotérico.

É importante salientar, que esse livro surgiu num ambiente gnóstico, totalmente influenciado pela mitologia grega, é espúrio, indigno de credibilidade e sem nenhuma autoridade canônica.

De acordo com o livro apócrifo ou pseudoefigrafo de Enoque: cerca de duzentos anjos desceram a terra e tomaram mulheres e com elas geraram gigantes com cerca de 3.000 côvados de altura. Veja só o leitor quanto absurdo!

Pois os gigantes tinham perto de mil e trezentos metros de altura.

Assim está escrito no livro de I Enoque, primeira parte: O Livro dos Anjos; capítulo VI:

A queda dos anjos

"Quando outrora aumentou o número dos filhos dos homens, nasceram-lhes filhas bonitas e amoráveis. Os anjos, filhos do céu, ao verem-nas, desejaram-nas e disseram entre si: "Vamos tomar mulheres dentre as filhas dos homens e gerar filhos".

Disse-lhe então o seu chefe Semjaza: "Eu receio não queirais realizar isso, deixando-me no dever de pagar sozinho o castigo de um grande pecado". Eles responderam-lhe em coro: "nós todos estamos dispostos a fazer um juramento, comprometendo-nos a uma maldição comum, mas não abrir mão do plano, e assim executá-lo". Então eles juraram conjuntamente, obrigando-se a maldições que a todos atingiriam.

Eram ao todo duzentos os que, nos dias de Jared, haviam descido sobre o cume do monte Hermom. Chamaram-no Hermom porque sobre ele juraram e se comprometeram a maldições comuns.

Assim se chamavam os seus chefes: semjaza, o superior de todos eles. Arakiba, Rameel, Xoxabiel, Tamiel, Ramiel, Danel, Ezekeel, Narakijal, Azael, Armaros, Batarel, Ananel, Sakeil, Samsapeel, Satarel, Turel, Jouyael e Sariel. Eram esses os chefes de cada grupo de dez.

Todos os demais que estavam com eles tomaram mulheres, e cada um escolheu uma para si. Então começaram a

freqüentá-las e a profanar-se com elas. E eles ensinavam-lhes bruxarias, exorcismos e feitiços, e familiarizaram-nas com ervas e raízes.

Entrementes elas engravidaram e deram a luz a gigantes de 3.000 côvados de altura.

E ainda no capítulo XII diz: *"Enoque, tu, o Escriba da Justiça, vai e anuncia aos guardiões do céu que perderam as alturas do paraiso e os lugares santos e ternos, que se corromperam com mulheres à moda dos homens, que se casaram com elas, produzindo assim grande desgraça sobre a terra... ."*

(I Enoque, primeira parte: O livro dos anjos capítulo VI, VII e VIII 2)

Apócrifos e Pseudoepigrafos da Bíblia.

Ed Cristã Novo Século - São Paulo-2004

Além do livro de Enoque outro apócrifo, intitulado: *"Testemunho dos Doze Patriarcas"*, de uma forma mais breve, também faz alusão ao suposto casamento dos anjos com as mulheres. Assim diz o texto:

"Fugi da prostituição, meus filhos! Proibi vossas mulheres e vossas filhas de enfeitiçarem a cabeça e o rosto! Pois toda mulher que recorre a esses ardis atrai sobre si o castigo do eterno. Foi dessa maneira que elas também enfeitiçaram os guardiões antes do dilúvio. Eles olhavam-nas constantemente, e assim conceberam o desejo por elas. Engendraram o ato em sua mente, e transformaram-se em figuras humanas. E quando aquelas mulheres deitavam-se com os seus maridos, eles vinham e mostravam-se.

"E as mulheres em seu pensamento conceberam desejos pelas formas visíveis deles, e assim deram à luz gigantes; pois os guardiões apareciam-lhes como tendo a estatura do céu".
(testemunho dos Doze Patriarcas capitulo V, 2 Ibid).

Outras dificuldades que precisam ser explicadas com relação ao surgimento dos gigantes proposta pelos defensores da posição mitológica esta em que:

a) Os gigantes já existiam na terra antes do casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens:
"E naqueles dias havia gigantes na terra" (Gn 6:4).

Ora, a expressão *"naqueles dias"* remete-nos para Gn 6:1:

"Quando os homens começaram a se multiplicar e lhes nasceram filhas".

Portanto dizer que os gigantes surgiram como resultado do casamento dos anjos caídos com as mulheres não corresponde com a verdade do texto bíblico.

b) Os gigantes não apareceram na terra apenas nos dias descritos em Gn 6:2 e 6:4, mas nos dias de Moisés, de Josué, de Davi, etc.

Mas de todas estas passagens relacionadas a que mais interessa para nossa argumentação encontra-se em Nm 13:33 onde aparece a nomenclatura נְפִלִים "Nefliym", que é a mesma registrada em Gn 6:2,4, objeto da nossa reflexão.

Ora, se os gigantes só surgiram na terra a partir do casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens, como afirmam os defensores da posição mitológica, como explicar o seu aparecimento em Gn 6:1 *"quando os homens começaram a se multiplicar"* e centenas de anos depois do dilúvio, conforme registrado em Nm 13:33? Como eles poderiam ter aparecido, novamente, depois do dilúvio, uma vez que todos os seres vivos, de acordo com Gn 7, com exceção de Noé e sua família, pereceram nas águas do dilúvio? Porventura houve um novo casamento de anjos caídos com as mulheres? Se houve, onde está registrado na Bíblia?

Todos nós sabemos que isso não ocorreu, até porque, os próprios defensores dessa posição, imaginária, defendem que os anjos que, segundo eles, cometeram esse pecado foram presos no Tártaro.

Para tentar explicar o inexplicável, há apenas duas possibilidades, as quais consideramos antibiblicas:

a) Os anjos caídos escaparam da prisão!

b) Houve mais uma queda no mundo angelical. Nesse caso, se admitisse-mos como correta a posição mitológica, diríamos, em tese, que *"houve uma segunda queda dos anjos, fato esse, como dito acima, que não pode ser comprovado biblicamente"*.

Não obstante, tanto a primeira, quanto a segunda afirmação, do ponto de vista da Bíblia Sagrada, são insustentáveis. Pois não há nenhuma passagem na Bíblia que abone essas assertivas.

Outra questão que precisa ser esclarecida diz respeito a existência de pessoas de estatura gigantesca nos séculos mais recentes e nos dias atuais como recentemente foi exibido no programa Câmera Record onde foi apresentado Robert, o homem mais alto do mundo, que atingiu a estatura de

2,75 metros (quase a mesma estatura do gigante Golias, de Gate) e ainda outros adolescentes com a estatura entre 2,06 e 2,15 metros de altura. Será que os anjos caídos continuam mantendo conjunção carnal com as mulheres na atualidade?

(Ver livros Apócrifos e Pseudoepígrafos da Bíblia pg 261, 264, e O Testemunho dos Doze Patriárcas, pg 338).

O argumento de que os anjos se humanizaram e adquiriram corpos iguais aos seres humanos depois da queda.

Os defensores da posição mitológica, com base em Jd 6,7, argumentam que os anjos se humanizaram e adquiriram um corpo físico, humano, capaz de reproduzir como os seres humanos.

Refutação

Será que essa afirmação é verdadeira? A queda dos anjos dá a eles a capacidade de se tornarem humanos? Esse argumento encontra amparo nas Escrituras? Se isso é verdade, Porque eles não continuam a se reproduzir? Porque o próprio Satanás que é um anjo caído não continua a se humanizar e a se reproduzir?

Não há nas Escrituras nenhuma só passagem que abone essa afirmação. A esse respeito diz Keil e Delitzsch:

"Como o homem, certamente poderia destruir pelo pecado a natureza que recebeu de seu Criador, porém não poderia restaurá-la por seu poder uma vez que estivesse destruída... por conseguinte não podemos crer que os an-

jos, por meio de apostatar de Deus, possam adquirir o poder sexual do que previamente foram destituídos".

O argumento de que a partir de Enos teve início a profanação do nome do Senhor

Segundo a interpretação dos defensores da posição mitológica: "*o nome do Senhor não começou a ser invocado a partir de Enos, pois, antes dele, Abel já invocava o nome do Senhor (Gn 4:4; Hb 11:4). Na verdade, a partir de Enos "começou-se a profanar o nome do Senhor".* Esta afirmação é feita com base na falsa interpretação de Gn 4:26 que diz:

"E a Sete mesmo também nasceu um filho; e chamou o seu nome Enos; então, se começou a invocar o nome do Senhor". (Gn 4:26).

Na parte (c) desse versículo (הוּחַל לִקְרֹא בְּשֵׁם יְהוָה׃ אָז 'az huchal liqro' beshem Yahweh) aparece o verbo הוּחַל huchal, (um hapax legomenon, citado uma só vez), cuja raiz verbal é חָלַל chalal, com o significado de "profanar, conspurcar". Daí o motivo dos defensores dessa posição afirmar que a partir de Enos *"começou-se a profanar o nome do Senhor".*

Ainda, segundo eles, existe na passagem acima um sério problema de tradução. Pois onde se lê, *"se começou a invocar o nome do Senhor"*, deve ser traduzido como: *"invocar profanando".* Portanto, no seu modo de entender, longe de *"começar a invocar o nome do Senhor, os antediluvianos começaram a profaná-lo. E, a profanação foi de tal mag-*

nitude que culminou com a destruição do gênero humano com exceção apenas de Noé e sua família".

A fim de que possamos analisar melhor essa questão é de fundamental importância apresentar o referido texto em diferentes versões ou traduções.

1 – Bíblia Hebraica Sttutigartencia:

אָז הוּחַל לִקְרֹא בְּשֵׁם יְהוָה׃
'az huchal liqro' beshem Yehwah

2 – Septuaginta

οὗτος ἤλπισεν ἐπικαλεῖσθαι τὸ ὄνομα κυρίου τοῦ θεοῦ
hutos elpisen epikaleisthai to onoma Kyriou tou Theou

3 – New International Version

"At that time men began to call on the name of the lord"

4 – Bíblia Hebraica

"Foi então que se começou a invocar o nome do Eterno"

5 – Bíblia de Jerusalém:

"... Enos, que foi o primeiro a invocar o nome de Iahweh".

Não parece estranho que todos estes tradutores tenham traduzido o verbo huchal, em Gn 4:26 por "começou" enquanto os pretensos donos da verdade absoluta que, diga-se de passagem nenhuma Bíblia traduziram, interpretem o mesmo verbo por "profanou"?

Frente a esse dilema resta apenas examinarmos o verbo huchal à luz da gramática hebraica para sabermos qual é o seu real significado.

O verbo huchal

Antes de analisarmos o verbo huchal vale lembrar que os verbos em hebraico possuem sete troncos ou construções. E dependendo da construção o verbo pode ter um significado diferente.

As sete construções do verbo hebraico:

1- Qal
2- Nifal
3- Piel
4- Pual
5-Hifil
6- Hofal
7- Hitpael

A raiz do verbo huchal é chalal que em qal tem o significado de "profanar, violar, contaminar, macular". No hifil ele tem tanto o significado de "profanar" (Ez 39:7) quanto o de começar, iniciar, ser o primeiro". Ex: *primeiro* (Gn 9:20; 10;8; *começo*, (Gn 11:6); *começaram*, (Gn 41:54); *começar*, (Gn 44:12; Dt 2:24; 16:9; Jz 10:18; Ez 9:6; Gn 6:1; Jz 16:19; Nm 4:1).

Não obstante, o verbo huchal, de chalal, em Gn 4:26 merece uma atenção toda especial, pois este verbo está no tronco Hofal.

O verbo chalal no tronco hofal, (huchal) aparece uma única vez na Bíblia hebraica (Gn 4:26). Esse fenômeno é conhecido como: Hapax Legomenon, do Gr, hapax, "uma só vez" e legomenon, "dito, expresso", significa, "dito uma só vez".

O autor foi bastante cuidadoso e muito criterioso ao escolher o verbo chalal, construído em hofal. E, o mais curioso é que, em hofal, esse verbo (chalal) tem um único significado: "começar-se, iniciar-se". É bem possível que Deus tenha guiado os escribas nessa direção a fim de que os lingüístas, hebraístas ou tradutores não tivessem dúvidas na hora de fazer a tradução desse verbo.

Pode-se questionar:

"uma vez que essa é a única vez que esse verbo aparece na Bíblia hebraica com o significado de "começar, iniciar", o significado pode ser duvidoso. Pois em praticamente toda Bíblia hebraica o significado desse verbo é "profanar", porque apenas em Gn 4:26 ele tem o significado de "começar"?

Bom, em primeiro lugar, não podemos nos esquecer que o verbo chalal aparece dezenas de vezes no Antigo Testamento com o significado de "começar, iniciar, ser o primeiro".

1 – Gn 6:1, "começaram", hechel. A raiz desse verbo construído no (Nifal) é chalal.

2 – Gn 9:20 "ser o primeiro" o verbo é wayyachel que está no hifil e provém da mesma raiz, chalal.

3 – Gn 10:8 "começou" – hechel, de chalal.

4 – Gn 41:54 "começaram", o verbo é techilleynah, no hifil, de chalal.

5 – Gn 44:12 "começando" hechel, de chalal.

6 – Nm 25:1 "começou", wayyachel, no hifil, de chalal.

7 – Jz 13:25 "começou", wattachel, no hifil de chalal. Nesta passagem existe algo bastante curioso a respeito de Sansão, o juiz, libertador de Israel e herói da fé, ela diz que: "... o Espírito do Senhor começou a incitá-lo...".

Ora, se ignorarmos o contexto e a construção do verbo chalal que está no hifil, e trocarmos a palavra "começar" pela palavra "profanar", no versículo em questão, escreveremos uma blasfêmia contra o Espírito Santo. Veja como fica a construção do versículo se trocarmos o verbo "começar" pelo verbo "profanar". Por reverência ao Espírito Santo, no lugar do seu nome vou colocar (...).

"E o (...) profanou incitando de quando em quando para o campo de Dã, entre Zorá e Estaol".

Uma construção tal como essa é inadmissível, inconcebível; é simplesmente abominável. Portanto, dizer que o verbo chalal, em todas as passagens da Bíblia, tem apenas o significado de profanar, é no mínimo uma falta de conhecimento do hebraico ou uma atitude reprovável de quem quer vencer um debate, mesmo que para isso tenha que mentir ou torcer a palavra de Deus. Não basta conhecer o hebraico, precisamos conhecer a Bíblia e suas respectivas regras de interpretação.

Confira outras passagens bíblicas onde o verbo chalal aparece com o significado de:

"começar, iniciar, ser o primeiro": Jz 16:19,22; 20:31,39,40; I Sm 3:2; II Rs 10:32; 15:37; I Cr 1:10; 27:24;

II Cr 3:1,2; 20:22; 29:17,27; 31:7,10,21; 34:3; Ed 3:6,8; Ne 4:7; Ez 9:6; Jn 3:4.

Portanto, à luz dessas explicações, cai por terra, de uma vez por todas, a falsa tradução de que: *"a partir de Enos se começou a profanar o nome do Senhor"*, e, prevalece a tradução presente na maioria esmagadora das Bíblias, em vários idiomas, que diz: *"Então, se começou a invocar o nome do Senhor"* (Gn 4:26).

Qual é a origem da afirmação de que o verbo הוּחַל huchal, de chalal, em Gn 4:26 tem o significado de profanar?

Esse argumento não tem apoio na Bíblia Sagrada e nem mesmo na língua hebraica, como ficou provado de forma irrefragável. A primeira vez que vi alguém defendendo essa idéia foi num debate sobre o tema: "Quem são os filhos de Deus em Gn 6:2?", realizado na radio Musical FM, 105,7, promovido pela Faculdade Teológica Betesda, nos dias 8 e 9 de setembro de 2007, entre mim e um professor o qual, ao defender a idéia de que os filhos de Deus em Gn 6:2 são os anjos caidos, afirmava que o verbo huchal em Gn 4:26 tem o significado de *"profanar"*.

Ao questioná-lo sobre essa posição que, diga-se de passagem, achei um tanto absurda, fui convidado, por ele, a pesquisar nos dicionários de hebraico. O que, prontamente, procurei fazer. Mas ao pesquisar não encontrei em nenhum deles a referida afirmação feita pelo ilustre professor de hebraico. (*em respeito ao pedido feito por esse professor seu nome foi mantido no anonimato*).

A única obra que encontrei que defende essa mesma

idéia foi o livro intitulado: "Lendas do Povo judeu". O que é uma lenda?

"Lenda – s.f. O mesmo que legenda, história, narração fabulosa, misteriosa, quase sempre inverossímel". Portanto, acreditar que o verbo huchal em Gn 6:2 significa profanar, não passa de uma lenda, de uma fábula. Na verdade essa afirmação é uma tremenda heresia.

O argumento de que houve duas quedas no mundo angelical

Os defensores do "casamento dos anjos com as mulheres" entendem que houve duas quedas no mundo angelical. A primeira queda ocorreu com a queda de Satanás, quando a terça parte dos anjos caiu com ele. A segunda queda, afirmam: *"ocorreu quando os anjos (os filhos de Deus) se casaram com as mulheres conforme Gn 6:2"*. E na tentativa de consolidar essa posição apresentam a seguinte argumentação: *"Todos os anjos que caíram com Satanás estão soltos, mas apenas os de Gn 6:2 estão presos conforme I Pe 3:18-20; II Pe 2:4 e Jd 6,7"*.

Refutação:

Em primeiro lugar não há como provar, biblicamente falando, que houve duas quedas no mundo angelical. Por isso, propor uma segunda queda dos anjos, com base em Gn 6:2, é uma temeridade, uma vez que:

A – essa ideia não está clara no texto e nem no contexto;

B – não está provado, biblicamente falando, que os filhos de Deus em Gn 6:2 são anjos.

Em segundo lugar, os espíritos em prisão de I Pe 3:18-20 não são anjos, mas, sim, os espíritos das pessoas que foram rebeldes à palavra de Deus, proclamada por Noé. Assim diz o texto:

"Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus, mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais em outro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água". (I Pe 3:18)

A Bíblia diz que esses espíritos em prisão foram rebeldes:

"quando a longanimidade de Deus esperava ***nos dias de Noé****, enquanto se preparava a arca".*

Um detalhe muito interessante, apresentado nesse texto, é a época em que a rebelião dos referidos espíritos em prisão ocorreu: *"nos dias de Noé"*, enquanto ele construía a arca. Se levarmos em conta que Noé foi o pregoeiro da justiça (II Pe 2:5) e que o seu auditório era composto de seres humanos (Mt 24:37-39; II Pe 2:5) não será difícil entendermos que os espíritos em prisão, referidos no texto de I Pe 3:19, não podem ser anjos caídos, mas espíritos de seres humanos, dos ouvintes de Noé. Em primeiro lugar, vale lembrar que anjo não tem espírito, pois ele é espírito.

Em segundo lugar, em nenhum momento a Bíblia atribui a expressão: *"espíritos em prisão"* aos anjos caídos. Apesar da rebelião ou da queda, eles não deixaram de serem anjos. E por esta razão, a Bíblia faz referência a eles como anjos, conforme II Pe 2:4 e Jd 6.

Ora, se a expressão *"espíritos em prisão"* não é atribuída aos anjos, resta apenas entendermos que, no texto de I Pe 3:19, ela é atribuída aos homens, aos seres humanos, aos contemporâneos de Noé, que foram rebeldes à palavra de Deus, proclamada pelo pregoeiro da justiça, como ficou demonstrado através de provas irrefragáveis. Não obstante, para maior clareza, iremos examinar mais um texto da carta de Pedro.

"E não perdoou ao mundo antigo, mas guardou a Noé, pregoeiro da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios". (II Pe 2:5)

Nesse texto, a Bíblia faz referência a Noé como *"pregoeiro da justiça"*, isto é, ele pregava a justiça de Deus contra a impiedade, maldade e contra a corrupção do gênero humano. (Gn 6:5-7). Outra verdade, a ser observada, é que o juízo de Deus não foi contra os anjos, mas contra: a) o mundo antigo (II Pe 2:5); e, b) o mundo dos ímpios (II Pe 2:5). O juízo, portanto, não é contra os anjos, mas contra os seres humanos; o que, de certa forma, comprova, mais uma vez, que os espíritos em prisão não têm nada a ver com anjos caídos, mas com homens, com seres humanos. (Gn 6:3,5-7; 7:21-23; Mt 24:37-39; Lc 17:26,27; I Pe 3:20; II Pe 2:5).

Outra prova de que o juízo foi contra os homens, contra os seres humanos rebeldes, está no fato de que Deus não

salvou anjos, mas seres humanos, a saber, Noé e sua família (II Pe 2:5).

As várias prisões de anjos caídos:

Em terceiro lugar existem outras prisões de anjos, além das de II Pe 2:4 e Jd 6,7. Uma vez que os adeptos da posição mitológica afirmam que os únicos anjos que estão presos são os de II Pe 2:4 e os de Jd 6,7, os quais se prostituíram com as mulheres, eles precisam explicar a existência de outros anjos presos em outras prisões que não as de II Pe 2:4 e as de Jd 6,7, como veremos a seguir.

1 – Os anjos presos no Abismo (Ap 9:1-11)

Apesar do apóstolo Pedro dizer que há anjos presos no Tártaro, e Judas afirmar que há anjos presos em cadeias, o texto de Ap 9:1,2,11 fala de anjos presos no abismo. O evangelho segundo Lucas reforça a idéia do abismo como sendo prisão de anjos caídos, ao registrar o episódio do endemoninhado gadareno, no qual havia uma legião de demônios:

"E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: legião; porque tinham entrado nele muitos demônios. E rogavam-lhe que os não mandassem para o abismo". (Lc 8:30,31)

2-Os anjos presos junto ao rio Eufrates Ap 9:14,15

"A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates. E foram soltos os quatro anjos..." (AP 9:14,15)

À luz dessas provas irrefragáveis concluímos que os espíritos em prisão referidos em I Pe 3:19 são de seres humanos e não de anjos caídos como querem fazer pensar os defensores da posição mitológica.

O argumento de que os anjos presos no Tártaro em II Pe 2:4 são os filhos de Deus em Gn 6:2

Um dos argumentos mais contundentes apresentados pelos defensores do casamento dos anjos com as mulheres encontra-se na segunda epístola de Pedro que diz:

"Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juízo" (II Pe 2:4)

O argumento é o seguinte:

"Se todos os anjos que pecaram com Satanás estão soltos, inclusive o próprio Satanás, por que, apenas estes anjos de II Pe 2:4 estão presos no Tártaro?".

E, por esta razão, concluem:

"Diante desse argumento a única conclusão a que podemos chegar é que os anjos do Tártaro são os filhos de Deus de Gn 6:2 que mantiveram relações carnais com as filhas dos homens"

A força desse argumento, confessamos, é bastante interessante, e, por essa razão, não pode ser subestimada. Não

obstante, existem alguns pontos, nessa linha de argumentação que precisam ser explicados.

A – A primeira pergunta, dessa linha de argumentação, que precisa ser respondida é: "O texto de II Pe 2:4 diz, de forma clara, que os anjos que estão presos no Tártaro são os filhos de Deus que pecaram com as mulheres ou que o pecado desses anjos foi o de se humanizar e manter relações carnais com elas? A resposta é: Não!

Nem o texto e nem mesmo o contexto fazem alusão a esse episódio. Portanto, não há como provar por meio dessa passagem que os anjos foram presos no Tártaro, por terem mantido conjunções carnais com as mulheres. A não ser que alguém queira, como é costume de alguns, forçar o texto a dizer o que ele não quer dizer.

B – O segundo ponto a ser explicado é que: "Para os defensores da visão mitológica afirmar que II Pe 2:4 esteja falando de um suposto relacionamento dos anjos com as mulheres eles dependem, antes de tudo, de provar que Gn 6:2 esteja, realmente, se tratando de anjos caídos, uma vez que essa argumentação falaciosa em torno de II Pe 2:4 é totalmente dependente de Gn 6:2.

C – Outro ponto difícil de ser explicado é que os proponentes da posição mitológica propõem uma segunda queda, no mundo angelical, quando, na verdade, a Bíblia apresenta apenas uma queda.

Portanto, dizer que II Pe 2:4 é uma alusão aos filhos de Deus em Gn 6:2, biblicamente falando, é uma temeridade.

Uma explicação plausível para a passagem de II Pe 2:4, referente aos anjos que estão no Tártaro, é que estes anjos fazem parte daquele grupo de anjos que se rebelou com Satanás e foram expulsos do céu (Is 14:12-18; Ez 28:12-15; Lc 10:18; I Tm 3:6; Ap 12:7-9) juntamente com ele e, por algum motivo que não está claro no texto, Deus os confinou no Tártaro que, diga-se de passagem, é uma das prisões dos anjos caídos, visto que o Tártaro não é a única prisão de anjos caídos. (veja o estudo sobre as prisões de anjos caídos)

O Argumento de que Jd 6,7 é uma alusão aos filhos de Deus em Gn 6:2 (parte I)

De acordo com os proponentes da prostituição dos anjos com as mulheres, Jd 6,7 é uma alusão direta ao texto de Gn 6:2

A explicação que eles apresentam é a seguinte:

"Por conta da queda, os anjos se humanizaram tornando-se meio homem e meio anjo".

Na verdade, segundo essa posição mitológica:

"eles eram semideuses, seres híbridos que desejaram as mulheres e com as quais geraram gigantes (Nefilim)".

Ainda, de acordo com essa linha de interpretação, o pronome: *"aqueles"* referido em Jd 7 diz respeito aos anjos de Jd 6, cujos pecados foram imitados por Sodoma e Gorroma e pelas cidades circunvizinhas.

Refutação:

Diante de tanto argumento, com razão perguntamos: Um anjo caído tem, por si mesmo, o poder de se humanizar, de ter um corpo humano capaz de se reproduzir? Se isso é possível, porque Satanás e os seus demônios não fazem o mesmo, uma vez que eles não têm mais nada a perder, visto que já estão julgados e, portanto, apenas, aguardando o juízo final?

Se o pronome demonstrativo "aqueles" é uma referência aos anjos, obrigatoriamente teremos que admitir que o pecado de Sodoma e Gomorra e das cidades circunvizinhas é o mesmo cometido pelos anjos, que segundo os defensores da posição mitológica são os "filhos de Deus", em Gn 6:2, hipótese essa, totalmente descartada pela palavra de Deus.

Outro sim, Se os filhos de Deus, em Gn 6:2, são os anjos de Jd 6,7, como acreditam os defensores da posição mitológica, uma coisa precisa ser explicada:

O pecado cometido pelos filhos de Deus, em Gn 6:2, é o mesmo que foi cometido pelos habitantes de Sodoma e Gomorra? É claro que não!

Pois até onde sabemos o pecado de Sodoma e Gomorra foi a prática do homossexualismo. Judas diz que eles foram após "outra carne", isto é, preferiram a relação sexual entre homem com homem e mulher com mulher, prática, essa, contrária à palavra de Deus. Ir após uma carne diferente ou após outra carne, nesse texto, significa que eles abandonaram o uso natural, o normal estabelecido por Deus (Sexo entre um homem e uma mulher) e partiram para uma relação homossexual, que é um ato desnatural e abominável, conforme Rm 1:24-32 (ver Epístola de Judas pg 505 Simon Kistemaker).

Como podemos ver a palavra carne, nesse caso, não deve ser interpretada no sentido literal, mas figurado.

De outro modo teremos que admitir que os anjos caídos têm um corpo físico, de uma carne diferente da do ser humano, o que contraria frontalmente a palavra do Senhor Jesus que diz: *"um espírito não tem carne e nem ossos"* (Lc 24:36-39 e Hb 1:14) Estas passagens demonstram de forma inequívoca que os anjos são espíritos e, portanto, são incorpóreos.

Outra verdade que contraria essa argumentação é que os filhos de Deus, em Gn 6:2, não cometeram nenhum ato de prostituição ou homossexualismo. Pois, a expressão *"tomar uma mulher"*, no Antigo Testamento, é um termo técnico e comum para fazer referência ao casamento legítimo como foi estabelecido por Deus, conforme Gn 2:18-24, e não ao ato sexual ilícito ou a prostituição. Em Gn 6:2 não está escrito que os filhos de Deus eram anjos ou que cometeram algum tipo de prostituição, homossexualismo ou alguma promiscuidade, mas, diz apenas que eles *"tomaram para si mulheres"*, isto é, *"se casaram"*, *"contraíram matrimônio"*. Fato esse que descarta, de uma vez por todas, a idéia de que os filhos de Deus pecaram à semelhança dos habitantes de Sodoma e Gomorra.

Explicando o pronome demonstrativo "aqueles" em Jd 7 (parte II)

O pronome demonstrativo "aqueles" é uma referência aos anjos ou a Sodoma e Gomorra?

Os defensores da prostituição angelical com as mulheres argumentam que o pronome demonstrativo "aqueles" em Jd 7 diz respeito aos anjos, pois, tutois: demonstrativo hoútos,

"este" está no dativo plural masculino e anjos "angélous é um acusativo plural masculino. Portanto, "aqueles" não pode ser uma referência a Sodoma e Gomorra, visto que estes são dois substantivos que estão no nominativo feminino singular.

Refutação:

A objeção a esse ponto de vista é que, como já dissemos, os anjos são seres espirituais e não tem corpo (Hb 1:14 e Lc 24:36-39). O fato de eles terem se apresentado com uma aparência humana, em Gn 18 e 19, não significa, necessariamente, que eles possuam corpos com órgão reprodutor capaz de procriar.

"No contexto do versículo, a posição do pronome "estes" indica que Judas se refere aos homens de Sodoma. Mas qual o significado do termo outra carne? O grego revela que, no caso da dualidade (por exemplo, masculino e feminino), a palavra outra pode significar "a segunda dentre as duas" e no contexto denota uma diferença de tipo. Portanto, os homens de Sodoma não desejavam mulheres (ver Gn 19.8,9); ao invés disso, esses homens exigiam relações homossexuais com os homens que estavam visitando Ló. A atividade dos sodomitas é uma forma de perversão. É exatamente assim que os tradutores da New International Version traduzem a frase "seguiram outra carne".

O pronome demonstrativo aqueles:

Toutois, "aqueles" refere-se às cidades de Sodoma e Gomorra.

Mas alguém pode dizer:

"Toútois" "aqueles" é um dativo plural masculino, visto que a palavra é masculina, não pode se referir as cidades de Sodoma e Gomorra, e, evidentemente, refere-se aos anjos do verso 6".

Refutação:

"É importante observar que: os antecedentes mais próximos desse pronome (Toútois, "aqueles") são os substantivos Sodoma e Gomorra. Apesar de Judas usar o nome das cidades, a referência, na verdade, são aos seus habitantes. Observe que a seqüência das palavras é singular para a frase τὸν ὅμοιον τρόπον τούτοις *Tón homoion trópon Tôutois. Essa frase está entre o substantivo (cidades) e o particípio feminino aoristo, o caso acusativo nessa frase é o chamado acusativo adverbial ou um uso flexível dessa forma".*

E para provarmos de uma vez por todas que Toutois "aqueles" refere-se às cidades de Sodoma e Gomorra, recorremos ao texto de Mt 11:20-24 onde estas cidades são citadas, mas a referência, na verdade, são aos seus habitantes.

Jesus ao falar das cidades impenitentes diz:

"Ai de ti Corazin! Ai de ti Betsaida!"

Será que Jesus estava dizendo isto às cidades, no sentido literal, ou seja, aos prédios, casas e construções, ou aos seus habitantes?

Creio que seria desnecessário dizer que prédios, casas e construções são seres inanimados, não ouvem não vêem,

não tem sentimentos e, portanto, não tem necessidade de arrependimento. Diante do exposto, a única coisa que podemos entender é que Jesus estava se referindo aos seus habitantes. Que essa afirmação é verdadeira está claro no versículo 24 onde Jesus diz:

"eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti".

É importante salientar que a expressão "os de Sodoma", não é uma refrência à cidade de Sodoma, mas, sim, aos seus habitantes.

Outro exemplo semelhante encontramos na passagem de Mt 23:37 que diz:

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados...".

Como pode uma cidade matar e apedrejar alguém? Não é somente lógico, mas também racional que pensemos que quem matava e apedrejava os profetas eram os seus habitantes.

Por outro lado, esse costume de trocar os habitantes da cidade pela própria cidade trata-se de uma figura de linguagem conhecida como metonímia, *"que consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada".* No caso acima, a metonímia é observada pelo fato de haver um emprego do lugar (cidade) pelos seus habitantes. Ex:

"São Paulo está de luto pela morte de Airton Sena".

Na verdade, os habitantes da cidade de São Paulo é que estão de luto. Outros exemplos:

"Nova York parou para ver o show do cantor tal". "Brasília está de luto com a morte do presidente".

Na verdade, quem parou foram os habitantes de Nova York. No caso de Brasília, seus habitantes é que estão de luto.

Uma segunda interpretação de Judas 6 (Pronome demonstrativo estes).

O Pronome demonstrativo "estes":

Entendemos que os anjos descritos por Jd 6 são os mesmos que caíram com Satanás de acordo com Ap 12:3-9 pelo fato de nem o texto e nem mesmo o contexto da epístola de Judas apontarem para "os supostos anjos caídos de Gn 6:2". Para tentar ligar o texto de Jd 6 ao texto de Gn 6:2 os defensores da posição mitológica fazem uso do pronome demonstrativo "estes" (τούτοις toutois de οὗτος houtos) apresentado em Jd 7 o qual, segundo eles é uma referência aos anjos de Jd 6. De acordo com essa leitura, os habitantes de Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas imitaram as supostas práticas promíscuas desses tais anjos. Consideremos o texto:

"E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande Dia;

assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se corrompido como aqueles e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno." (Jd 6,7)

O v7 diz que as cidades de Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas se corromperam como "aqueles" indo após outra carne".

Em primeiro lugar, antes de considerarmos o pronome demonstrativo "estes" que aparece no v 7, queremos deixar claro que a corrupção, descrita no v7, tem haver com as práticas comuns nas cidades de Sodoma e Gomorra, a saber, o homossexualismo (Gn 18 e 19. *A expressão "ir após outra carne" no v7, tem haver com a preferência sexual dos sodomitas onde eles escolhiam pessoas do mesmo sexo "homem com homem e mulher com mulher" para as suas práticas sexuais, invertendo, desse modo, a forma natural sugerida por Deus nas Escrituras* (Gn 1:26-28 e 2:18-24; Rm 1:24-27) e não a um suposto casamento de Anjos com mulheres como querem fazer pensar os interpretes da posição mitológica.

Em segundo lugar, o pronome demonstrativo "estes" (τοῦτοις toutois de οὗτος houtos), que aparece no v 7, traduzido nas várias versões de forma gramaticalmente incorreta como «aqueles» (ekeinos), talvez isso deve-se ao fato dos tradutores entenderem, pelo contexto, que o pronome demonstrativo (estes) não é uma alusão aos anjos caídos mas aos personagens citados antes dos tais anjos no v 4, e, daí, fazerem essa tradução a fim de explicitar esse entendimento, é uma referência aos homens citados no v4 os quais são os protagonistas de todo o texto.

Analisando o contexto:

O propósito de Judas, como sugere o v3, é escrever sobre a salvação comum. Mas, de repente ele se vê compelido a combater algumas heresias que haviam se introduzido no seio da igreja as quais poderiam comprometer a unidade da

igreja fazendo-a sofrer solução de continuidade. No versículo 4 ele decide, de forma veemente, não somente denunciar os hereges, os quais ele chama de: "alguns homens" (τινες ἄνθρωποιtines anthropoi), mas combater as tais heresias e demonstrar através de alguns exemplos que os tais homens não ficarão impunes. Após haver feito a denúncia no v4, para deixar claro que os pecados daqueles homens não ficariam sem o juízo de Deus, Judas abre um parêntese no final do v4 até o final da parte (a) do v7, onde ele introduz o pronome demonstrativo "estes" (τούτοις Toutois de οὗτος houtos) como sendo uma referência aos personagens do v4, ora denominados de «alguns homens» (τινες ἄνθρωποι tines anthropoi) para apresentar três tipos de pecados semelhantes aos cometidos pelos tais homens. É curioso notar que os pecados denunciados por Judas no v4 são os mesmos que aparecem nos vs 5-7, os quais foram cometidos por três classes de pessoas: a) os hebreus que saíram do Egito (v5); b) os anjos que caíram com Satanás (v6) e, c) os habitantes de Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas (v7).

Assim diz Judas:

"Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo."

Judas, nessa passagem, classifica três tipos de pecados que encontram paralelo nos vs 5,6 e 7. São eles: a) impiedade "são ímpios, isto é pecadores, promíscuos v 7"; b) rebelião "convertem em dissolução a graça de Deus v 6"; c) incredulidade "negam a Deus v 5".

É interessante notar que, além da alusão no v7, Judas ainda faz uso deste pronome demonstrativo «estes» (toutois de houtos) nos versículos 8,10,12,14,16 e 19 sempre se referindo aos «alguns homens» (τινες ἄνθρωποιtines anthropoi) do v4. Ora, se o pronome demonstrativo "estes" de Jd 7, de acordo com os interpretes da posição mitológica, é uma referência aos anjos por conta de ser o substantivo masculino plural mais próximo, com razão indagamos: A quem o mesmo pronome demonstrativo (estes) que aparece nos versículos 8,10,12,14,16,e 19 esta fazendo referência a não ser aos "alguns homens" descritos no v4 conforme temos demonstrado? A única forma de harmonizar essa dificuldade é pensarmos que, realmente, há um parêntese, como é comum no texto bíblico e em outras literaturas seculares, entre o v4 e o final da parte (a) do v7. Sendo assim, os elementos masculinos mais próximos do pronome demonstrativo "estes" são os "alguns homens" do v4 e não o substantivo masculino plural "anjos" (ἀγγέλους angelous) descritos por Jd 6 como querem fazer entender os interpretes da posição mitológica.

Isso posto, creio ser desnecessário responder aos demais questionamentos apresentados pelos defensores da primeira posição (posição mitológica), uma vez que o pronome demonstrativo estes nada tem haver com os anjos de Jd 6, como ficou provado de forma irrefragável.

Portanto, diante dessa argumentação, concluímos que está claro que os anjos descritos por Jd 6 são os anjos que caíram com Satanás (Ap 12:3-9), e não "os filhos de Deus" em Gn 6:2, a qual é insustentável, tanto do ponto de vista bíblico, quanto do ponto de vista teológico, gramatical ou linguístico.

"Conjuro- te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino,

que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas". (II Tm 4:1-4)

Mas afinal, quem são os anjos de Jd 6?

"E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia" (Jd 6).

Alguns têm interpretado que esses anjos referidos na epístola de Judas são os filhos de Deus de Gn 6:2. E, para fundamentarem sua assertiva eles propõem duas quedas no mundo angelical. Segundo eles:

1 – a primeira queda ocorreu com Satanás e,

2 – a segunda queda aconteceu quando os filhos de Deus tomaram para si mulheres.

Como podemos ver, de acordo com esses interpretes os anjos descritos por Judas (6,7) são os filhos de Deus de Gn 6:2.

Mas com razão indagamos, Será que Judas, irmão do Senhor Jesus, está defendendo em sua epístola a possibilidade dos anjos manterem relações sexuais com as mulhe-

res, mesmo contrariando o ensino do Senhor Jesus Cristo de que os anjos não se casam, pelo fato de serem espíritos, conforme Mt 22:29,30; Lc 24: 36-39 e Hb 1:14?

A pergunta é retórica e a resposta, seguramente, é negativa.

Pelo fato de, biblicamente falando, não ser possível defender as duas quedas no mundo angelical e outras razões apresentadas, defendemos que os anjos de Jd 6 fazem parte daquele grupo de anjos que caíram com Satanás, conforme os relatos de Is 14:12-18; Ez 28:12-15; Lc 10:18; I Tm 3:6 e Ap 12:3-9, os quais Deus, como justo Juíz, julgou necessário confiná-los em cadeias e prisões eternas.

Há duas coisas bem interessantes que são ditas, por Judas, acerca desses anjos:

1 – eles não guardaram o seu principado e,

2 – deixaram a sua habitação.

No primeiro caso, a expressão "não guardaram o seu principado" significa que eles não se mantiveram na posição de santidade e de obediência a Deus pelo fato de haverem pecado contra Ele. A palavra grega da à idéia de "abandono, apostasia e rebelião". Eles queriam ser iguais a Deus, não se conformando com a posição de autoridade confiada a eles.

No segundo caso, a frase "deixaram sua própria habitação" não deve ser interpretada como que se esses anjos tivessem deixado um suposto corpo espiritual e se revestido de um corpo carnal para com este manter relação sexual com as mulheres como os adeptos da posição mitológica querem fazer pensar. A palavra grega para habitação, nesse

caso, é οἰκητήριον oiketerion e significa literalmente: "domicílio, habitação", o lugar dado por Deus aos anjos". Eles deixaram a sua esfera de domínio ou sua posição de autoridade, a região celestial e passaram a viver em algemas, em prisões, como sugere o texto de Jd 6.

Analizando Is 14 e Ez 28

"Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!

E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte.

Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.

E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo.

Os que te virem te contemplarão, considerar-te-ão e dirão: É este o varão que fazia estremecer a terra e que fazia tremer os reinos?

Que punha o mundo como um deserto e assolava as suas cidades? Que a seus cativos não deixava ir soltos para a casa deles?

Todos os reis das nações, todos eles, jazem com honra, cada um na sua casa.

Mas tu és lançado da tua sepultura, como um renovo abominável, como uma veste de mortos atravessados à espada, como os que descem ao covil de pedras, como corpo morto e pisado." (Is 14:12-19).

"Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro e dize-lhe: Assim diz o Senhor JEOVÁ: Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura.

Estavas no Éden, jardim de Deus; toda pedra preciosa era a tua cobertura: a sardônia, o topázio, o diamante, a turqueza, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro; a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia em que foste criado, foram preparados.

Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas.

Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti" (Ez 28:12-15).

Ainda que alguns tenham feito uma interpretação literal dos textos acima e ignorado a realidade das profecias de dupla referência tentando a qualquer preço negar que as passagens de Isaias 14 e Ezequiel 28 estejam relacionadas com a queda de Satanás, mesmo assim, acreditamos que essas passagens fazem uma alusão direta à queda desse ser angelical e a de todos os seus anjos.

O querubim ungido de Ezequiel 28

Estamos de acordo que a profecia de Ezequiel 28 é uma referência direta ao rei de Tiro. Mas, por outro lado, não podemos negar que os adjetivos e as ações conferidas a esse monarca de Tiro não se codunam com as características de um ser humano. Por esta razão, somos inclinados a pensar que essa profecia faz alusão a um ser sobrenatural, a saber, Satanás, o querubim ungido. Pois as atitudes desse ser são usadas para ilustrar as ações reprováveis do rei de Tiro.

Se compararmos essa profecia de Ezequiel 28: 12-16 encontraremos um paralelo em Isaias 14:12-15; Lc 10:18; I Tm 3:6; e Ap 12:3-12.

O profeta Ezequiel apresenta a queda de Satanás e suas motivações, sem entrar nos detalhes, limita-se apenas a dizer:

"achou-se iniqüidade em ti";
"encheu o teu interior de violência";
"pecaste", e logo em seguida diz:

"pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer".

A estrela da manhã de Isaias 14

É verdade que o profeta Isaias esteja fazendo, nessa passagem, uma referência ao rei da Babilônia. Mas, por outro lado, negar que esta profecia seja de dupla referência e que, portanto, esteja fazendo uma alusão à queda de Satanás, seria um absurdo.

O profeta Isaias ao ironizar o rei da Babilônia usa algumas expressões que apontam para um ser sobrenatural como veremos a seguir:

"Como caíste do céu, ó estrela da manhã"
"como foste lançado por terra".

E logo em seguida ele apresenta as causas da referida queda:

"Subirei ao céu"
"Acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono"
"Subirei acima das mais altas nuvens";
"serei semelhante ao altíssimo".

No versículo 15 Deus pronuncia o juízo contra a estrela da manhã (Satanás)

"levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo".

Como podemos ver, tanto Ezequiel quanto Isaias revelam um caráter soberbo dos monarcas que, consequentemente, os levaram a queda.

Não há como negar que os profetas apresentaram essas ilustrações tomando como base aquilo que ocorreu com Satanás, conforme podemos ver nas passagens paralelas do Novo Testamento.

O orgulho e a soberba foram a causa da queda de Satanás. Esta verdade insofismável pode ser observada na expressão de Paulo na sua carta a Timóteo. De acordo com o apóstolo dos gentios, um dos pré-requisitos para a ordenação de um ministro era o de que ele não fosse um neófito, *"A fim de que se ensoberbecendo não caia na condenação do diabo"* (I Tm 3:6), ou seja, que ele não viesse a cometer o mesmo pecado (orgulho, soberba) que levou o diabo à condenação ou "à condenação reservada para o diabo, o julgamento apropriado para o *pecado de orgulho"* (Chave Linguística do Novo Testamento Grego).

O escritor do livro de Provérbios também nos orienta a ter cuidado com a soberba e o orgulho, quando diz:

"A soberba precede a ruína e a altivez de espírito a queda".

O apóstolo Pedro, de igual modo, faz a mesma advertência dizendo:

"Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (I Pe 5:5).

Outro texto que, segundo a nossa ótica faz alusão a queda de Satanás encontra-se em Lc 10:18, onde o Senhor Jesus Cristo, a fim de evitar que os seus discípulos, empolgados pelos resultados da autoridade a eles delegada, viessem a ser vítimas da soberba e do orgulho, disse-lhes: *"Eu via Satanás, como raio, cair do céu"*. E no livro do Apocalipse essa referida queda é apresentada minuciosamente. Assim diz o Senhor:

"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele" (Ap 12:7-9).

Como podemos ver, a conexão é muito clara e as alusões muito semelhantes. E o paralelo, entre os textos de Isaias 14 e Ez 28 com os textos do Novo Testamento, é muito evidente.

Portanto, à luz dessas explicações podemos concluir que tanto Isaias quanto Ezequiel, não apenas fazem alusão à queda de Satanás, mas também nos apresentam os reais motivos dessa referida queda os quais são: o orgulho e a soberba.

Falando, ainda, acerca da queda dos anjos, o Teólogo Wayne Gruden esposa essa mesma opinião ao dizer que:

"Tanto 2 Pe quanto Judas nos dizem que alguns anjos se rebelaram contra Deus e se tornaram hostis adversários da sua Palavra. Seu pecado, aparentemente, foi o orgulho, a recusa de aceitar o lugar que lhes foi reservado, pois "não guardaram seu estado original, mas abandonaram seu próprio domicílio" (Jd 6).

É também po*ssível que haja uma referência à queda de Satanás, o príncipe dos demônios, em Isaias 14. Descrevendo o juízo de Deus contra o rei da Babilônia (rei terreno, humano), a partir de certo ponto Isaias passa a usar uma linguagem que parece forte demais para referir-se a qualquer rei meramente humano:*

"Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva!

Como foste lançado por terra, tu que debilitava as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.

Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo (Is 14:12-15).

Essa linguagem de subir ao céu e exaltar o trono, e dizer "Serei semelhante ao Altíssimo", sugere fortemente a rebelião de uma criatura angélica de grande poder e dignidade. No discurso profético hebraico, não é incomum passar de descrições de acontecimentos humanos para descrições de eventos celestes que lhes sejam análogos, e que os acontecimentos terrenos retratem de modo limitado" (Ver, por exemplo, Sl 45, que passa da descrição de um rei terreno à descrição do Messias divino). Sendo assim, o pecado de Satanás é pintado como orgulho e a tentativa de se igualar a Deus em posição e autoridade. (Wayne Gruden -Teologia Sistemática – pgs 335,336).

Que a causa da queda de Satanás e os seus anjos foi o orgulho ou a soberba está claro na epístola de Paulo a Timóteo:

"não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo" (I Tm 3:6).

Falando ainda acerca da queda de Satanás tanto Jesus quanto João, o evangelista, é taxativo:

Jesus: *"E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu"* (Lc 10:18).

João: *"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos,*

mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus.

E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele" (AP 12:7-9).

E, para finalizar essa questão faremos alusão ao argumento do Dr. Reinaldo Siqueira:

"Quanto ao NT, as duas passagens salientadas por Wenham não necessariamente se referem a Gn 6. O pecado dos anjos mencionado em 2Pe 2:4, pode se referir a rebelião de um grupo de anjos contra Deus antes da queda do homem. A seqüência dos eventos descrita em 2Pe 2:4-10 pode ser entendida como se referindo à rebelião dos anjos no céu, depois ao dilúvio, e então à destruição de Sodoma e Gomorra. Além disto, em outras partes da Bíblia, o fato dos anjos rebeldes terem sido atirados ao inferno, está ligado à expulsão desses depois da rebelião no céu e não com o casamento com seres humanos ver Ap 12:7-12. Em Jd 6 e 7 a comparação entre os anjos caídos e Sodoma e Gomorra enfatiza a semelhança do juízo de Deus sobre ambos e não necessariamente uma semelhança de pecado cometido por eles". (site:www herancajudaica.wordpress.com)

1) **Algumas razões porque "os filhos de Deus", em Gn 6:2** são os descendentes da linhagem piedosa de sete.

1 - Enos era descendente de Sete e a partir de Enos se começou a invocar o nome do Senhor.

2 - A genealogia de Sete em Gn 5 faz parte da genealogia de Jesus em Lc 3:28ss

3 - Os homens piedosos que aparecem em Gn 5 são apenas os mais proeminentes.

4 - Não são somente os anjos que são chamados de filhos

de Deus, mas vários homens, incluindo Adão Dt 14:1; Lc 3

5 - Bney há Elohym não é um termo técnico para designar anjos

6 - O contexto de Gênesis 4 a 6 aponta para homens e não para anjos.

7 - Os nefilins já existiam antes do casamento dos filhos de Deus. Gn 6:4

8 - Os anjos não se casam Mt 22:30 Lc 20:35,36

9 - Os anjos são espíritos Hb 1:14 e um espírito não tem carne e nem ossos Lc 24:36-39

10 - O castigo em Gênesis 6 é contra os homens e não contra os anjos.

11 - A expressão hoi angeloi tou Theou, *"os anjos de Deus"* no Codex Alexandrinus não é autêntica, foi reescrita em cima da frase hoi huioi tou Theou

12 - Os tradutores da Septuaginta traduziram bney há'Elohiym, em Gn 6:2, como: "os filhos de Deus", mas em Jó 1:6 e 2:1 como os anjos de Deus"

13 - O verbo huchal de chalal em Gn 4:26 não significa "profanar",mas, sim, "começar, iniciar".

14 - Os seres vivos reproduzem segundo a sua espécie. Portanto só um ser humano pode reproduzir outro ser

humano. Caso os anjos tivessem a capacidade de reproduzir, teriam de reproduzir anjos e não homens.

15 - Como os Nefilins continuaram a existir em Canaã, na época de Moisés, uma vez que eles morreram nas águas do dilúvio? Houve porventura outro casamento dos anjos com as mulheres? Mas como isso seria possível, uma vez que, segundo os interpretes da posição mitológica, todos eles foram presos no tártaro, em cadeias eternas? Porventura algum anjo caído escapou do Tártaro para se casar?

16 - Os espíritos em prisão de I Pe 3:18-20 não são os anjos caídos, mas de seres humanos

17 - Existem várias prisões de anjos

18 - Os anjos que estão presos, nas diferentes prisões, são os que caíram com Satanás.

19 - Os anjos não têm poder, por si mesmos, de assumir uma aparência humana a não ser que Deus os capacite como em alguns casos.

20 - Não há como provar, biblicamente, que houve duas quedas no mundo angelical

21 - Se os homens piedosos do AT não podem ser chamados de filhos de Deus, muito menos os anjos caídos.

22 - Se os anjos caídos, incluindo satanás, pudessem se humanizar, com certeza eles usariam desse expediente para enganar e até mesmo para destruir a humanidade.

23 - A idéia do casamento dos anjos com as mulheres tem origem nos livros apócrifos e pseudoepígrafos de Enoque, O Testamento dos Doze Patriarcas, etc.

24 - A linhagem de Caim começa com um ímpio, assassino e invejoso, a de Sete tem início em Deus e vai até Jesus.

Os argumentos apresentados são conclusivos e não deixam nenhuma margem para dúvidas de que "os filhos de Deus", em Gn 6:2, são a linhagem piedosa de Sete.

3 - O Canto do galo

"... Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces". (Lc 22:34)

Em que consistia o cantar do galo referido por Jesus nos evangelhos? Era o canto de uma ave ou há outra explicação cultural para essa expressão do nosso mestre?

Durante séculos, a posição que prevaleceu na história do Cristianismo foi que "o canto do galo", referido por Jesus, nos evangelhos, era o canto de uma ave emplumada que cantava para anunciar a madrugada e, nesse contexto, confirmar a negativa de Pedro conforme Jesus havia previsto. Não obstante, Charles Swindoll, após pesquisar as obras de William Barkley, trouxe-nos um insight muito curioso em seu livro: "Marcado para Morrer" que eu gostaria de compartilhá-lo com você.

Segundo Swindoll, na época de Jesus havia uma regra na lei judia que proibia a criação de aves como aquela na cidade santa pelo fato delas emporcalharem as coisas santas.

E, é curioso notar que Jesus passou por seis julgamentos: três pelos judeus (O primeiro por Anás; o segundo por Caifás e o terceiro pelo Sinédrio) e três pelos romanos: (O primeiro por Pilatos, o segundo por Herodes e o terceiro,

novamente, por Pilatos, quando, então, de acordo com Marcos, ele foi condenado e crucificado à terceira hora do dia, de acordo com a cronologia judaica a qual, de acordo com o nosso calendário, corresponde às nove horas da manhã).

Outro fato curioso que gostaríamos de destacar é que, tanto na casa de Anás quanto na de Caifaz e mesmo no sinédrio, não havia um galinheiro e, portanto, não tinha um galo, ou seja, uma ave emplumada para cantar. A essa altura, pode-se perguntar: "Que galo ou que cantar do galo era esse referido por Jesus?".

Antes de explicar essa questão gostaríamos de, a título de informação, apresentar a divisão do dia na época de Jesus.

De acordo com os historiadores o dia estava dividido da seguinte maneira:

1) Dia civil de 24 horas - iniciava-se com o por do sol de um dia e terminava com o por do sol do outro dia.

2) Dia natural – Era composto de 12 horas - era a parte clara do dia que iniciava com o nascer do sol e terminava com o por do sol. Esse dia estava dividido em doze períodos de uma hora e ia da primeira até a duodécima hora.

3) Vigília da noite: era composta de 12 horas - Tinha início com o por do sol e terminava com o nascer do sol. Estava dividida em quatro períodos de três horas denominados de vigílias.

A primeira vigília: das 18:00 hs às 21:00 hs

A segunda vigília: das 21:00 hs as 24:00 hs

A terceira vigília: das 00:00 hs as 03:00 da manhã

A quarta vigília: das 03:00 as 06:00 da manhã

No final da terceira vigília da noite, cerca das 03:00 hs da manhã, momento em que ocorreu o primeiro julgamento de Jesus, acontecia a troca de turno da escolta de soldados que fazia a guarda da fortaleza de Antônia que era a casa do governador Pôncio Pilatos, e, essa troca de turno era anunciada com um toque de trombeta que, em latim, chamava-se gallicinium que, traduzindo para o português, significa: "o cantar do galo ou o canto do galo". No Exército Brasileiro, por exemplo, só para ilustrar, o amanhecer é anunciado com um toque de corneta conhecido como "o Toque da Alvorada", na época de Jesus, como mencionamos, a troca de turno era anunciada com o gallicinium, conhecido como: ἀλεκτοροφωνία alektorophonia, *"o cantar do galo"*. E para reforçar essa assertiva queremos recorrer a um costume judaico citado, inclusive, por Jesus, de denominar a terceira vigília como *"o cantar do galo"*. (Mc 13:35)

De acordo com a Enciclopédia da Bíblia:

"O cantar do galo" era um nome dado à terceira vigília da noite, de meia noite às *três da manhã. No tempo de Cristo a noite foi dividida pelos romanos em quatro vigílias: a) Tarde; b) Meia-Noite; c) Madrugada; d) Cedo. Cada um dos evangelistas se refere ao "cantar do galo" em conexão com o período em que Pedro negou a Jesus. (Mt 26:34,74; Mc 13:35; Lc 22:34; Jo 13:38)".*

E, ainda segundo o Comentário Bíblico Moody, volume 4, pg 113, a expressão:

"Se à tarde, se a meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã. "São as quatro vigílias da noite de acordo com a computação romana".

Fato esse que vem corroborar a citação apresentada acima. E, neste mesmo Comentário, na página 169, há outra afirmação que diz:

"Canto do galo era uma divisão de tempo romano, indicando o fim da terceira vigília, cerca das três horas da madrugada".

Na Chave Lingüística do Novo Testamento Grego encontramos algumas afirmações bastante interessantes acerca desse assunto. Assim diz o texto:

*"O canto do galo marcava a terceira vigília romana, da meia-noite até três da madrugada". "O cantar do galo". O nome da terceira vigília da noite: "ao cantar do galo" (12-3 da madrugada). A palavra "cantar" vem do grego: "*φωνῆσαι *phonesai- infinitivo aoristo de* φωνήέω *phoneoo, "chamar, fazer um som, cantar (do galo); (pgs 58, 94, 96)".*

A Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego confirma essa assertiva dizendo:

ἀλεκτροφωνία *alektrophonia, "canto do galo" (nome romano do terceiro turno de vigília [24-3 horas]", (pg 366).*

Para encerrarmos essa questão, gostaríamos de apresentar a tradução que o Dr. Valdir Carvalho Luz faz acerca desse assunto em seu Novo Testamento Interlinear. Antes, porém, apresentaremos a tradução de João Ferreira de Almeida: *"não cantará hoje o galo"*. Tradução do Pr. Valdir Carvalho luz: *"Não soará hoje galo"*. É interessante notar

que esta tradução, além de curiosa, é bastante significativa, pois, no lugar de cantará φωνησει phonesei, ele traduz, *"soará"*, dando a ideia de um som emitido por uma trombeta, buzina, corneta ou outro instrumento musical. Ora, o galo canta, mas somente o sino, a corneta e a trombeta soam. (NT Interlinear pg 271, Evangelho de Lucas).

Portanto, diante das provas aduzidas, é razoável supor que, *"o cantar do galo"*, referido por Jesus nos evangelhos, longe de ser o canto de uma ave, era *"o toque da trombeta"* dos soldados romanos que anunciavam a troca de turno, da escolta que fazia a guarda da fortaleza de Antônia, que acontecia no final da terceira vigília da noite.

4 - Quantas vezes o galo cantou, uma ou duas?

De acordo com Mateus 26:34 e Lucas 22:34, parece que o galo cantou apenas uma vez, mas de acordo com marcos 13:35 temos a impressão de que foram duas vezes. Mas afinal, quantas vezes o galo cantou, uma ou duas?

Reposta:

Como pode ser visto no artigo anterior, apresentado neste livro, "o canto do galo", referido por Jesus nos evangelhos, não se trata do canto de uma ave, mas sim do toque da trombeta do soldado romano que anunciava a troca de turno dos soldados que faziam a guarda da Fortaleza de Antônia, no final da terceira vigília da noite (das 24h as 03h da manhã). Mas a pergunta é:

"quantas vezes o galo cantou, uma ou duas?"

Antes de respondermos a esta pergunta gostaríamos de desvendar o mistério que envolve a palavra galo.

Se o cantar do galo, não era o canto de uma ave, fica óbvio e ululante de que "o galo" poderia ser qualquer coisa, menos uma ave.

"Seguindo uma simples lógica de raciocínio, por inferência, podemos deduzir que o galo, em questão, era "o trombeteiro".

Charles Swindoll confirma esta assertiva dizendo:

"... não era um galo, mas sim um tocador de trombeta". (Marcado para Morrer, pág. 50)

Uma ou Duas vezes?

De acordo com Swindoll e a obra de William Barckley:

"na troca da guarda para a vigília seguinte, houve o estridente som de uma trombeta. E durante os tempos festivos, devido ao grande número de pessoas na cidade, com frequência duas vezes *a trombeta era tocada, primeiro em uma direção, e depois em outra.*

Visto que era a páscoa, a trombeta poderia ter ecoado duas vezes. Era isso que Jesus quis dizer quando falou a Pedro: "esta noite, antes que duas vezes cante o galo, três vezes você me negará".

Visto que marcos estava escrevendo para os romanos, é bem possível que ele tivesse essa informação adicional ao passo que os demais evangelistas não a tivessem ou que eles acharam interessante registrar apenas o último toque da trombeta quando então Pedro já havia negado o Senhor Jesus.

É importante ressaltar que nem Mateus e nem Lucas estão afirmando que o galo iria cantar uma só vez, muito pelo contrário, eles apenas afirmam que o galo cantaria.

Esse tipo de aparente contradição, longe de por a Bíblia em descrédito, apenas a confirma como verdadeira palavra

de Deus. Pois, isso mostra de forma clara e inequívoca que nada foi combinado, entre eles, nos bastidores. Pois, os autores eram livres e independentes um do outro.

Ademais, a Bíblia é como um corpo humano, as partes estão interligadas e por isso, se complementam.

Como poderíamos saber que a ausência de chuvas, determinada pelo profeta Elias, em primeiro Reis 17 seria de três anos e meio se Tiago, centenas de anos depois, não nos dissesse? (Tg 5:17).

Portanto, concluímos que não há nenhuma discrepância entre o relato dos evangelistas, visto de que eles atendem diferentes perspectivas e, como já dissemos Mateus e Lucas não dizem que foi "APENAS" uma vez que o galo cantou, mas tão somente registram o fato histórico de que o galo cantou, ao passo que, o evangelista Marcos diz que foram duas vezes, provavelmente, com base nos costumes romanos os quais lhe eram familiares.

5 - Quantas tribos havia em Israel, doze ou treze?

É muito comum ouvirmos as pessoas afirmarem que o número das tribos de Israel consiste em apenas doze.

Talvez seja pela presença constate do número doze na Bíblia. Por exemplo: "as doze portas, os doze apóstolos, as doze tribos", etc.

Não obstante, se fizermos uma pesquisa mais detalhada acerca deste assunto, perceberemos que a Bíblia apresenta

um total de treze tribos e não de doze como tradicionalmente é divulgado.

A origem das tribos

As tribos de Israel, em princípio, tiveram origem no nome dos dozes filhos de Jacó, que, posteriormente teve seu nome mudado, por Deus, para Israel (GN 32:28-30)

Jacó ou Israel teve doze filhos com suas duas mulheres (Raquel e lia) e com as suas duas concubinas:

(Bila e Zilpa)

Seguindo uma ordem cronológica os filhos de Israel estão assim dispostos na Bíblia Sagrada:

Os filhos de Lia ou Léia

Rúben Gn 29:32
Simeão Gn 29:33
Levi Gn 29:34
Judá Gn 29:35

Os filhos de Bila

Dã Gn 30:6
Naftali Gn 30:8

Os filhos de Zilpa

Gade Gn 30:11
Aser Gn 30:13

Os filhos de Lia ou Léia

Isaacar Gn 30:18
Zebulon Gn 30:20

Os filhos de Raquel

1) José Gn 30:24
2) Benjamim Gn 35:18

"E eram doze os filhos de Jacó: os filhos de Léia: Ruben, o primogênito de Jacó, depois Simeão e Levi, Judá, Isaacar e Zebulom; os filhos de Raquel: José e Benjamin; os filhos de Bila, serva de Raquel: Dã e Naftali; os filhos de Zilpa, serva de Léia: Gade e Aser. Estes são os filhos de Jacó, que lhe nasceram em Arã". Gn 35:22-26

A origem das treze tribos

Apesar do nosso estudo acima apontar para doze tribos, é importante salientar que José teve dois filhos, a saber, Manassés e Efraim, os quais, após a sua morte, deram origem a outras duas tribos, a saber: "a tribo de Manassés e a tribo de Efraim". Ora, a contagem é muito simples, se o número das tribos de Israel, em princípio, eram doze, conforme ficou provado acima, incluindo a de José; com a morte deste, este número caiu para onze. Mas acontece que conforme mencionamos seus dois filhos (Manassés e Efraim) passaram a ser contados como tribos em seu lugar (Js 14:4), o que fez com que o número subisse para treze tribos. (Nm 1:1-54)

Lista de todas as tribos de acordo com Números capítulo 1

(13)

1 - Rúben: Nm 1:5
2 - Simeão: Nm 1:6
3 - Levi: Nm 1:49
4 - Judá: Nm 1:7
5 - Issacar: Nm 1:8
6 - Zebulom: Nm 1:9
7 - Manassés: Nm 1:10
8 - Efraim: Nm 1:10
9 - Benjamim: Nm 1:10
10 - Dã: Nm 1:12
11 - Naftali: Nm 1:15
12 - Gade: Nm 1:14
13 - Aser: Nm 1:13

Por que encontramos na Bíblia apenas a expressão doze tribos ao invés de treze?

De acordo com o livro de Números a tribo de Levi não era contada, posto que fosse uma tribo sacerdotal, sem direito a herança uma vez que Deus era a sua própria herança. Daí, o motivo da expressão "doze tribos". (Nm 1:47-49; Js 14:4,5)

À luz dessas explicações concluímos que as tribos de Israel somavam um total de 13 tribos e não de 12 como tem sido amplamente divulgado.

6 - Existiu uma raça pré-adâmica?

Na tentativa de explicar a pluralidade das raças que povoam o planeta terra, alguns têm proposto que Deus criou outras pessoas, antes de Adão e Eva ou no mesmo momento que estes, para povoar a terra. Outros, levados por um delírio exacerbado chegam a propor que Deus criou outros seres humanos, além do primeiro casal (Adão e Eva), não somente para povoar a terra, mas também para habitar outros planetas. E com isso querem, por exemplo, dar existência aos Ovnis e aos seres extraterrestres. A existência desses seres ou desses objetos não passa de mera utopia, pois nem mesmo a ciência advoga a esse favor.

Não obstante, para aqueles que adotaram a Bíblia Sagrada como única regra infalível de fé e fonte de autoridade é extremamente necessária compulsá-la a fim de saber o que ela diz acerca desta questão.

Pelo que me consta não há nenhum só versículo nas Sagradas Escrituras, do Gênesis ao Apocalipse, que abone tal afirmação. Não encontramos nenhuma passagem Bíblica que afirme que Deus tenha criado outros seres humanos, além de Adão e Eva, para habitar a terra ou mesmo outro planeta. Essa afirmação é fruto de uma teoria conhecida como "Poligenismo" que, diga-se de passagem, não tem nenhum amparo nas Sagradas Escrituras. Diante de tudo isso resta-nos apenas saber o que a Bíblia diz a esse respeito.

De acordo com o texto bíblico o primeiro e único homem criado diretamente por Deus foi Adão por meio do qual ele fez Eva (Gn 1:26-28; 2:7,18-24) e, a partir deste casal toda

a terra passou a ser povoada. Essa teoria é conhecida como Monogenista e tem o total amparo das Escrituras (At 17:26; Rm 5:12; I Co 15:45; I Tm 2:13).

Que Adão é o pai da raça humana a Bíblia não deixa nenhuma sombra de dúvida; pois além das passagens citadas temos o episódio registrado em Gênesis de 6 a 8. Quando Deus, por causa da corrupção do homem, resolveu obliterar a raça humana, preservou apenas oito pessoas, a saber, a família de Noé, por meio da qual toda a terra foi novamente povoada (Gn 10. *Este capítulo é conhecido como a tábua das nações pelo fato de apresentar a distribuição das raças humana pelo planeta terra através dos três filhos de Noé, a saber, Sem, Cão e Jafé*). E vale lembrar que de acordo com a genealogia bíblica Noé é descendente de Adão (Gn 5: 1-29). Até mesmo o Senhor Jesus Cristo, no que diz respeito a sua natureza humana, tem a sua origem em Adão (Lc 3: 23-38) com apenas uma diferença: Ele não herdou a sua natureza decaída. Ele foi gerado de modo sobrenatural, a saber, pelo Espírito Santo (Mt 1:20).

Portanto, a ideia de que além de Adão e Eva Deus criou outras pessoas para habitar a terra ou outro planeta deve ser rejeitada, refutada e considerada como uma gritante heresia ou, no mínimo, antibíblica pelo simples fato de, como ficou provado, não encontrar nenhuma base na Bíblia Sagrada. E, por esta razão, prevalece o argumento monogenista (argumento que afirma que Adão é o pai de todas as raças (Gn 1:26-28; 2:7,18-24; At 17:26; Rm 5:12; I Co 15:45; I Tm 2:13) que, com provas irrefragáveis podemos afirmar, encontra total apoio nas Sagradas Escrituras.

7 - Deus sabia que Adão iria pecar?

R. Sim! Apesar dos adeptos da teologia relacional, teologia do processo ou teísmo aberto defenderem a idéia de que Deus abriu mão dos seus atributos incomunicáveis e tornou-se um parceiro do homem na construção da história e, portanto, não sabe o que vai acontecer amanhã, de acordo com os ensinos gerais das Sagradas Escrituras, Deus sabe todas as coisas: o passado, o presente e o futuro. Nada está fora do alcance do seu conhecimento ou do seu controle.

A Bíblia ensina, de forma irrefragável, que Deus é onisciente. A Onisciencia de Deus, um dos seus atributos incomunicáveis, é uma das verdades centrais da fé cristã.

Uma das passagens clássicas sobre a onisciência de Deus está registrada no salmo 139. Assim está escrito:

SENHOR, tu me sondaste e me conheces.

2 Tu conheces o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento.

3 Cercas o meu andar e o meu deitar; e conheces todos os meus caminhos.

4 Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó SENHOR, tudo conheces.

5 Tu me cercaste em volta e puseste sobre mim a tua mão.

6 Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta, que não a posso atingir.

7 Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face?

8 Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também;

9 se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar,

10 até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá.

11 Se disser: decerto que as trevas me encobrirão; então, a noite será luz à roda de mim.

12 Nem ainda as trevas me escondem de ti; mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.

13 Pois possuíste o meu interior; entreteceste-me no ventre de minha mãe.

14 Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem.

15 Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra.

16 Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia.

17 E quão preciosos são para mim, ó Deus, os teus pensamentos! Quão grande é a soma deles!

18 Se os contasse, seriam em maior número do que a areia; quando acordo, ainda estou contigo. (Sl 139:1-18)

Portanto, à luz das provas aduzidas, podemos responder, indubitavelmente, que, Deus sabia que Adão iria pecar.

8 - Se Deus Sabia que Adão iria pecar por que Ele não impediu?

Deus não impediu Adão de pecar por causa da liberdade que ele mesmo outorgou ao homem.

O homem foi criado por Deus como um ser moralmente livre; e, ao interferir no livre arbítrio do homem, apesar de ser soberano, Deus fere o principio da liberdade fazendo com que o homem o obedeça por imposição e não voluntariamente ou por amor. De outra forma não seria obediência voluntária, mas imposição. E, é justamente por essa e por outras razões que Deus não impediu Adão de pecar.

9 - O apóstolo Paulo era casado?

O estado civil do apóstolo Paulo tem sido objeto de muita polêmica e controvérsia dentro do cristianismo. O Catolicismo Romano a fim de defender o celibato dos sacerdotes, afirma categoricamente que Paulo era solteiro. Enquanto que os protestantes, sem tomarem uma posição definida, divergem entre as duas questões. Há os que pensam que Paulo era casado e os que afirmam que ele era solteiro.

Por inferência a Bíblia da margem para defendermos ambas as questões.

Se por um lado Paulo diz: "Bom seria que todos fossem como eu que não tocasse em mulher", por outro lado, vemo-lo aconselhando os casados, o que deixa, nas entrelinhas, transparecer que ele fosse casado.

Mas afinal, Paulo era casado ou solteiro?

Paulo era casado

Os que argumentam que Paulo era casado apresentam as seguintes linhas de interpretações:

1) Paulo era fariseu e, provavelmente, membro do Sinédrio e, para tanto, ele deveria ser casado. At 7:58; 8:1,3; 9:1,2; At 26:10
2) Paulo dá conselho para os casais. I.Co 2; Ef 5:22-31
3) Um dos pré-requisitos para os candidatos ao ministério, segundo Paulo, é que eles fossem maridos de uma só mulher. I.Tm 3:2; Tt 1:6; I. Tm 3:2,4,12
4) Em I Co 9: Paulo deixa a entender que era casado quando diz:

"Não temos nós direito de levar conosco uma mulher irmã, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor?" (I.Co 9:5)

Paulo era solteiro

Os que argumentam que Paulo era solteiro apresentam as seguintes linhas de defesa:

1) Paulo queria que todos fossem como ele: que não tocasse em mulher.

2) Não há nenhum texto bíblico que afirme, objetivamente, que Paulo era casado.

Apesar da falta de evidências claras acerca de uma ou de outra posição, é razoável supor, de acordo com as provas apresentadas, por inferência, que Paulo era casado.

Creio que essa questão, como outras igualmente polêmicas, não esta fechada, mas é passível de pesquisas.

10 - Samuel era levita ou Efraimita?

De acordo com I.Samuel 1:1, Elcana, pai de Samuel, era Efraimita. Logo, Samuel, por sua vez, pelo menos aparentemente, era um membro da tribo de Efraim. Se isso é verdadeiro: Como o profeta Samuel poderia ser sacerdote uma vez que, um dos pré-requisitos para o ofício sacerdotal era ser da tribo de Levi? I Cr 15:2; Dt 10:8

Afinal Samuel era levita ou efraimita?

Samuel era tanto levita quanto efraimita. Mas como alguém pode ser levita e Efraimita ao mesmo tempo? Eu explico.

As tribos de Israel formavam um total de 13 tribos. Em principio eram apenas 12 Gn 49:1-28.

1) Rúben
2) Simeão
3) Levi
4) Judá
5) Zebulom
6) Issacar
7) Dã
8) Gade
9) Aser
10) Naftali
11) José
12) Benjamim

Total geral 12 tribos

Acontece que, com a morte de José, seus dois filhos: Manassés e Efraim Gn 41:51,52 ocuparam o seu lugar, formando duas tribos, a saber: Manassés e Efraim. Desse modo no lugar de doze, a Bíblia nos apresenta treze tribos conforme podemos comprovar no livro de Números capítulo 1. Vejamos:

1) Rúben Nm 1:5,20
2) Simeão Nm 1:6,22
3) Judá Nm 1:7,26
4) Issacar Nm 1:8,28
5) Zebulom Nm 1:9,30
6) Efraim Nm 1:10,32

7) Manassés Nm 1:10,34
8) Benjamim Nm 1:11,36
9) Dã Nm 1:12,38
10) Aser Nm 1:13,40
11) Gade Nm 1:14,24
12) Naftali Nm 1:15,42
13) Levi:

De todas as tribos apenas a de Levi não aparece. E por quê?

A explicação está em Nm 1:47

"Mas os levitas, segundo a tribo de seus pais, não foram contados entre eles, portanto o Senhor tinha falado a Moisés, dizendo: "somente não contarás a tribo de Levi, nem tomarás a soma deles entre os filhos de Israel" (Nm 1:47-49).

O motivo de Deus ordenar que não se contasse a tribo de Levi era por que essa tribo seria separada para o serviço do tabernáculo. Os levitas não teriam terra como herança, pois Deus seria a sua própria herança. Lv 18:20,21.

Pelo fato de os levitas não terem terras como herança, Deus os espalhou entre as doze tribos (Nm 35:1-8). E, portanto, coube a Elcana, da tribo de Levi, da família de coate, habitar na região montanhosa de Efraim. Daí, o nome Efraimita.

A nomenclatura Efraimita, de acordo com a Onomatologia, "Ciência dos Nomes", possui alguns significados:

1) Efraimita é um etinônimo, ou seja, nome usado para designar uma etnia, raça ou tribo;
2) Efraimita é um patronímico, isto é, nome ligado ao pai (filho de Efraim)
3) Efraimita é um adjetivo gentílico ou nome pátrio, ou seja, nome que designa o lugar onde o individuo nasceu ou habita.

Samuel se enquadra neste último caso.

Ele era levita por ser descendente da tribo de Levi e Efraimita por habitar na região de Efraim.

Samuel era da tribo de Levi

Que Samuel era da tribo de Levi não temos nenhuma dúvida. Pois assim se diz de Samuel:

"... Estes são, pois, os que ali estavam com seus filhos; dos filhos dos coatitas, Hemã, o cantor, filho de Joel, filho de Samuel, filho de Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliel, filho de Toá, filho de Zufe, filho de Elcana" (I Cr 6:33-35). Vejam que essa genealogia é semelhante a que é apresentada em I Sm 1:1 demonstrando, de forma insofismável, a verdade da nossa assertiva. Concluímos, portanto, que Samuel era Levita e cumpriu todos os pré-requisitos para o seu sacerdócio.

11 - Nabucodonosor, o Homem-Lobo

No livro do profeta Daniel, capítulo quatro, há um episódio narrado pelo rei Nabucodonosor, bastante interessante.

O rei teve um sonho com uma árvore gigantesca que o deixou perturbado. E para que o sonho fosse interpretado, ele baixou um decreto pelo qual fossem levados à sua presença todos os sábios da Babilônia. Não obstante, ele não obteve sucesso até que chegou Daniel, o homem de Deus, o qual lhe deu a interpretação do seu sonho.

Na sua interpretação o profeta Daniel disse que a árvore era o próprio Nabucodonosor que por conta da sua soberba e falta de compaixão seria tirado de entre os homens e colocado entre os animais e comeria com eles por sete tempos, ou seja, sete anos ou períodos longos de acordo com a maioria dos estudiosos.

Mas de tudo isso, o que causa mais espanto e admiração é o fato de que o rei teve os seus pêlos e unhas crescidos de modo exagerado. Diz o texto:

"o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceu pêlo, como as penas da águia, e as suas unhas como as das aves". Dn 4:33 (ACF)

A pergunta que não quer calar é: Que fenômeno é esse que ocorreu com o rei Nabucodonosor?

Segundo alguns especialistas, Nabucodonosor foi acometido por um problema, raro, conhecido como:

Licantropia, do grego, lucanthropia, de lykos, *"lobo"* e anthropos, *"homem"*, sign. *"homem lobo"*. Ou de acordo com a lenda ou crendice popular ou superstição universal. *"lobisomem"*.

Existem ainda outros nomes, na linguagem médica para descrever essa anomalia: zoantropia, de zoo, *"animal"* e antropos *"homem"*, sign, *"homem animal"*.

O licantropo, pessoa que sofre de licantropia, é acometido de uma enfermidade mental em que ele se imagina transformado em lobo.

12 - Jacó teria se equivocado ao interpretar o sonho de José?

"E sonhou ainda outro sonho, e o contou a seus irmãos, e disse: eis que ainda sonhei um sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam a mim. E, contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o seu pai e disse-lhe: Que sonho é este que sonhaste? Porventura viremos eu, e ***tua mãe****, e teus irmãos a inclinar-nos perante ti em terra?"*

Ao interpretar esse sonho de José, parece-nos que Jacó cometeu um equívoco quando disse: "... Porventura viremos eu, e ***tua mãe****... a inclinar-nos perante ti em terra?"* (O grifo é meu. Gn 37:9,10).

A pergunta que não quer calar é: Como a mãe de José (Raquel) poderia vir a inclinar-se perante ele, em terra, uma vez que ela já havia morrido?

Ora, se levarmos em conta que Jacó tinha duas mulheres, Raquel e Léia, a aparente contradição já começa a ser desfeita.

Com a morte de Raquel, a preferida e amada de Jacó, Léia, a sua primeira esposa assume o papel de mãe de todos os filhos de Jacó. Assim sendo, a mãe, a qual Jacó se referia, não era Raquel, mas, sim, Léia. Isto é assim até mesmo em nossa cultura ocidental. Pois morrendo a mãe natural de alguém a segunda mulher de seu pai assume o papel de mãe, a qual chamamos de madrasta. Portanto, concluímos que Jacó não se equivocou. Pois, em sua interpretação do sonho de José, ele fez referência a Léia que ainda estava viva e não à Raquel que morreu por ocasião do parto difícil de Benjamim, cujo primeiro nome é Benoni.

13 - Jó era neto de Jacó?

Com base na passagem de Gn 46:13, alguns tem proposto que o patriarca Jó era neto de Jacó, filho de Isaque. Assim diz o texto:

"E os filhos de Issacar: Tola, e Puva, e Jó, e Sinron". (Gn 46:13 – ARC)

O capítulo 46 de Gênesis descreve os descendentes de Jacó que desceram para o Egito. E entre os descendentes apresentados estão os doze filhos de Jacó, dos quais um era Issacar que, de acordo com o versículo 13, era o pai de Jó. Ora, uma vez que Issacar era filho de Jacó, e Jó era filho de Issacar, a conclusão óbvia é que o patriarca Jó, pelo menos em princípio, era neto de Jacó.

Outro argumento, que reforça essa tese, consiste em que a maioria esmagadora dos dicionários e livros biográficos apresentam apenas um personagem com o nome de Jó.

E o fato de Jó, de acordo com a maioria dos historiadores, ter vivido no período patriarcal, o que faz dele um possível contemporâneo de Abraão, Isaque e Jacó, reforça ainda mais a ideia de que ele era neto de Jacó.

Mas será que o patriarca Jó, personagem histórico do livro, da Bíblia, que leva o seu nome, era de fato o neto de Jacó? Isso é o que veremos no decorrer desse estudo.

Existem boas razões para descartarmos a interpretação de que o patriarca Jó era neto de Jacó.

1) Apesar dos vários dicionários e outras obras de referência registrarem apenas um personagem com o nome de Jó, na Bíblia, ao longo da nossa pesquisa podemos constatar que há na Bíblia um caso de homônimo relacionado com o nome de Jó, ou seja, existem dois personagem com esse mesmo nome. São eles: a) o filho de Issacar (Gn 46:13); e b) o patriarca Jó (Jó 1:1).

2) O patriarca Jó vivia na terra de Uz, mas Jó, filho de Issacar, vivia no Egito.

Localização da terra de Uz

"Em nenhum lugar a região é especificamente localizada, quer na história ou na geografia sagrada ou secular, no entanto, as referências bíblicas e tradicionais oferecem diversas dicas quanto a sua localização:

A)- Era uma terra de pastagens abundante (Jó 1:3).

B) Porções dela eram apropriadas para colheitas aradas (Jó 1:14).

C) Estava localizada próxima ao deserto (Jó 1:19).

D) Era suficientemente extensa para ter diversos reis ou "xeiques" liderando muitas tribos ou povos (Jr 25:20).

E) Estava localizada de modo a estar mais ou menos nas proximidades das tribos dos temanitas, suítas e naamatitas (Jó 2:1), dos buzitas (32:2), e Dedã (Jr 25:23).

F) Havia uma colônia de Edom (chamada "a filha de Edom") na terra de Uz (Lm 4:21).

G) Estava dentro do campo de invasão dos sabeus e caldeus (Jó 1:15,17).

H) A tradição antiga, como encontrada no livro Siríaco, afirmava que a terra de Uz estava localizada "nas fronteiras da Iduméia (Edom) e Arábia".

I) A LXX, em alguns versículos no final do livro de Jó, diz que a tradição contemporânea localizava a terra de Uz "nas fronteiras de Edom e Arábia". Jó foi o maior de todos os homens do oriente" (Jó 1:3, 13-19). E "o oriente, do ponto de vista do escritor bíblico, quase sempre significava esses países nas margens do deserto árabe, a leste e a sudeste do baixo rio Jordão e do Mar Morto, mas um pouco além de Amom, Moabe e Edom". (Enciclopédia da Bíblia – pg 1063)

Uma vez que Jó, o filho de Issacar, desceu para o Egito e lá permaneceu até o dia da sua morte, ele não poderia ser o patriarca Jó, objeto da nossa pesquisa, que viveu na terra de Uz até o fim de sua vida (Jó 42: 16,17).

3) O patriarca Jó era o homem mais rico do oriente (Jó 1:3). Ao passo que Jó, neto de Jacó, desceu para o Egito por causa da fome na terra de Canaã a convite de José que era a única pessoa da família de Jacó, verdadeiramente próspera. E, além disso, com a morte de José, todos os descendentes de Jacó tornaram-se escravos na terra do Egito, fato esse que não ocorreu com o patriarca Jó.

4) A longevidade do patriarca Jó aponta para um período anterior ao de Jacó e talvez até mesmo ao de Abraão, nosso pai na fé. Por exemplo: Abraão viveu 175 anos, Isaque 185, e Jacó viveu 147. Mas diferente de todos estes Jó viveu cerca de 210 anos.

De acordo com a Bíblia Sagrada, antes da provação, Jó teve sete filhos e três filhas. Ora, para que um casal possa ter dez filhos são necessários pelo menos uns quinze anos. Se somarmos os quinze anos que eles levaram para ter os primeiros dez filhos, mais os outros possíveis quinze anos para eles terem os outros dez filhos, obteremos um total de trinta anos. Outro fato que devemos levar em consideração é que Jó viveu, provavelmente, no período patriarcal ou talvez no início desse período, quando a idade estimada para o casamento era de aproximadamente 40 anos (25:20). Além disso, a Bíblia apresenta um período de provação de Jó, cuja duração está no anonimato.

Pode ser que sejam um, dois, cinco ou dez anos, ou talvez mais, não sabemos ao certo. Por essa razão não iremos

computá-lo. Mas sabemos que, depois que Deus mudou o seu cativeiro e lhe deu outros dez filhos, ele viveu mais 140 anos, e viu os seus filhos e os filhos de seus filhos até a quarta geração (Jó 42:16).

Ora, somando os 40 anos antes do casamento, mais os 30 anos referentes aos 20 filhos e os 140, depois da mudança do cativeiro, teremos um total de cerca de 210 anos. Essa idade de Jó, tão longa, remete-nos para o período anterior a Abraão, quando os descendentes de Noé gozavam a bênção da longevidade, como podemos perceber nas passagens bíblicas a seguir (Gn 11:11,13,15,17,19, 21,23, 32).

5) Por outro lado, a Bíblia não diz que o patriarca Jó era neto de Jacó.

Portanto, se a nossa reflexão estiver correta, o patriarca Jó, com toda a certeza, não é, e nem pode ser, o neto de Jacó, como alguns querem fazer pensar.

14 - O sábado é um mandamento vigente para o cristão?

"Lembra-te do dia de sábado, para *santificá-lo. Seis dias trabalharas e farás toda a sua obra, mas o sétimo dia é o sábado do senhor, teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que esta dentro das tuas portas.*

"Porque em seis dias fez o senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o senhor o dia do sábado e o santificou". (Ex 20:8-11)

Com base nessa passagem e outras do Antigo Testamento, os adventistas do sétimo dia e outros adeptos do sabatismo, insistem em ensinar que o sábado é um mandamento vigente para o cristão e, portanto, este deve guardá-lo.

Segundo os adventistas o sábado é o sinal de Deus e o domingo será o sinal da besta.

Ellen White, a profetisa do adventismo fez a seguinte declaração:

"Santificar o sábado ao Senhor importa em salvação eterna" (Testemunhos Seletos).

Em outras palavras ela está dizendo que a salvação da pessoa não depende de Cristo, mas sim se ela guarda ou não o dia de sábado.

Ora, será que o sacrifício de Jesus Cristo não foi completo? Afinal, quem é que nos salva: Jesus ou a guarda do sábado?

Acerca desse assunto Paulo já advertia a igreja da Galácia quando disse:

"Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou a graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho

além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema". (Gn 1:6-9)

A Etimologia da palavra sábado

Sábado: do hebr, שַׁבָּת Shabbat, "sábado", שָׁבַת Shabat, "cessar, desistir, descansar".

Algumas Razões porque o cristão não deve guardar o sábado.

1 Deus trabalhou no dia de sábado.

"E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra que tinha feito". (Gn 2:2)

Esse versículo mostra de forma inequívoca que Deus trabalhou no sábado. De outro modo, como pode alguém terminar sua obra, num determinado dia, sem que tenha trabalhado nesse dia?

Veja que o texto é muito taxativo ao dizer que: *"Deus acabou no dia sétimo a sua obra que tinha feito..."*

Vejamos essa afirmação na língua original.

וַיְכַל אֱלֹהִים בַּיּוֹם הַשְּׁבִיעִי מְלַאכְתּוֹ אֲשֶׁר

"Vaykal 'Elohiym "e terminou Deus" Bayyom "no dia" hashebiy'iy "o sétimo" Mela'kto 'asher, "sua obra".

Estas palavras, na língua original, são claras e não deixam margem para dúvidas; Deus, realmente, trabalhou no dia de sábado.

O fato de Êx 20:8 dizer que ele terminou a obra no sexto dia pode ser explicado através do costume judaico de arredondar os números. Visto que Deus trabalhou apenas parte do sábado, como podemos ver por inferência, o escritor arredondou o número dizendo que Ele (Deus) terminou no dia sexto a sua obra, quando na verdade, de acordo com Gn 2:2, Ele terminou no sábado, ou seja, no sétimo dia.

Por exemplo, Davi reinou sete anos e meio em Hebrom:

"e foi o número dos dias que Davi reinou em Hebrom, sobre a casa de Judá, sete anos e seis meses" (II Sm 2:11).

"E em Jerusalém reinou trinta e três anos sobre todo o Israel e Judá" II Sm 5:5.

Ou seja, Davi reinou quarenta anos e seis meses. Mas, o mesmo escritor, em II Sm 5:4 afirma, que ele reinou apenas quarenta anos. Ora tudo o que ele fez foi arredondar os números de 40,6 anos para apenas 40 anos. À luz dessas explicações concluímos que Deus trabalhou no sábado.

2 A guarda do sábado não foi instituída por Deus antes da Lei

De acordo com os adventistas do sétimo dia, os cristãos devem guardar o sábado pelo fato dele haver sido instituído antes da Lei no jardim do Édem.

Refutação:

Não há nenhum só versículo na Bíblia que apresente o sábado como um mandamento dado por Deus antes da lei. Desde Adão até Moisés não há ninguém que tenha guardado o sábado. Nem Adão, nem Abel, nem Noé, e nem mesmo Abraão, Isaque, Jacó ou José guardaram o sábado. Portanto, dizer que a guarda do sábado é um mandamento vigente para o cristão por ser instituído por Deus, antes da lei, é no mínimo falacioso, pois, como temos visto, ele não tem respaldo nas Escrituras Sagradas. Como podemos ver, não há como provar a guarda do sábado no livro de Gênesis. Em todo o livro não há um só versículo que ampare essa prática. Pois não uma ordem expressa, da parte de Deus, recomendando a sua guarda.

O argumento de que Deus abençoou e santificou o sábado e por isso ele deve ser guardado pelo cristão.

"E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera." (Gn 1:3)

Refutação:

O fato de Deus haver abençoado e santificado o sábado não significa que o homem também deveria abençoá-lo e santificá-lo. Pois ao santificar e abençoar o sábado, Deus não disse que o homem deveria fazer o mesmo. Pelo menos não é isso que encontramos no livro de Gênesis. A razão dEle haver abençoado e santificado o dia sétimo está claro no próprio texto:

"porque nele descançou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera".

O argumento das duas instituições que atravessaram o Éden

Outro argumento usado pelo mesmo grupo consiste em que, as duas únicas instituições criadas por Deus que atravessaram os portões do Éden foram: a guarda do sábado e o casamento. E argumentam ainda: "Se querem invalidar a guarda do sábado devem de igual modo fazer o mesmo com o casamento que teve a sua origem no Éden".

Refutação:

No que diz respeito à instituição do casamento há uma ordem expressa de Deus tanto para o homem quanto para a mulher que diz:

"E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra" (Gn 1:28).

"Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne". (Gn 2:24)

"Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne?". (Mt 19:4,5)

Mas, quanto ao sábado, no livro de Gênesis e principalmente no capítulo dois, não há nenhum mandamento. Como

já foi dito acima, não háuma ordem expressa, da parte de Deus, indicando que devemos guardar o sábado.

3) O sábado foi instituído no período da lei para ser observado pelos judeus e não pelos cristãos.

De acordo com Êxodo 31:12ss, a guarda do sábado foi instituída para os judeus, para os filhos de Israel e não para os cristãos. (Êx 31:12,16,17)

4) O Novo Testamento não faz alusão a guarda do sábado como um mandamento vigente para o cristão.

Em todo o Novo Testamento não há um só versículo fazendo alusão à guarda do sábado como um mandamento vigente para o cristão ou para os gentios. Pra dizer a verdade, dos 10 mandamentos apresentados em Êx 20, o único que não é repetido no Novo Testamento é o que se refere à guarda do sábado.

Se a guarda do sábado é um mandamento estabelecido no Éden, e, diga-se de passagem, nesse caso é o primeiro de todos os mandamentos, conforme pensam os adventistas, pois até então nenhum outro mandamento ainda havia sido dado, porque somente depois de cerca de quase três mil anos, a contar do Éden até Moises, ele é ordenado para ser guardado? E vale lembrar que ele foi ordenado exclusivamente para a nação de Israel. (Êx 31:16ss), pois, desde Adão até Moises não vemos ninguém guardando o sábado. Nem Abel, nem Sete, nem Enos, nem Enoque, nem Noé, nem Sem, Abraão, Isaque, Jacó ou José. E, no período da igreja, ou seja, a partir da ascensão de Jesus, não temos na Bíblia, nenhum só versículo, que recomende a guarda do

sábado para os cristãos. Se a guarda do sábado fosse, de fato, um mandamento para a igreja; Por que nenhum dos apóstolos fez alusão a ele como um mandamento vigente para o cristão?

O argumento de que o sábado é um mandamento perpétuo

וְשָׁמְרוּ בְנֵי־יִשְׂרָאֵל
אֶת־הַשַּׁבָּת לַעֲשׂוֹת אֶת־הַשַּׁבָּת לְדֹרֹתָם בְּרִית עוֹלָם׃

Weshamru bney-Ysra'el 'et-hashabbat la'ashot 'et--hashabbat ledorotam beriyt 'olam

"Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando o sábado nas suas gerações por concerto perpétuo" (Êx 31:16).

De acordo com a interpretação adventista esse versículo ensina que o sábado é um mandamento que deve ser guardado perpetuamente ou eternamente, e, sendo assim, sua observância se estende também aos cristãos.

Diante dessa afirmação, com razão indagamos: Qual é o verdadeiro significado da palavra perpétuo nesse texto? A palavra hebraica, עוֹלָם 'olam, nesse texto, tem apenas um único sentido, a saber, "eterno" ou existe outro significado?

De acordo com as maiores autoridades na língua hebraica a palavra 'olam possui pelo menos dois significados:

A – 'olam, tem o significado de eterno apenas em relação a Deus. Pois somente Deus é eterno na sua essencia, isto é, Ele existe por si mesmo, é incriado, auto-existente, Ele é antes do tempo. Nunca houve um tempo em que Ele não existiu. Deus é intemporal ou atemporal, transcendental.

B – 'olam, do ponto de vista temporal, ou seja, das coisas que estão dentro do tempo, tem o sentido de um tempo determinado, limitado. Pois, como foi dito anteriormente, só Deus é essencialmente eterno. Tudo o que foi criado por Deus é contingente e, por isso, é limitado. O tempo foi criado por Deus e, o sábado, bem como a sua observância, estão dentro do tempo e, portanto, têm um prazo de validade, não são eternos.

Sobre esse assunto assim diz o Dr. Paulo Romeiro e o renomado apologista Pr. Natanael Rinaldi:

"Se somos obrigados a guardar o sábado pelo simples fato de ser denominado "estatuto perpétuo", então somos obrigados também a:

a) *Guardar a páscoa – estatuto perpétuo (Êx 12:14);*
b) *Lavar cerimonialmente as mãos e os pés – estatuto perpétuo (Êx 30:17-21);*
c) *Celebrar as festas judaicas – estatuto perpétuo (Lv 23:14,21,31,41);*
d) *Subordinarnos ao sacerdócio aarônico – estatuto perpétuo (Nm 25:13)".* (Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro - Desmascarando as Seitas, pgs 28, 29)

Além das passagens citadas há outras observâncias que, segundo a lei, são estatuto perpétuo, as quais, de acordo

com os adventistas, pelo fato de ser perpétuo, deveriam de igual modo ser observadas, por exemplo:

a) *Acender as lâmpadas continuamente – estatuto perpétuo* (Lv 24:3);
b) *O pão para a mesa do Senhor – estatuto perpétuo* (Lv 24:8,9).

Mas é claro que essas observâncias não são levadas a sério por eles. Mas afinal, um mandamento perpétuo não é para ser observado? Portanto, à luz dessas explicações fica provado que a expressão "perpétuo ou eterno" com referência ao sábado tem prazo de validade e não deve ser interpretada ao pé da letra como fazem os adventistas.

A guarda do sábado, como dia de descanso, só teve validade até a cruz de Cristo. A partir daí o nosso descanso não é em um dia, mas numa pessoa. Entendemos que o homem precisa de um ou mais dia de descanso, mas isso não significa que tem que ser religiosamente no dia de sábado.

Quanto ao dia de culto, os cristãos não tinham um dia específico, sábado ou domingo. Lemos no livro de Atos que eles cultuavam a Deus todos os dias, sem excessão.

"E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus..." (At 2:46,47).

Quanto à guarda do sábado pelos cristãos o apóstolo Paulo faz as seguintes advertências:

"Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós que haja eu trabalhado em vão para convosco" (Gl 4:10,11).

"Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo" (Cl 2:16,17).

O argumento de que Paulo ensinou a guarda do sábado pelo fato de ir à sinagoga

O fato de Paulo ir à sinagoga no dia de sábado não significa necessariamente que ele estivesse ensinando que os cristãos devem guardar o sábado. Ele ia à sinagoga no sábado porque era nesse dia que os judeus se reuniam para o culto na sinagoga. Quando Paulo saia para pregar o primeiro lugar que ele procurava era uma sinagoga. E quando os judeus rejeitavam a sua pregação ele se voltava para os gentios. Sua preocupação com a salvação dos judeus era tão grande que ele chegou a desejar ser anátema separado de Cristo se porventura isso pudesse salvá-los. Rm 9:1-3.

Por outro lado, Paulo usou várias estratégias para conduzir os homens a Cristo. Veja, por exemplo, o que ele disse a esse respeito:

"E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei". I Co 9:20

Lançando mão dessa estratégia Paulo chegou ao ponto de, não apenas ir à sinagoga em dia de sábado, mas até mesmo de: fazer voto de Narizeu, circuncidar a Timóteo, (e vale lembrar que ele combateu a prática da circuncisão para a

igreja) (At 15) e chegou ao ponto de, para dividir o Sinédrio (Supremo Tribunal dos judeus), dizer que era fariseu. (At 23:6). Mas como assim, fariseu? Não era ele agora um servo de Cristo e um dos maiores pensadores do cristianismo? Como poderia ele ainda pertencer à seita radical dos fariseus? E não podemos perder de vista que Paulo escreveu para a igreja de Filipos dizendo que havia sido fariseu ("... segundo a lei, fui fariseu". Fp 3:5) (leia ainda Fp 3:2-8) para a igreja gentílica de Filipos, ele disse que foi fariseu, mas para os membros do Sinédio ele disse que era fariseu (At 23:6). E olha que a sua estratégia deu resultado, pois, com essas palavras ele conseguiu seu objetivo, a saber, dividir a oposição (At 23:7-9).

Quando a Paulo a oportunidade era favorável ele era judeu e quando era desfavorável, era romano. Por outro lado, quando era para ganhar os judeus ele se deixava açoitar pelos judeus, mas quando o problema era com os romanos ele apelava para os seus direitos de cidadão romano e impedia o açoitamento ou flagelamento. (II co 11:23,24; At 22:25-29; 25:8-12).

Reconsiderando a questão sobre a guarda do sábado, acho muito curioso que Paulo nada dissesse na assembléia de Jerusalém, em Atos 15, a esse respeito. Pois era uma excelente oportunidade para ele fazer referência a esse "tão importante mandamento". E porque será que ele também não fez menção desse mandamento como sendo regra normativa a ser observada pela igreja em nenhuma de suas cartas?

Mas parece que não foi apenas o apóstolo Paulo que "cometeu esse deslize", mas todos os apóstolos e, inclusive o Senhor Jesus. Pois nenhum deles fez alusão ao sábado como um mandamento vigente para o cristão.

A guarda do sábado foi mudada para o domingo pelo imperador Constantino, por isso quem guarda o domingo esta adorando o deus sol.

Outro argumento usado pelos adventistas com um apelo histórico tem haver com o imperador Constantino que oficializou a guarda do domingo.

Refutação:

Ora, se amanhã o governador ou o presidente consagrar o arroz a uma divindade pagã, será que por isso o cristão deve deixar de comer o arroz? Da mesma sorte, pelo simples fato de Constantino separar o domingo, ou melhor, reconhecer o domingo como dia de descanso não significa que nós não podemos descansar ou cultuar a Deus nesse dia.

Pelo fato de Constantino decretar o domingo como dia de descanso não significa que antes os cristãos guardavam o sábado e agora passaram a guadar o domingo. Pois não há nenhuma só passagem que indique que os cristãos guardavam o dia de sábado. Todo dia era e é dia de cultuar e adorar a Deus.

Por isso, reiteramos, nós, os cristãos, não descnsamos espiritualmente num dia, mas numa pessoa, a saber, no Senhor do sábado, isto é, em Jesus Cristo, o nosso verdadeiro descanso (Mt 11:28-30).

Mas no tocante ao descanso físico, não há no Novo Testamento um dia determinado por Deus para o cristão descansar. O importante é que haja pelo menos um dia de descanso para o bem estar do nosso corpo. Pois afinal, ninguém é feito de ferro (robô)!

Ademais, o mais importante não é o dia, mas a pessoa. Pois Jesus disse em certo lugar que: "O sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado" (Mc 2:23).

De acordo com os adventistas: "o domingo é o dia do sol (deus sol), logo, quem guarda o domingo está cultuando ou adorando o deus sol.

Ora essa acusação feita pelos adventistas é infundada e maldosa. Pois a palavra domingo não significa "dia do sol", mas "dia do Senhor". Pois, foi nesse dia que, conforme o relato bíblico, o Senhor, como as primícias dos que dormem ressucitou. *"E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana..."* (Mc 16:9).

De acordo com o Dicionário Bíblico Wycliffe a expressão Dia do Senhor:

"é encontrada em Ap 1:10 e em outras passagens. O adjetivo kuriakos é usado em conexão com a Ceia do Senhor em 1 críntios 11:20.

A maioria dos comentaristas explica que essa expressão significa "dia consagrado ao Senhor" e não o futuro dia escatológico do Senhor. O fato de Paulo usar "o primeiro dia da semana" 1 Coríntios 16:2 parece mostrar que o " dia do Senhor" não era uma expressão amplamente usada na era Apostólica. Na literatura pós-apostólica ela foi usada por Inácio, To the Magnesians ix 1; no Evangelho de Pedro, VV. 35,50; e na Epistola a Barnabé 15.9.

A origem da expressão "dia do Senhor" pode ser rastreada e identificada por sua associação com o dia da ressurreição de Cristo. Esse termo também foi marcado pela

aparição de Cristo aos discípulos em um domingo (Jo 20.26), e pela descida do Espirito Santo no primeiro dia da semana (At 2:1). Embora no princípio as reuniões diárias dos cristãos fossem feitas em Jerusalém (At 2:46), o domingo tornou-se gradualmente o dia da adoração (At 20:7; 1 Co 16:2).

O relato em Atos 20:7 mostra que a prática da Ceia do Senhor era evidentemete, uma característica própria da adoração no dia do Senhor. A coleta também fazia parte das atividades desse dia (I Co 16:2).

Outro sim, se por um lado a palavra domingo, em inglês, significa *"dia do sol"*, por outro Lado, a palavra sábado, nesse mesmo idioma, significa *"dia de saturno"*.

Por isso se alguém quer traduzir a palavra domingo do inglês, "dia do sol", para classificá-lo como o *"dia do deus sol"* e, assim, justificar uma falsa doutrina, esse alguém deve, no mínimo, ser honesto e traduzir a palavra sábado não apenas do hebraico, mas também do inglês como faz com a palavra domingo. Pois sábado em inglês significa literalmente, *"dia de Saturno"*. Com razão perguntamos: Será que os adventistas por descansarem no sábado estão cultuando ou adorando Saturno?

É claro que não! Assim como o cristão que, porventura, descansar, adorar ou cultuar a Deus no domingo não está adorando ou cultuando o *"deus sol"*. O adventista que descansar no sábado, ainda que não exista mandamento no Novo Testamento para tal observância, não estará adorando ou cultuando Saturno. E essa mesma regra vale para o cristão que descansar, adorar ou cultuar a Deus no Domingo, ainda que não haja no Novo Testamento um mandamento para a guarda do domingo. Por isso, se a regra vale para

o cristão, também deve valer para o adventista. Pois, não pode haver dois pesos e duas medidas.

A palavra domingo, na verdade, de acordo com a Wikpédia: "é originária do *latim dies Dominicus, que significa "dia do Senhor*", e a palavra sábado vem do hebraico, shabat, com o significado de: *"cessar, descansar, repousar"*.

Domingo do inglês, significa: *"dia do sol"*. E sábado, do inglês, significa: *"dia de Saturno"*.

Portanto, se alguém disser que o domingo é o *"dia do sol"* e por isso quem descansa no domingo está adorando ou cultuando ao deus sol, deve de igual modo, ser honesto e dizer que o sábado é o dia de Saturno e quem descansa no sábado está adorando ou cultuando o deus mitológico chamado Saturno. Visto que nenhuma dessas afirmações é verdadeira, seria de bom alvitre abandonar esse discurso falacioso e deixar cada um descansar no dia em que melhor lhe convier. Cada um é livre para escolher, de acordo com a oportunidade, o dia do seu descanso, como bem pondera o apóstolo Paulo, desde que isso não seja transformado num meio de salvação ou de fazer diferença entre um e outro cristão:

"Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo.

Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz. O que come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e o que não come para o Senhor não come e dá graças a Deus.

Porque nenhum de nós vive para si e nenhum morre para si.

Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor.

Foi para isto que morreu Cristo e tornou a viver; para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos.

Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo.

Porque está escrito: Pela minha vida, diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim, e toda língua confessará a Deus.

De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.

Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão.

Eu sei e estou certo, no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda, a não ser para aquele que a tem por imunda; para esse é imunda" (Rm 14: 5-14).

Que a guarda do sábado não é um mandamento vigente para os cristãos está muito claro nas palavras do Senhor Jesus e nas de Paulo.

Palavras de Jesus:

"Não tendes lido o que fez Davi, quando teve fome, ele e os que com ele estavam?

Como entrou na Casa de Deus e comeu os pães da proposição, que não lhe era lícito comer, nem aos que com ele estavam, mas só aos sacerdotes?

Ou não tendes lido na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?

Pois eu vos digo que está aqui quem é maior do que o templo.

Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes.

Porque o Filho do Homem até do sábado é Senhor" (Mt 12:3-8).

Palavras de Paulo:

"Mas agora, conhecendo a Deus ou, antes, sendo conhecidos de Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?

Guardais dias, e meses, e tempos, e anos.

Receio de vós que haja eu trabalhado em vão para convosco" (Gl 4:9-11).

"Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados,

que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo" (Fp 2:16,17).

Estas palavras de Jesus e as de Paulo são claras e não deixam nenhuma margem para dúvidas de que a guarda do sábado não é um mandamento vigente para os cristãos. Na verdade o cristão não descansa em um dia, mas numa pessoa, a saber, no Senhor Jesus Cristo. Ele é o nosso descanso.

15 - A confusão das línguas
Gn 10:5, 20, 31 X Gn 11:1-9

Gênesis 10 é conhecido no meio teológico como a tábua das nações, pois é nele, que, segundo a Bíblia, houve a dispersão dos povos e a terra se dividiu de acordo com as várias línguas faladas. Mas *"como isso pode ser possível* uma vez que em Gênesis 11 *se diz que toda a terra era de uma mesma língua e havia uma mesma fala?"*

Muitos críticos da fé cristã e da Bíblia Sagrada vêem nestas duas passagens uma contradição insolúvel. E, por conta disso, não poupam críticas e acusações contra a palavra de Deus.

Porém, esta aparente contradição não é difícil de ser harmonizada se levarmos em conta que a Bíblia não foi escrita em ordem cronológica.

Porém, atentando minuciosamente às passagens em questão podemos perceber que o escritor está dando um esboço geral dos descendentes de Noé, como uma preparação para a história da nação de Israel escolhida por Deus para trazer a salvação ao mundo.

Por outro lado, ele não podia apresentar, efetivamente, a história da confusão das línguas antes dessas genealogias, porque isso aconteceu centenas de anos depois de Noé, como pondera o Rev.J.M.Terrell:

"Tão pouco podia interromper a narração das genealogias na ponte da confusão de línguas, e especialmente visto que não pretendia tornar a tratar dos descendentes dos irmãos Jafé e Cão (Ham).

Entretanto, mesmo assim, no v25 encontramos uma pequena referência ao fato, que deixou passar despercebido nesse acontecimento. Assim está escrito:

"O nome de um foi Pelegue do hebraico, divisão, porque nos seus dias se repartiu a terra". Gn 10:25

Vendo desse modo, podemos compreender que o autor não contradisse a sua narrativa, supondo uma divisão de línguas antes da confusão de Babel, mas que nesta parte, ao menos, da sua historia, há harmonia e seqüência lógica, porém não cronológica.

16 - Como souberam os discípulos as palavras ditas por Jesus na oração do Getsêmani?

Esta mesma dificuldade encontramos em outras passagens da Bíblia, como por exemplo, a tentação de Jesus (Mt 4:1-11), e possivelmente na conversa de Jesus com Nicodemos (Jo 3:1-18).

Com respeito à passagem de Mt 26:36-44 sobre a oração de Jesus no Getsêmani existem algumas dificuldades a serem explicadas:

a) Os discípulos estavam distantes de Jesus

b) Os discípulos estavam dormindo

c) Após a última oração Jesus foi preso, julgado, condenado e morto.

d) Os discípulos fugiram logo após a prisão de Jesus.

Essas dificuldades, pelo menos em princípio, deixam claro a impossibilidade de Jesus ter dito alguma coisa aos seus discípulos.

Não obstante, existem vários meios através dos quais podemos explicar o conhecimento que os discípulos tiveram acerca das palavras de Jesus, entre os quais citaremos apenas quatro que nos parecem mais convincentes.

1) Jesus mesmo lhes contara;

2) Por testemunho de alguma outra pessoa;

3) Por inspiração do Espírito Santo. (como a revelação do Gênesis a Moises e do Apocalipse para João, etc.

4) Eles mesmos ouviram, visto que estavam distante de Jesus apenas cerca de 120 metros e estavam na madrugada quando há possibilidade de se ouvir os menores ruídos. Outro detalhe curioso é que o fato de Jesus encontrar os discípulos dormindo não significa, necessariamente, que eles estavam dormindo o tempo todo, o que, de certa forma, abre a possibilidade deles terem ouvido as palavras ditas por Jesus no Getsêmani.

17 - Jesus é "um deus menor"?

"... Por que o Pai é maior do que eu". (Jo 14:28)

Esta passagem bíblica é usada como um dos maiores argumentos das Testemunhas de Jeová para tentar provar que o Senhor Jesus não é Deus, pelo fato dele dizer ser menor que o Pai.

Sem levar em conta o contexto e os paralelos de ensino geral, os adeptos de Russel apresentam a seguinte argumentação acerca de Jesus: *"você sabia que Jesus não é Deus?"*. Mas, o cristão que aceita a divindade de Jesus Cristo, rebate, sem exitar, dizendo: Jesus é Deus. Pois, a Bíblia ensina sobre a divindade de Jesus. Responde os Tjs: bom, se Jesus é Deus, de acordo com Jo 14:28, faz-se necessário admitir que ele é um deus menor. Pois não foi Pedro, Paulo ou qualquer um dos apóstolos quem disse que Ele é um deus menor, mas o próprio Cristo ao afirmar que: *"... o Pai é maior do que eu"* (Jo 14:28).

Portanto, concluem: *"Se alguém quiser afirmar que Jesus é Deus, à luz desse versículo tem que admitir que ele seja um deus menor"*. Esse argumento, a primeira vista, parece plausível, porém, insustentável à luz do escrutínio bíblico e dos ensinos gerais das Sagradas Escrituras que ensinam sobre a divindade do Senhor Jesus.

Para desarticular um adepto de Russel, acerca da divindade de Cristo, basta fazer-lhe a seguinte pergunta: "Na sua concepção, quem é maior Jesus ou os anjos?" É óbvio que ele responderá que é Jesus. Diante dessa afirmação, resta fazer a segunda pergunta: "Você tem certeza de que é Jesus?" A resposta, indubitavelmente, será positiva. Posto isso, peça para que ele leia Hb 2:7:

"Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos, de glória e de honra o coroaste e o constituíste sobre as obras de tuas mãos".

Diante disso, ele dirá: "ora, ele era menor do que os anjos por causa da encarnação. Pois ele se fez homem, e como homem ele não poderia ser maior que os anjos como pode ser comprovado por Hb 2:9 que diz:

"vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte...".

Diante dessa resposta, basta que você diga: "Ora, se o processo da encarnação fez com que Jesus se tornasse menor que os anjos, não seria incongruente, diante das mesmas circunstâncias, Ele afirmar que era igual ao Pai? Afinal, quando Ele disse que o Pai era maior do que Ele, porventura, Ele não estava em carne?

"Ora, se pelo fato de Jesus ter se humanizado Ele se fez menor do que os anjos, porventura seria incongruente ele dizer que era menor que o Pai?

De jeito nenhum. Pois, do ponto de vista humano, Jesus é tanto menor que os anjos quanto menor que o Pai. Mas do ponto de vista divino, Jesus é superior aos anjos, Criador do mundo angelical, adorado pelos anjos e igual ao Pai. Na verdade Jesus é Deus, o Deus Todo Poderoso (Jo 1:1-3; Rm 9:5; Hb 1:8,9; I Jo 5:20; Ap 1:8; etc).

Com base nesse argumento, é impossível negarmos que Jesus é Deus e, portanto, igual ao Pai. Concluímos, portanto,

que Jesus não é um deus menor; Ele é Deus, o Deus Todo-Poderoso. (Jo 1:1-3; Rm 9:5; Fp 2:5-9; Hb 1:8,9; I Jo 5:20; Ap 1:8). Não obstante, apesar de Jesus ser igual ao Pai, Ele não é o pai. Pois as três pessoas da trindade são distintas, mas co-iguais no que diz respeito a divindade, ou seja, Jesus é Deus, o Pai é Deus e o Espírito Santo é Deus, sem contudo existir três deuses. De outro modo não teríamos uma triunidade, mas um triteísmo que, na verdade, é um conceito antibíblico. Confessamos que há um só Deus em essência (unidade composta) O qual coesiste em três pessoas: O Pai, o Fílho e o Espírito Santo.

18 - Jesus é o arcanjo Miguel?

De acordo com a visão teológica de pelo menos dois grupos religiosos, a saber: os Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová, Jesus Cristo é o arcanjo Miguel.

Mas a pergunta é: Será que essa afirmação pode ser respaldada pelos ensinos das Sagradas Escrituras? A Bíblia apóia de forma clara e incontestável essa doutrina ensinada por esses dois grupos religiosos? O que a Bíblia, realmente, tem a dizer sobre essa questão?

Alguém já chegou a dizer que: "A Bíblia é a mãe de todas as heresias". E outros de uma forma mais irreverente chegam ao cúmulo de dizer que: "Com a Bíblia se pode provar o que quiser".

Não obstante, é importante salientar que essas duas afirmações são válidas apenas para aqueles que:

1 – usam o texto fora do contexto;

2 – usam a Bíblia como texto prova, ou seja, inventam uma doutrina e vão à Bíblia procurar um texto para confirmar; nesse caso, torcem o texto;

3 – adotam uma interpretação simpatizante, isto é, citam e usam apenas os textos que favorecem o seu ponto de vista e rejeitam ou pelo menos não citam aqueles que discordam dos seus ensinos;

4 – torcem as Escrituras, como pondera o apóstolo Pedro em sua segunda carta: *"Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição"* (II Pe 3:16).

5 – não tem a Bíblia como única regra de fé e conduta. E, além da Bíblia, usam outros livros que consideram de igual ou de maior autoridade que a Bíblia Sagrada, etc.

Mas afinal, Jesus Cristo é o arcanjo Miguel?

O Argumento de que o significado do nome Miguel indica que ele é Jesus:

De acordo com alguns o nome Miguel, por si só, já é uma prova de que ele é Jesus. O argumento é o seguinte: "Miguel significa: "Quem é como Deus ou quem é semelhante a Deus". Ora, quem é semelhante a Deus a não ser Jesus?".

Bom, em primeiro lugar, vale lembrar que o nome Miguel não existe no texto original e nem representa a transliteração do nome do arcanjo descrito em Dn 10:13, 21; 12:1; Jd 9; Ap 12:9.

O nome do arcanjo, como apresentado no texto hebraico de Daniel é: Miykha'el e no texto grego do Novo testamento é: Mikhael. Tanto no hebraico quanto no grego o significado é uma pergunta: "Quem é semelhante a Deus?". Como podemos ver, o significado do nome é uma pergunta e não uma afirmação. Ora, se pelo fato do nome Miykha'el significar: "Quem é semelhante a Deus?", fizer dele um ser divino, obrigatoriamente teremos de acreditar numa pluralidade de deuses na Bíblia e defendermos uma trindade composta não por apenas três pessoas mas por várias pessoas.

Por exemplo, a Bíblia apresenta cerca de 11 personagens com o nome de Miykha'el, cuja grafia correspondente a transliteração do nome é: Micael, o qual não é atribuído ao arcanjo, nas nossas versões em português que, não sabemos o porquê, foi grafado como Miguel.

1 – Micael, pai de Setur (Nm 13:13)

2 – Micael, irmão de Mesulão (I Cr 5:13)

3 – Micael, filho de Mesisai (I Cr 5:14)

4 – Micael, pai de Siméia (I Cr 6:40)

5 – Micaem, filho de Izraias (I Cr 7:3)

6 – Micael, filho de Berias (I Cr 8:16)

7 – Micael, um manassita (I Cr 12:20)

8 – Micael, pai de Onri (I Cr 27:18)

9 – Micael, filho de Azarias II Cr 21:2

10 – Micael, pai de Zebadias (Ed 8:8)

11 – Micael, o arcanjo, objrto da nossa discussão (Dn 10:13,21; 12:1; Jd 9; Ap 12:9).

Não obstante, apesar do nome Miguel, de uma forma errada, ser atribuído ao arcanjo, nas nossas versões em língua

portuguesa, vale lembrar que na Bíblia Hebraica da Sefer, na Judaica Completa, na Vulgata e na Bíblia de Jerusalém o nome do arcanjo é grafado como Micael.

Além do nome Micael, existem muitos outros nomes, na Bíblia, cujos significados, se levássemos em conta a leitura feita pelos grupos acima, teríamos que, obrigatoriamente, admitir que eles sejam divinos, afirmação com a qual não concordamos. Confiram:

Mical, esposa de Davi, "Quem é como Deus"; Eliú, amigo de Jó, "Ele é Deus" etc.

Diante dessas provas irrefragáveis, fica evidente a inconsistência do argumento apresentado por aqueles que, a qualquer custo, querem afirmar que o arcanjo Micael, Miykha'el (Miguel) seja Jesus.

O argumento de que só existe um arcanjo:

Os defensores do ponto de vista de que o arcanjo Miguel é o Senhor Jesus argumentam que: *"só existe um arcanjo e, nesse caso, é Miguel; Miguel* é *descrito como príncipe e Jesus voltará com voz de arcanjo"*. Logo, concluem, *"Jesus é o arcanjo Miguel"*.

Resposta:

Não há apoio nas Escrituras Sagradas para alguém afirmar que Miguel é o único arcanjo. Pois de acordo com o livro de Daniel, Miguel é descrito como um dos primeiros príncipes: מִיכָאֵל אַחַד הַשָּׂרִים הָרִאשֹׁנִים Miyka'el 'achad hasariym hari'shoniym *"Miguel um dos primeiros príncipes"* (Dn 10:13).

Ora, a expressão *"um dos primeiros príncipes"*, não significa que Miguel é o primeiro, o principal ou o único príncipe. Nem tampouco a Bíblia está dizendo que ele é o único arcanjo, mas apenas que, na hierarquia angelical, ele é um príncipe entre muitos outros príncipes iguais a ele.

Em outras palavras, além do arcanjo Miguel existem outros arcanjos que, apesar de não terem os seus nomes registrados na Bíblia, são iguais a ele em posição. Pode-se perguntar: "Se existem outros arcanjos, por que os seus nomes não estão registrados na Bíblia?

Ora, o fato de seus nomes não estarem escritos na Bíblia não significa, necessariamente, que eles não existam. Como já foi dito acima, neste caso, especificamente, vale esta máxima: "Ausência de evidência não é evidência de ausência". Pois todo estudante de angelologia sabe muito bem que no mundo angelical existem bilhões de anjos; eles são como diz as Escrituras: *"milhares de milhares, miríades de miríades"*. Não obstante, apenas dois deles são descritos pelos seus respectivos nomes, a saber: Miguel e Gabriel. Será, também, que não existem outros anjos no mundo angelical pelo fato de somente Gabriel ser designado pelo seu respectivo nome? (Ne 9:6; Jó 1:6; 2:1; 38:7; Cl 1:15,16; etc). O mesmo procedimento pode ser adotado em relação ao arcanjo Miguel. Pois, o fato de Miguél ser o único, na Bíblia, a ser identificado pelo nome, não significa que existe apenas um arcanjo.

Portanto, dizer que Jesus é o arcanjo Miguel, com base em Dn 10:13, é insustentável pelas Escrituras Sagradas e, insistir nisso, é incorrer no erro de dizer que existem outros seres angelicais, tão divinos quanto Jesus Cristo.

Jesus é muito mais do que um príncipe: Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19:11); Ele não é um anjo

ou arcanjo, mas o Deus Todo Poderoso, o Alfa e o Ômega o Criador dos anjos (Jo 1:1-3; Cl 1:15,16) e, como tal, é adorado pelos anjos (Hb 1:6), inclusive por Miguel que, apesar de ser um arcanjo, não deixa de ser anjo e, portanto, adorador de Jesus Cristo.

O argumento de que o arcanjo Miguel apareceu para Josué e recebeu adoração e, por isso, ele é Jesus:

Uma das passagens usadas pelos Adventistas do Sétimo Dia, para provar que Jesus Cristo é o arcanjo Miguel, encontra-se no livro de Josué, onde aparece um homem a Josué, próximo a Jericó, e este se prostra diante dele com o rosto em terra e o "adora" e o chama de "meu senhor". Pelo fato desse homem se apresentar como príncipe do exército do Senhor, eles ligam a palavra príncipe, dessa passagem, com Dn 10:13, 21, onde Miguel é chamado de príncipe e concluem: "Jesus é o arcanjo Miguel". Mas será que essa afirmação se sustenta à luz da exegese bíblica e do contexto da passagem em questão?

Assim diz o texto:

"E sucedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, levantou os seus olhos, e olhou; e eis que se pôs em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua; e chegou-se Josué a ele e disse-lhe: És tu dos nossos ou dos nossos inimigos?

E disse ele: Não, mas venho agora como príncipe do exército do SENHOR. Então, Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu Senhor ao seu servo?

Então, disse o príncipe do exército do SENHOR a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim". (Js 5:13-15)

Na tentativa de definir quem é o varão nessa passagem de Josué, várias posições têm sido sugeridas. De um lado estão:

A - Os que defendem que esse homem é uma manifestação do Cristo pré-encarnado;

B - Os que entendem que se trata apenas de um anjo de uma posição
elevada;

C - E, ainda, outros entendem que se trata de uma teofania, ou seja, uma manifestação do próprio Deus.

D - Por outro lado está o grupo dos Adventistas do Sétimo Dia que acreditam tratar-se do arcanjo Miguel que, na sua interpretação, é o próprio Senhor Jesus Cristo.

Refutaçaõ:

Em primeiro lugar, o texto não diz que aquele varão é o arcanjo Miguel ou o Senhor Jesus;

Em segundo lugar o texto não diz, de forma clara que aquele varão é o Anjo do Senhor ou uma cristofania;

Em terceiro lugar Josué não chama aquele varão pelo nome אֲדֹנָי 'Adonay, "Senhor", atribuído a Deus, mas se dirige a ele como אֲדֹנִי adoniy, "meu senhor", forma de tratamento atribuída a qualquer pessoa de posição superior, dando a idéia de reverência ou respeito, como é comum em diversas passagens do Antigo Testamento.

Em quarto lugar: a palavra יִשְׁתַּחוּ Yshttachu que está relacionada com o cair prostrado, nem sempre significa adoração divina, mas que geralmente não implica mais que saudação reverente que os orientais dão aos seus superiores, (ex: II Sm 9:6; 14:4, 33; 18:28; I Rs 1:16). Por exemplo: Mefibosete ao ser introduzido à presença de Davi, *"se prostrou com o rosto por terra e se inclinou"*. De igual modo procedeu Abraão, a mulher Tecoíta, Absalão, Aimaás e Bate-Seba, como pode ser observado nos textos a seguir:

"Então, Abraão se inclinou diante da face do povo da terra" (Gn 23:12);

"a mulher tecoíta falou ao rei, e, deitando-se com o rosto em terra, se prostrou" (I Rs 1:16);

"Então, chamou a Absalão, e ele entrou ao rei e se inclinou sobre o seu rosto em terra diante do rei" (II Sm 14:33);

"Gritou, pois, Aimaás e disse ao rei: Paz. E inclinou-se ao rei com o rosto em terra" (II Sm 18:28);

"E Bate-Seba inclinou a cabeça e se prostrou perante o rei" (II Sm 14:4).

É curioso que a palavra hebraica para prostrar-se em Js 5:14 é a mesma que aparece nos textos apresentados. A pergunta é: "Será que todos esses personagens adoraram as pessoas diante das quais eles se prostraram com o rosto em terra?". É claro que não!

Para fechar essa questão gostaríamos de apresentar a tradução da NVI sobre a passagem de Js 5:14.

"Então Josué prostrou-se, rosto em terra, em sinal de respeito, e lhe perguntou: Que mensagem o meu senhor tem para o seu servo?".

Veja o leitor que a NVI não diz que Josué prostrou e adorou, mas que ele "prostrou-se, rosto em terra, em sinal de respeito". Outro detalhe que merece a nossa atenção reside no fato de que a expressão: *"e o adorou"* que aparece nas traduções em português é, *possivelmente, um acréscimo.*

Como podemos ver, de acordo com a tradução da NVI Josué apenas se prostrou perante aquele varão em sinal de respeito. Não está escrito que ele o adorou.

Em quinto e último lugar: na hipótese de considerarmos aquele homem como um ser divino (uma manifestação da divindade) seria mais apropriado considerá-lo como uma manifestação de Yahweh, o Deus trino (Teofania). Pois a mesma recomendação dada a Moisés, no Monte Horebe:

"tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa" (Êx 3:5), foi dada, também, a Josué:

"Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo" (Js 5:14).

E, é interessante notar que, no caso de Moisés, o ser que aparece a ele é o Anjo do Senhor que, logo em seguida se identifica como:

"Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus" (Êx 3:6).

Ainda que o nome Yahweh, pode ser atribuído às três pessoas da trindade, todavia, no Antigo Testamento, é mais apropriado atribuí-lo a trindade, ao Deus trino, de acordo com os originais:

"שְׁמַע יִשְׂרָאֵל יְהוָה אֱלֹהֵינוּ יְהוָה אֶחָד *Shema' Yisra'el Yahweh 'Eloheynu Yahweh 'echad, "Ouve, pois, Israel o Senhor nosso Deus é o único Senhor"* (Dt 6:4).

Reiteramos, apesar do nome Yahweh ou Deus ser atribuído as três pessoas da trindade é importante salientar que: "O Pai não é o Filho e nem tampouco é o Espírito Santo". As três pessoas são distintas apesar de haver uma só divindade. Portanto, há três pessoas e não três deuses. Há uma só divindade, mas três pessoas divinas e distintas. De acordo com o Pr. Esequias Soares:

"O Credo Niceno inicia-se dizendo: "Adoramos um Deus em trindade, e trindade em unidade". O Velho Testamento revela que Javé é trino e uno e o Novo Testamento nos diz que ele é trino. Na introdução deste capítulo citamos Deuteronômio 6:4; II Reis 19:15; Neemias 9:6; Salmos 83:18; 86:10, textos do Velho Testamento. Mas em todas essas passagens, a doutrina da trindade permanece de pé, sem contradizer esse monoteísmo, porque a unidade divina é composta e não absoluta. Deuteronômio 6:4 diz que Javé é único. A palavra "único" no original hebraico é אֶחָד *echad (unidade composta) (...) se esta unidade fosse absoluta, como querem os adeptos de Russel, a palavra correta aqui seria (yachid* יָחִד *), a mesma usada em Gênesis 22:2,*

"Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque...", *para a unidade absoluta. Acontece que echad é uma unidade composta, é a triunidade de Deus. Essa doutrina não foi bem esclarecida nos tempos do Velho Testamento para não confundir o povo com os deuses das religiões politeístas das nações vizinhas de Israel, todavia ela está implícita no Velho Testamento. Ela só pode ser ensinada explicitamente com o advento da segunda Pessoa, o Senhor Jesus, e com a manifestação do Espírito Santo"*. (Testemunhas de Jeová – Comentário Exegético e Explicativo, pg 122).

Os Pastores Paulo Romeiro e Natanael Rinaldi esposam a mesma opinião dizendo:

"Há dois vocábulos hebraicos parecidos que significam unidade: yachid e echad. Enquanto yachid significa unidade absoluta, echad pode significar unidade composta. Shema, Israel: Adonai Elohenu Adonai echad (Dt 6:4). É empregado o vocábulo echad que significa unidade composta e não unidade absoluta. A última palavra hebraica da shema é echad. (...) A palavra hebraica que significa unidade absoluta é yachid e aparece em Gênesis 22:2, Provérbios 4:3, Jeremias 6:26; Amós 8:10" (Desmascarando as Seitas, pgs 282, 283).

Portanto, afirmar com certeza meridiana que o varão que apareceu a Josué é o Senhor Jesus Cristo, apenas com base nas informações contidas no texto de Js 5:13-15, parece, pelo menos em princípio, não ser tão convincente.

O argumento de que Jesus virá com voz de arcanjo, logo, ele é o arcanjo Miguel:

Outro argumento usado pelos dois grupos, citados acima, é o de que Jesus é o Arcanjo Miguel pelo fato de na sua volta ele vir com voz de arcanjo, de acordo com a primeira epístola de Paulo aos tessalonicenses, a qual eles associam com Jd 9.

"Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus..." (I Ts 4:16).

"Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Jd 9).

Ora, se pelo fato de Jesus descer com voz de arcanjo faz dele um arcanjo, obrigatoriamente, teremos, também, que admitir que ele seja um alarido ou uma trombeta. Pois a Bíblia não diz, apenas, que ele descerá *"com voz de arcanjo"*, mas *"com alarido e com a trombeta de Deus"*. Portanto, reiteramos, se descer com voz de arcanjo faz de Jesus um arcanjo, logo, ele também *"é um alarido"*, ou *"uma trombeta de Deus"*, o que, biblicamente falando, é inadmissível.

Se Jesus é o arcanjo Miguel, por que ele não teve autoridade para repreender Satanás?

"Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pro-

nunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda".

Nesta passagem, há algo bastante curioso com relação ao arcanjo Miguel. O texto diz de forma clara que ele não teve autoridade suficiente para repreender Satanás. Ora, se Jesus é o arcanjo Miguel, como querem fazer pensar, porque ele, de acordo com Judas 9, não teve autoridade para repreender Satanás, uma vez que, no deserto e em Cesaréia, ele repreendeu Satanás com veemência? (Lc 4:8; Mt 16:23).

Assim disse Miguel para Satanás:

Na tentativa de refutar esse argumento os adventistas citam Zacarias 3 onde lemos:

"*Mas o SENHOR disse a Satanás: O SENHOR te repreende, ó Satanás, sim, o SENHOR, que escolheu Jerusalém, te repreende*" (Zc 3:2).

A grande diferença entre esse texto de Zacarias e o de Judas é que neste último não se diz que é Jesus quem está repreendendo Satanás, mas sim, o arcanjo Miguel que, até aqui, ainda não ficou provado que ele é o Senhor Jesus Cristo. Mas, no livro de Zacarias, o texto é muito claro quando diz: "O SENHOR disse a Satanás: O SENHOR te repreende" (Zc 3:2).

Ora, o primeiro SENHOR que aparece no texto é Yahweh; e o segundo também é Yahweh.

וַיֹּאמֶר

יְהוָה אֶל־הַ שָּׂטָן יִגְעַר יְהוָה בְּךָ הַשָּׂטָן וְיִגְעַר יְהוָה בְּךָ׃

Wayomer Yehwah 'el-hasatan yig'ar Yehwah beka hasatan weyig'ar Yehwah beka

"E disse o Senhor a Satanás: o Senhor te repreenda Satanás, o Senhor te repreenda" (Zc 3:2)

Mas como pode ser isso? Yahweh está reivindicando a sua própria autoridade para repreender a Satanás?

Bom, acontece que ele não poderia dizer eu não te repreendo, mas o SENHOR, que no caso é ele mesmo, te repreenda. Na passagem de Jd 9, Miguel dizer a Satanás : "O Senhor te repreenda" é mais do que compreensível. Pois Miguel é simplesmente um anjo criado por Jesus e, portanto, dependente da sua autoridade. Mas no caso de Zc 3:2,3, não é um anjo mas o próprio Yahweh dizendo para Satanás: *"O Senhor te repreenda"*; Senhor que, no caso, é ele mesmo, como foi dito acima.

A esse respeito diz D.A. Carson:

"Parece estranho o próprio Senhor dizer o Senhor te repreende (2), mas isso significa "Eu, o Senhor, te repreendo".

Por outro lado, é bem possível, de acordo com o contexto dos dois primeiros capítulos de Zacarias, que o ser que repreendeu Satanás, no capítulo três, tenha sido um anjo enviado pelo Senhor e não o próprio Senhor.

Diferenças entre Miguel e Jesus

Diferenças entre Jesus e Miguel de acordo com pesquisas bíblicas feitas por alguns ilustres apologistas brasilei-

ros, tais como: Natanael Rinaldi, Paulo Romeiro e Esequias Soares:

Jesus é o Criador, Miguel é uma criatura

Jesus é Deus, Miguel é um anjo

Jesus é o Rei dos reis e Senhor dos senhores, Miguel é um arcanjo e príncipe do povo de Israel

Jesus é adorado pelos anjos, Miguel é apenas um adorador

Jesus tem autoridade sobre Satanás, Miguel depende da autoridade de Jesus, etc.

Para encerrarmos essa questão gostaríamos de compilar parte de um artigo do livro Desmascarando as Seitas, dos pastores Paulo Romeiro e Natanael Rinaldi, sob o título: "Jesus Cristo é a mesma pessoa que o arcanjo Miguel?", o qual apresenta uma gritante contradição entre C.T. Russel e seus seguidores. Assim está escrito:

"*O nome de Miguel ocorre apenas cinco vezes na Bíblia. A gloriosa pessoa espiritual que leva esse nome é mencionada como "um dos primeiros príncipes", "o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo" e como "o arcanjo" (Dn 10:13; 12:1[ARA]; Jd 9). "Miguel significa: "Quem é semelhante a Deus?" O nome evidentemente designa Miguel como aquele que toma a dianteira em defender a soberania de Jeová e em destruir os inimigos de Deus*" (Raciocínio à Base das Escrituras, p. 219).

"*Cristo, qual executor celestial, age contra eles. Portanto, a evidência indica que o Filho de Deus, antes de vir à*

terra, era conhecido como Miguel, e também é conhecido por esse nome desde que retornou ao céu, onde reside como o glorificado Filho espiritual de Deus" (Id. Ibidem).

Contrariando o ensino do "escravo fiel e discreto" de hoje, o "escravo fiel e discreto" de antes (C.T.Russell), ensinava: "Sua posição [de Cristo] é contrastada com a dos homens e dos anjos, sendo Senhor de ambos e tendo "todo o poder no céu e na terra". Desde que assim é dito de Jesus, isto inclui Miguel, o chefe dos anjos, o que significa que Miguel não é Jesus, pois enquanto Jesus pode ser adorado os anjos não podem, e adoram o próprio Jesus" (The Finished Mystery, C. T. Russell, 1917).

Por algum tempo ensinou-se que Jesus não era Miguel por estarem os anjos lhe prestando adoração (Hb 1:6) e porque havia herdado nome mais excelente que o deles. Logo, Jesus não podia ser anjo. À luz de Êxodo 20:5 e Mateus 4:10, só Deus pode ser adorado. Como se explica que os anjos adoram Jesus? Daí, para tornar viável seu ensino, a STV se viu obrigada a mudar sua Bíblia (TNM), substituindo a palavra "adorar", com referência a Jesus (Mt 8:2; 14:33; 15:25; 28:9.17; Hb 1:6), pela expressão "prestar homenagem".

19 - Davi, um homem segundo o coração de Deus.

Você sabia que Davi, foi chamado *"um homem segundo o coração de Deus"* ainda antes de ter nascido?

Davi é mais um caso de pessoas que foram conhecidas por Deus antes de ter nascido. Entre elas estão:

Josias, Ciro, o persa, Jeremias e Paulo.

Quanto a esses quatro personagens o texto bíblico é muito claro e não deixa nenhuma margem para dúvidas. Mas, no caso do rei Davi, para chegarmos a essa mesma conclusão faz-se necessário alguns estudos e cálculos matemáticos. Vamos aos cálculos:

1 - Saul reinou por quarenta anos em Israel. (At 13:21). Porém, no segundo ano do seu reinado ele pecou contra o Senhor Deus, oferecendo sacrifícios que ele não estava autorizado a oferecer e, por essa razão, foi rejeitado como rei.

Assim disse o Senhor:

"Agiste nesciamente, e não guardaste o mandamento que o Senhor teu Deus te ordenou; porque agora o Senhor teria confirmado o teu reino sobre Israel para sempre.

"Porém agora, não subsistirá o teu reino; já tem buscado o Senhor para si um homem segundo o seu coração e já lhe tem ordenado o Senhor que seja chefe sobre o seu povo" (I Sm 13:1,13,14).

Duas frases chamam a nossa atenção no versículo quatorze:

a) Já tem buscado o Senhor para si *"um homem segundo o seu coração"*.

b) Já "lhe tem ordenado" o Senhor "que seja chefe sobre o seu povo"

Nestas duas frases Deus faz duas declarações reveladoras:

a) O homem é segundo o seu coração

b) O homem será o chefe do seu povo

A pergunta é: quem é este homem?

Apenas pelo texto, em apreço, não é possível descrever quem é esse homem, mas, se consultarmos os textos paralelos, seguramente, saberemos não somente quem é o tal homem, mas também o seu próprio nome.

Existem duas passagens na Bíblia que podem lançar luz a esse texto. Uma está no Antigo Testamento (Sl 89:20), e a outra no Novo Testamento (At 13:21,22).

Na primeira passagem citada, lemos:

"Achei a Davi, meu servo; com o meu santo óleo o ungi" (Sl 89:20.

E na segunda lemos:

"E depois pediram um rei, e Deus lhes deu, por quarenta anos, a Saul, filho de Quis, varão da tribo de Benjamim. E, quando este foi retirado, lhes levantou como rei a Davi, ao qual também deu testemunho e disse: achei a Davi, filho de Jesse, varão conforme o meu coração, que executará toda a minha vontade" (At 13:21,22).

Como podemos ver, tanto a primeira quanta a segunda passagem bíblica confirma que o homem achado por Deus, segundo o seu coração, é Davi, filho de Jessé, o belemita.

Agora, uma vez que conseguimos encontrar o "homem segundo o coração de Deus", isto é, Davi, resta-nos apenas provar que ele foi assim chamado antes de ter nascido.

Em primeiro lugar, precisamos saber quantos anos Saul reinou.

Em segundo lugar, é necessário determinar com quantos anos Davi começou a reinar.

Em terceiro lugar, precisamos saber em que ano do reinado de Saul, Deus disse a celebre frase:

"achei a Davi, filho de Jesse, varão (homem) conforme (segundo) o meu coração" (At 13:22; I Sm 13:14)

1)Saul, de acordo com Atos 13:21, reinou quanrenta anos em Israel
a) Saul reinou "quarenta anos"

2) Davi, por sua vez, "era da idade de trinta anos" quando começou a reinar II Sm 5:4
a) Davi começou a reinar com trinta anos

3) Saul estava no segundo ano do seu reinado quando Deus disse que Davi era um homem segundo o seu coraçao (I Sm 13:1,14)

Portanto, Davi foi chamado "um homem segundo o coração de Deus" no segundo ano do reinado de Saul.

De posse dessa preciosa informação basta fazermos os cálculos matemáticos:

Quando Saul morreu, encerrando o seu reinado de quarenta anos, Davi tinha trinta anos e começou a reinar. Posto isso, para esclarecermos melhor a questão, basta subtrairmos os trinta anos de Davi dos quarenta anos de reinado de Saul.

Saul- 40 anos de reinado

Davi- 30 anos de idade - 40 – 30 =10

Resultado= 10 anos

De acordo com o nosso cálculo Saul estava no décimo ano de seu reinado quando Davi nasceu.

Agora, basta apenas reduzir dos primeiros10 anos, do reinado de Saul, os dois primeiros anos, pois foi no segundo ano do seu reinado que Deus disse aquela frase acerca de Davi, e saberemos quantos anos, antes de Davi nascer, a frase foi dita por Deus.

Saul 10 primeiros anos

A frase foi dita nos 02 primeiros anos (segundo ano do reinado de Saul) 10 – 2 = 8

Resultado 08 anos

Se estivermos certos nos nossos cálculos, Deus chamou Davi de "um homem segundo o seu coração", oito anos antes dele nascer.

É muito importante que não nos esqueçamos da seguinte verdade: Deus é onisciente; presciente, Ele conhece todas as coisas: o passado, o presente e o futuro com perfeição.

Não com a nossa perfeição, mas com a sua perfeição. Pois, nosso conceito de perfeição é imperfeito. Dizemos

isso pelo simples fato de sermos imperfeitos, o que não acontece com Deus, pois, Ele é perfeito. E, de acordo com o seu conceito de perfeição é que Ele conhece tudo e a todos. (Sl 139; Tg 1:17)

20 - Em que sentido Davi foi um homem segundo o coração de Deus?

Diferentes opiniões têm sido apresentadas a fim de definir o verdadeiro significado da expressão, alusiva a Davi, "um homem segundo o coração de Deus".

Alguns entendem que essa expressão significa que ele tinha a capacidade de arrepender-se com facilidade; outros, por ignorar o texto bíblico, acham que era porque ele não pecava; e ainda, outros, com mais acerto, entendem que Davi era segundo o coração de Deus no sentido de executar a vontade de Deus atitude essa que Saul deixou a desejar.

A boa hermenêutica nos recomenda que, para interpretar um texto, faz-se necessário, antes de tudo, examinar-mos o contexto.

Tomando como base essa regra da hermenêutica, iremos analisar a referida frase à luz do contexto.

Saul recebeu uma ordem do profeta Samuel e não obedeceu e, por conta dessa desobediência, Deus o repreendeu dizendo que ele havia agido nesciamente e que já havia encontrado um homem segundo o seu coração que executaria toda a sua vontade. I Sm 13:21,22. At 13:22

Com base nesses textos é razoável supor que ser segundo o coração de Deus, nesse caso, não significa que Davi não tenha pecado, pois esta assertiva é contrariada com as passagens de II Sm 12 e Sl 51.

No que diz respeito à sua capacidade de se arrepender é um fato inegável, mas eu não penso que seja esse o fator que lhe garantiu a referida frase.

À luz do contexto creio que a definição que mais se aproxima do texto é que ele era um homem "segundo o coração de Deus" no sentido de que executaria a vontade de Deus. At 13:22.

Isso faz sentido quando lemos a respeito de Saul que ele não executou a vontade de Deus, por pelo menos duas vezes (I Sm 13 e 15).

21 - A longevidade dos Antediluvianos

Uma das narrativas bíblicas que tem causado certo espanto em boa parte dos leitores da Bíblia diz respeito à longevidade dos antediluvianos. A pergunta é:

Os anos apresentados na genealogia dos antediluvianos eram literais? Ou cada ano equivalia apenas há um mês? Como uma pessoa podia viver tantos anos visto que hoje as pessoas vivem no máximo 120 ou 130 anos?

Como podemos ler no texto de Gn 5, existem alguns personagens que, realmente, causam uma certa admiração por conta da sua longevidade. Só para exemplificar citaremos apenas alguns antediluvianos que viveram acima da média.

Adão 930 anos Gn 5:5
Matusalém: 969 anos Gn 5:27
Noé: 950 anos Gn 9:29
Jarede 962 anos Gn 5:20
Sete: 912 anos Gn 5:8
Quenã: 910 anos Gn 5:14
Enos: 905 anos Gn 5:11

1) Os anos dos antediluvianos são literais? Sim. Pelo menos não há nada no texto bíblico que indique o contrário. Talvez pela brevidade da vida humana, na atualidade, seja possível as pessoas ficarem em dúvidas sobre a literalidade dos anos dos antediluvianos. Mas uma coisa é certa: eles realmente viveram centenas de anos conforme registra o texto sagrado. Existem algumas boas razões para crermos na literalidade do texto de Gn 5, que estaremos apresentando mais a frente.
2) Será que o ano daquela época não correspondia a um mês do nosso calendário, ou seja, a trinta dias?

Se pensarmos que cada ano do texto de Gn 5, ou seja, dos antediluvianos, corresponde a apenas 30 dias, ao invés de solucionarmos a questão estaremos criando um problema ainda maior. Senão, vejamos.

Genesis 5: além dos antediluvianos que viveram acima da média apresentados acima, temos aqueles que não viveram tantos anos e aqueles que geraram filhos com certo número de anos que se considerarmos que os anos apresentados no texto corresponde a meses criaremos um problema quase insolúvel. Vejamos:

A Bíblia diz que Maalalel viveu sessenta e cinco anos e gerou a Jarede. E que Cainã viveu setenta anos e gerou a Maalalel. Depois ela diz que Enoque viveu também sessenta e cinco anos e gerou a Matusalém. E por último Gn 5 relata que Enos viveu noventa anos e gerou Cainã.

Se levarmos em conta a leitura de que cada ano dos antediluvianos corresponde a um mês do nosso calendário, como alguns querem fazer pensar, necessariamente teremos que admitir o inadmissível. Por exemplo: Maalalel e Enoque geraram filhos aos 65 anos. Se cada ano corresponde a um mês e cada ano do nosso calendário corresponde a 12 meses, logo, a nossa conclusão é que tanto Maalalel quanto Enoque tiveram filhos com apenas 5 anos e 5 meses de idade.

Se não dá pra acreditar que os antediluvianos viveram tantos anos, como podemos acreditar que seria possível, do ponto de vista literal, que eles pudessem procriar com tão pouca idade? O que, do ponto de vista biológico, seria impossível. E o que não dizer de Cainã que procriou com 70 mêses, ou seja, 5 anos e dez meses e também Enos que gerou filho aos 90 meses, isto é com 7,5 anos. Seria isso possível? Creio que não.

Portanto, creio que é mais sensato pensarmos que os anos daquela época eram como os anos em nossos dias, ou seja de 12 meses, do que termos que acreditar que uma criança com apenas cinco anos e cinco meses de idade pudesse procriar.

22 - Como podemos justificar a longevidade dos antediluvianos?

Bom, na verdade existem coisas que estão registradas na Bíblia que nós aceitamos por uma questão de fé. Por exemplo: A travessia do mar vermelho, a queda dos muros de Jericó, o nascimento sobrenatural de Jesus, a ressurreição dos mortos, etc.

Mas, no que diz respeito à longevidade dos antediluvianos, além de aceitarmos esse fato pela fé, procuraremos dar algumas boas razões para tentar explicar o motivo dessa longevidade.

a) O clima era favorável.
b) As condições alimentares eram diferentes.
c) O eco-sistema era diferente.
d) Eles foram agraciados por Deus com esses longos anos.
e) A longevidade dos antediluvianos aconteceu com fins didáticos, ou seja, Deus quer nos ensinar que por mais que o homem possa viver ele não pode fugir às conseqüências do pecado, isto é, ele morrerá.
f) Para revelar, ainda que de uma forma pálida, o projeto de Deus, em relação ao homem, isto é, que tenhamos vida longa, ou melhor, vida eterna
g) Vivia uma vida piedosa.

"A objeção, de que tal longevidade, como a que se escreve em nosso capítulo, é inconcebível para as condições existentes da natureza humana, perde toda sua força se considerarmos que todos os memoriais do mundo antigo contêm evidência de poder gigante; que o clima, o tempo e outras condições naturais, eram diferentes às posteriores ao dilúvio; que a vida foi muito mais simples e uniforme; e que os efeitos da condição do homem no paraíso haviam sido eliminados imediatamente".

(Keil Delitzch)

"outro motivo da longevidade dos antediluvianos era para que houvesse uma maior propagação da raça humana, pois quanto mais anos eles viviam mais filhos podiam gerar."

Isso é tão verdade que, mesmo após o dilúvio, os descendentes de Noé, por um bom tempo continuaram tendo vida longa, pois se tratava de um recomeço da humanidade. Vejamos:

Noé viveu mais 350 anos após o dilúvio Gn 9:28
Sem viveu 500 anos Gn 11:11
Eber viveu 430 anos Gn 11:17
Arfaxade e Salá 403 anos Gn 11:13,15
Pelegue 209 anos Gn 11:19
Reú 207 anos Gn 11:21
Serugue 200 anos Gn 11:23
Terá 205 anos Gn 11:32

23 - José praticava a hidromancia?

Jose é apresentado na Bíblia como um homem temente a Deus, e que, por conta disso, denunciava as práticas reprováveis de seus irmãos a seu pai, pois preferiu ir para a masmorra a entregar-se aos prazeres sexuais com a mulher de Potifar.

Também é dito que ele tinha o Espírito de Deus, e, segundo a Bíblia, ele foi o segundo governador do Egito, no tempo dos Hicsos, pela sabedoria dada por Deus.

Mas, apesar de todos esses testemunhos, uma coisa "desfavorável" a seu respeito nos deixa bastante intrigado. Pois, de acordo com Gn 44:5,15 parece que José praticava a Hidromancia: de Hidros, "água" e mancia, de mantheia, "adivinhação", "adivinhação através da água"; prática ocultista proibida e reprovada pela palavra de Deus. Lv 19:26; II Rs 17:17; 21:6; II Cr 33:6; Dt 18:10.

Assim lemos em Gn 44:5,15:

"Não é este o copo por que bebe o meu senhor? E em que ele bem adivinha...". E disse-lhe José: Que é isto que fizestes? Não sabeis vós que tal homem como eu bem adivinha?".

Em primeiro lugar é necessário, o quanto possível, recorrermos a uma regra hermenêutica que diz:

"é necessário para uma boa interpretação analisarmos o contexto de uma passagem que a nós parece difícil".

De acordo com Gn 44:1,2, José deu ordem de colocar o copo na bagagem de seus irmãos, mas em nenhum momento ele disse que aquele copo era um objeto através do qual ele praticava a hidromancia.

A afirmação de que ele adivinhava através do copo vieram de seus emissários, provavelmente egípcios, adeptos desse tipo de prática ocultista. (Gn 44:4,5)

Em segundo lugar José era um homem de Deus, temente a Deus, e jamais usaria desse expediente para saber o futuro ou o oculto. Para isso ele tinha o Espírito de Deus e, portanto, não tinha necessidade de usar dessa prática ocultista. Gn 40:1-22; 41:8-38. É impossível que um homem como José recorresse a tal prática. (Gn 45-50; Hb 11:22; Gn 39:2,3; At 7:9,10)

Qual é a explicação para essas passagens tão polemicas?

É muito importante não perdermos de vista que José queria continuar no anonimato e ao mesmo tempo trazer toda a sua família para o Egito.

O ato de colocar o seu copo na bagagem de seus irmãos era simplesmente uma estratégia para alcançar seu objetivo. E, para isso, ele utilizou de todos os meios possíveis.

E, é bem possível que seus emissários tivessem dito que José adivinhava através do copo para reforçar a idéia de que José fosse um egípcio e mantê-lo, como já dissemos, no anonimato para seus irmãos.

Por outro lado, José não tinha necessidade de recorrer à prática ocultista para saber que seus irmãos estavam com o seu copo, pois ele mesmo havia ordenado que pusessem em

suas bagagens Gn 44:1,2. Portanto, seria inútil dizer que ele já sabia.

A palavra adivinhar

A palavra adivinhar que aparece no texto de Gn 44:5,15, vem do hebraico

Nachash, e pode ter vários significados:

"Aprender por experiência"
"observar com diligência"
"adivinhar"
"praticar adivinhação"
"ler a sorte"
"tomar como presságio".

Como podemos saber qual desses significados se encaixa melhor no texto?

É muito simples: quando apenas a palavra, a frase, ou o texto não podem esclarecer perfeitamente uma passagem duvidosa, devemos recorrer ao contexto. E conforme já foi dito acima, pelo contexto não há como afirmar que José praticava a hidromancia ou a adivinhação.

É bem possível que ele estivesse observando com diligência ou que os seus emissários quisessem dizer que ele podia perceber. Apesar de que, como já dissemos, ele já sabia tudo.

No entender de Flávio Josefo, José ao mandar esconder a taça no saco de Benjamim:

"Queria, desse modo, experimentar a disposição de seus irmãos, para com Benjamim, se o auxiliariam quando ele o acusasse daquele furto ou se o abandonariam sem se incomodarem com sua sorte". (Antiguidades Judaicas Cap III 77 pag 187)

Ainda, segundo Flávio Josefo, aquela taça era a:

"que ele se servira para lhes dar, num banquete, demonstrações de sua estima". Antiguidade Judaica (Cap III 77 pag 189)

José o filho de Jacó, é descrito pela Bíblia como uma pessoa de caráter ilibado e de uma conduta acima de qualquer suspeita.

Seu temor a Deus está estampado nas páginas das Sagradas Escrituras:

a) Ele não concordava com a atitude reprovável dos seus irmãos e por conta disso a denunciava a seu pai, Gn 37:2;
b) Sua comunhão com Deus era tão grande que este lhe dava sonhos espirituais, revelando-lhe, por meio destes, o futuro, Gn 37:5-10;
c) Era obediente a seu pai, Gn 37:13,14;
d) Deus era com ele e por amá-lo abençoou a casa de Potifar, Gn 39:2-5,21,23)
e) Foi fiel e temente a Deus diante da tentação, e por amar a Deus preferiu ir para a masmorra a entregar-se aos prazeres sexuais com a mulher de Potifar, Gn 39:7-9,10-12
f) Tinha o dom de interpretar sonhos Gn 40:6-22;

41:15,16,25-37

g) Era uma pessoa humilde, pois em momento algum arrogou para si a capacidade de interpretar os sonhos Gn 40:8;41:15,16

h) José tinha o Espirito de Deus, Gn 41:38,39

i) Era sábio Gn 41:33,39

À luz dessas explicações podemos afirmar, com toda a segurança, que José não praticava a hidromancia.

24 - Deus aceita sacrifícios humanos?

Apesar de a Bíblia condenar de forma veemente a prática de sacrifícios humanos, parece-nos, pelo menos à primeira vista, que Deus, em algumas passagens do Antigo Testamento, os tenha aceitado e, numa outra ocasião, os tenha até mesmo ordenado.

1) **O sacrifício de Isaque:**

"*E aconteceu, depois destas coisas, que tentou Deus a Abraão e disse-lhe: Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi*" (Gn 22:1,2).

2)- **O sacrifício da filha de Jefté:**

Jefté fez um voto de oferecer a Deus, em holocausto, aquilo que saísse da sua porta e viesse ao seu encontro, caso ele fosse vitorioso contra os amonitas. Deus atendeu o seu pedido e ele cumpriu o seu voto sacrificando a sua filha.

3) - **O enforcamento dos filhos e descendentes de Saul.**

Pelo fato de Saul ter matado os gibeonitas, Deus se irou e mandou três anos de fome sobre a terra. Os gibeonitas exigiram o enforcamento de sete descendentes de Saul diante do Senhor, e, após a morte destes, a ira de Deus se aplacou.

Como conciliar esses três episódios com a condenação da prática de sacrifícios humanos, pela Bíblia, uma vez que Deus, de acordo com o texto, parece aceitar sacrifícios humanos?

1) No primeiro caso, referente ao sacrifício de Isaque, está descartada qualquer possibilidade de Deus ter aceitado um sacrifício humano posto que este sacrifício de Isaque não fosse consumado. Pois antes que Abraão consumasse o ato o Anjo do Senhor, Malak Yahweh, (theofania: uma manisfestação de Deus) o próprio Yahweh Yiré o impediu e, em seguida, providenciou o cordeiro para o holocausto.

Pelo menos cinco lições podemos tirar desse episódio:

1) A fé de Abraão foi provada como o ouro
2) A obediência de Abraão a Deus foi demonstrada

3) A submissão de Isaque a seu pai
4) Isaque, sobre o altar tipificava todos os pecadores.
5) O cordeiro sobre o altar tipificava Cristo na sua morte vicária. Pois Ele, a semelhança do cordeiro que substituiu Isaque, morreu em nosso lugar
6) O Senhor nosso Deus é o Deus de providência.

Resumindo, Deus não queria o sacrifício de Isaque, caso contrário Ele não teria impedido Abraão de sacrificá-lo. Deus queria apenas que Abraão provasse, na prática, o que Ele (Deus) já sabia, na teoria.

1) No segundo caso, sobre o sacrifício da filha de Jefté, em momento algum o texto diz que Deus tenha aceitado tal sacrifício.

Na verdade, Jefté fez um voto e Deus concedeu-lhe a vitória. Mas isso não foi por conta do seu voto. Pois independentemente disso Deus sempre dava a vitória ao seu povo toda vez que ele clamava. Pois foi assim com todos os juízes que antecederam a Jefté. O povo pecava, Deus permitia a ação do opressor, o povo se arrependia e clamava, e Deus enviava o libertador. Jz 3 a 10:1-5.

A salvação vinha de Deus:

a) Por sua graça e misericórdia Sl 106:42-45
b) Pelo arrependimento e clamor do povo (Jz 10:10-16)

A sequência era a seguinte: a) arrependimento; b) clamor; c) renovação do pacto; e) adoração sincera; e) graça e misericórdia de Deus; f) livramento.

Como podemos ver, não era necessário Jefté fazer aquele voto, pois Deus já estava disposto a dar a vitória e livrar o seu povo (Jz 10:10-16 e Sl 106:42-45).

Jefté, na verdade, fez um voto de tolo, um voto desnecessário.

Por outro lado, vale lembrar que, uma coisa é você oferecer algo pra Deus e outra bem diferente é ele efetivamente recebê-la. E reiteramos, o fato de alguém oferecer algo em holocausto para Deus não significa, necessariamente, que Ele o receba. Um exemplo muito claro desta assertiva tem na história de Caim e Abel. Ambos foram diante de Deus com as suas respectivas ofertas, mas Deus atentou apenas para Abel e para a sua oferta. Porém, Caim e a sua oferta foram rejeitados por Deus.

Portanto, mediante estas provas irrefragáveis, aqui aduzidas, concluímos que Deus não aceitou o sacrifício da filha de Jefté.

No terceiro caso, o enforcamento dos filhos e dos descendentes de Saul, é algo um tanto mais complexo. Pois, temos um Deus irado contra o seu povo por conta do assassinato dos gibeonitas, sete homens sendo enforcados perante o Senhor e a sua ira, aparentemente, sendo aplacada por conta desse sacrifício.

Vamos ao texto:

"E houve, em dias de Davi, uma fome de três anos, de ano em ano; e Davi consultou ao Senhor, e o Senhor lhe disse: É por causa de Saul e da sua casa sanguinária, porque matou os gibeonitas.

Então, chamou o rei os gibeonitas e lhes falou (ora os gibeonitas não eram dos filhos de Israel, mas do resto dos

amorreus, e os filhos de Israel lhes tinham jurado, porém Saul procurou feri-los no seu zelo pelos filhos de Israel e de Judá).

Disse, pois, Davi aos gibeonistas:

Que quereis que eu vos faça? E que satisfação vos darei, para que abençoeis a herança do Senhor?

Então, os gibeonitas lhe disseram: (...) de seus filhos se nos dêem sete homens, para que os enforquemos ao Senhor, em Gibeá de Saul, o eleito do Senhor. E disse o rei: Eu os darei.

... tomou o rei os dois filhos de Rispa, a filha de Aiá, que tinha tido de Saul, a saber, a Armoni e a mefibosete, como também os cinco filhos da irmã de mical, filha de Saul, que tivera de Adriel, filho de Barzilai, meolatita. E os entregou nas mãos dos gibeonitas, os quais os enforcaram no monte perante o Senhor; e caíram estes sete juntamente; e foram mortos (...) e depois disso, Deus se aplacou para com a terra" (II Sm 21:1-4,6,8,9,14).

Para entendermos melhor esse texto é necessário nos reportarmos à história na época de Josué.

Deus havia ordenado ao seu povo que, quando eles entrassem em Canaã, não deveriam deixar nenhum cananeu vivo. Mas os gibeonitas usaram de esperteza e, para sobreviverem, enganaram a Josué. Pelo fato de não consultar ao Senhor, Josué, sob juramento, fez aliança com eles dando-lhes a promessa de vida.

Deus, apesar de ter mandado matar os gibeonitas, honrou a aliança entre estes e Josué. Muitos anos depois, Saul, por causa do seu zelo pelos filhos de Israel, matou os gibeo-

nitas, quebrantando, desse modo, a aliança que Josué, sob juramento, havia feito com os gibeonitas.

Deus honrou essa aliança, apesar de ser contra sua vontade, pelo fato de Josué ser seu representante e, como tal, tomava o lugar de Deus. Portanto, ao Josué fazer a aliança com os gibeonitas era como se o próprio Deus tivesse feito.

Saul, como representante do povo, ao quebrar a aliança, com os gibeonitas, coloca o povo contra Deus que, através de Josué, seu legítimo representante, que viveu no período da teocracia (governo de Deus), havia feito aliança com os gibeonitas.

Visto que o povo através do seu representante, Saul, havia quebrado a aliança, para ter a sua dívida cancelada precisava satisfazer a justiça dos gibeonitas que, como vimos acima, se deram por satisfeitos com a morte dos filhos e dos descendentes de Saul.

Precisamos considerar alguns pontos nessa questão:

O sacrifício justificou o povo e a justificação do povo removeu a culpa e, conseqüentemente, o motivo da ira de Deus. Os gibeonitas, por conta do sacrifício dos descendentes de Saul, deram a dívida por cancelada e ficaram satisfeitos. O cumprimento da sua exigência trouxe satisfação e quitação da dívida. Uma vez que a dívida foi quitada a cláusula de dívida foi cancelada e, portanto, não havia mais motivos para Deus estar irado. Ele, automaticamente suspendeu o julgamento e cancelou o castigo. Ex: quando alguém comete um delito ele é condenado pela justiça. Mas ao cumprir a pena ele satisfaz a justiça que não pode mais manter a sentença de condenação e, por força da lei, ela deve libertar o réu por dar a dívida como quitada ou paga. Dessa forma, não significa

que Deus aceitou o sacrifício, mas sim os gibeonitas que, por conta disso, deram a ofensa como cancelada. A ira de Deus ocorreu por causa do quebrantamento do voto, entre Josué e os gibeonitas, por Saul que por sua vez trouxe insatisfação para os gibeonitas. Uma vez que os gibeonitas deram o caso por encerrado e ficaram satisfeitos, não havia mais motivo para Deus continuar irado.

Agora, quanto a eles terem dito que queriam enforcar os sete homens ao Senhor não significa que Deus iria aceitar esse sacrifício. Pois reiteramos o que já dissemos anteriormente: uma coisa é você oferecer algo para Deus e outra bem diferente é Ele, efetivamente, aceitar.

a) Não foi Deus que exigiu esse sacrifício como propciação pelo pecado cometido por Saul;
b) O texto não diz que Deus recebeu o sacrifício;
c) Os gibeonitas eram cananeus, acostumados a essa prática de sacrifícios humanos.
d) Os gibeonitas não temiam e nem serviam a Deus.
e) Os gibeonitas não conheciam a Deus e nem a sua palavra caso conhecessem não teriam feito tal exigência.
f) Qualquer um pode oferecer o que quiser a Deus, mas isso não significa que Ele irá aceitar.
g) Como já dissemos a ira de Deus foi aplacada e, sendo assim, não havia mais nenhum motivo de Deus estar irado e continuar mantendo o castigo contra o seu povo.

Entendendo a seqüência dos argumentos:

Morte dos gibeonitas, quebrantamento da aliança feita por Josué = insatisfação dos gibeonitas.

Insatisfação dos gibeonitas = provação da ira de Deus pela quebra do voto.

Ira de Deus = punição do povo

Enforcamento dos descendentes de Saul = satisfação dos gibeonitas e cancelamento da dívida.

Satisfação dos gibeonitas pelo cancelamento da dívida = aplacamento da ira de Deus que por não haver mais motivo para mantê-la cancelou a punição, isto é a fome sobre a terra.

25 - Jesus é o segundo Adão?

Boa parte dos pregadores e leigos de um modo geral tem afirmado que Jesus é o segundo Adão. Isso se deve a pelo menos dois fatos:

a) O Adão do jardim do Éden é descrito como o primeiro Adão. Logo, pensam que Jesus é o segundo Adão.

b) As pessoas têm a tendência, dependendo da fonte, de reproduzir o que ouviram sem, contudo, examinar o texto como faziam os crentes de Beréia.

Mas afinal, Jesus é o primeiro, o segundo, ou o terceiro Adão? Nenhuma coisa, nem outra.

Jesus, de acordo com I Co 15:45, é o "**Último Adão**".

26 - Jesus foi ao inferno para tomar as chaves do Diabo?

Muitos, no afã de exaltar a obra de Cristo, chegam ao exagero de dizer que Cristo desceu ao inferno, entre a sua morte e ressurreição, lutou com o diabo e tomou a chave do inferno de suas mãos.

Mas, por mais interessante e apaixonante que seja está afirmação, ela não está escrita na Bíblia.

O que está escrito?

De acordo com apocalipse 1:18, Jesus apenas afirmou dizendo: "... E tenho as chaves da morte e do inferno".

A palavra chave, aqui, nesta passagem, jamais pode ser entendida no sentido literal, mas apenas figurado.

Pois não existe, biblicamente falando, uma chave com a qual se pode abrir ou fechar o inferno.

Como devemos entender essa expressão? Como já dissemos, apenas em sentido figurado. Pois Jesus ao dizer que tem a chave da morte e do inferno queria apenas dizer ou declarar sua vitória ou triunfo e autoridade sobre ambos. Pois, por meio da ressurreição, ele venceu a morte e venceu a sepultura. As palavras morte e inferno é bem possível que seja um paralelismo sinonímico, ou seja, duas palavras diferentes para dizer uma mesma coisa. Na verdade o que Jesus venceu foi à morte que não o pode reter na sepultura.

Por outro lado, para fecharmos a questão, o Diabo nunca esteve no inferno (Sheol ou Hades), no mundo dos mortos.

Futuramente ele estará, não no Hades, mas sim no lago de fogo, onde o próprio inferno (Hades) e a morte estarão com ele para sempre (Ap 20:10,14).

27 - Noé levou 120 anos para construir a arca e pregou por esse espaço de tempo para os antediluvianos?

Ora, com base, talvez, em Gn 6:3 que diz:

"... Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne; porem os seus dias serão cento e vinte anos."

Algumas pessoas chegam a deduzir que Noé levou 120 anos para construir a arca e que passou todo esse tempo pregando para os antediluvianos. Mas vamos aos números.

Em Gn 5:32 diz que Noé era da idade de 500 anos quando gerou a Sem, Cão e Jafé. E logo a seguir em Gn 7:6 está escrito:

"E era Noé da idade de seiscentos anos quando o dilúvio das águas veio sobre a terra".

É importante notar que não está escrito em Gn 5:32 que Noé começou a construção da arca com 500 anos, mas sim que ele gerou Sem, Cão e Jafé.

A Bíblia não registra o início da construção da arca. Ora, se acrescentássemos três anos à vida de Noé, tempo suficiente para que ele gerasse os três filhos, diríamos, em tese, que ele começou a construir a arca aos 503 anos (isso é apenas uma hipótese). Mas o mais curioso é que, também, não está escrito em Gn 7:2 que ele terminou de construir a arca com 600 anos, mas sim que, nessa época, todos já estavam dentro da arca e o dilúvio veio sobre a terra.

Não queremos nos estender e nem tão pouco sermos dramáticos, mas, se fizermos uma pesquisa mais detalhada poderemos, talvez, chegar à conclusão de que Noé levou pouco mais de 90 anos para construir a arca (esta questão está em aberto).

No que diz respeito ao tempo em que Noé pregou para os antediluvianos a Bíblia não traz nenhum relato, a não ser aquele que podemos ler em II Pe 2:5 onde está escrito que Noé foi pregoeiro da justiça, sem no entanto, nos informar por quanto tempo ele fez isso.

28 - Saul foi um rei escolhido segundo a vontade do homem?

Muitas pessoas a fim de justificar a queda e a eleição de Saul chegam a dizer o seguinte:

"Saul foi escolhido segundo a vontade do homem, mas Davi segundo a vontade de Deus",

querendo com isso dizer que Saul não foi escolhido por Deus para reinar.

Ora, mas será que é isso que está escrito no texto bíblico?

O que está escrito?

Está escrito que o povo estava insatisfeito com o governo teocrático no período da judicatura, ou seja, no período dos juízes e queria, como as outras nações, um rei que governasse sobre eles. Esse pedido entristeceu não somente a Samuel, mas também ao próprio Deus que, por seu amor, aceitou a solicitação. (I Sm 8:4-7)

Agora, se lermos com cuidado o texto de I Sm 9 e 10 veremos, com certeza, que, antes do povo confirmar Saul como rei de Israel Deus já o havia escolhido.

Veja o que está escrito:

"Amanhã a estas horas te enviarei um homem da terra de Benjamim, o qual ungirá por capitão sobre o meu povo de Israel e ele livrará o meu povo das mãos dos filisteus..." (I Sm 9:10).

É interessante notar que até esse momento Saul era apenas um caçador de jumentos e ninguém o havia escolhido para ser rei a não ser o próprio Deus. (I Sm 9:20,21;10:1,6-9).

Muito tempo depois de Deus o haver escolhido e Samuel tê-lo ungido, o povo apenas o confirmou como rei de Israel,

pois a escolha e a eleição foram feitas pelo próprio Deus. (I Sm 10:20-26)

29 - Está escrito que Deus não trabalhou no sétimo dia (sábado)?

Os adeptos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, bem como alguns leitores um pouco desatentos afirmam com toda certeza que Deus trabalhou apenas do primeiro ao sexto dia e não no sábado.

Mas será que é isso que está escrito em Gn 2:2? Vejamos:

"E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito". (Gn 2:2)

O texto é muito claro e não deixa margem para duvidas; não está escrito que Deus terminou no dia sexto toda a sua obra, mas sim no dia sétimo.

Pode-se perguntar: *"Como pode alguém trabalhar e descansar no mesmo dia?"* Eu respondo.

É simples, o dia tem 24 horas. Alguém pode trabalhar 4 horas 6 ou 12 horas e descansar nas horas restantes.

Surge uma segunda pergunta formulada pelos Adventistas: "Se Deus trabalhou no sábado ou no sétimo dia, com razão perguntamos: o que foi que Ele criou nesse dia? A única coisa que ele pode ter criado é o próprio sábado por causa do homem.

Apesar de não estar claro, no texto bíblico, sobre o que foi que ele, efetivamente, criou, confesso que estou contente e satisfeito apenas pelo simples fato de estar escrito, na Bíblia, que ele trabalhou no sétimo dia, isto é, no sábado.

E, se ele criou o sábado, não podemos negar que ele tenha trabalhado. Pois se ele fez ou criou o sábado isso significa que ele fez alguma obra, ou seja, trabalhou no próprio sábado.

30 - Deus mandou Moisés tocar na rocha em Meribá?

Um dos erros mais comum, cometidos pelos cristãos, de um modo geral, é dizer que Moisés não entrou na terra prometida pelo fato de Deus tê-lo mandado tocar na rocha uma vez e ele ter tocado duas ou três vezes de forma irada.

Porém, basta lermos o texto com mais atenção para descobrirmos que isso não está escrito na Bíblia.

Como está escrito?

De acordo com números 20:7,8 está escrito que Deus mandou Moisés falar a rocha para que ela lhes dessa água.

Confira a passagem abaixo:

*"E o senhor falou a Moisés dizendo: toma a vara e ajunta a congregação, tu e Ar*ão, teu irmão, e falai *a rocha perante os seus olhos e dará a sua água...".* Nm 20:7,8

Portanto, à luz dessa passagem, não há o que discutir, realmente, **Deus disse a Moisés que ele falasse a rocha**.

31 - As roupas e os sapatos dos hebreus, no deserto, cresciam à medida que eles iam crescendo?

Não é raro ouvir alguns prègadores dizer que as roupas e os sapatos dos hebreus, no deserto, cresciam nos seus corpos à medida que eles iam crescendo. Eu creio que Deus pode fazer muito mais do que isso. Mas por outro lado precisamos *"aprender a não ir além daquilo que está escrito"*. E, por falar nisso, não está escrito na Bíblia que as roupas e os sapatos dos hebreus cresciam à medida que eles iam crescendo.

Para pormos fim a essa questão, basta fazermos uma simples leitura do texto de Dt 8:4 e nos certificaremos de que, na verdade, nada do que se diz, efetivamente, aconteceu. Assim está escrito:

"Não se envelheceu a sua roupa sobre ti, nem te inchou o teu pé nestes quarenta anos". (Dt 8:4)

Como podemos ver o texto não diz que as roupas e os sapatos cresceram no corpo dos hebreus, mas apenas que as roupas não envelheceram em seus corpos e os seus pés não incharam.

Como tem crente que gosta de fantasiar!!!

32 - É verdade que Jacó só se casou com Raquel depois de ter trabalhado quatorze anos pra Labão?

Por não prestar a devida atenção ao texto bíblico, alguns chegam a dizer que Jacó só se casou com Raquel depois de ter cumprido os quatorze anos de trabalho pra Labão, o seu sogro.

Mas será que isso está escrito na Bíblia? Isso é o que veremos.

Vamos à história bíblica.

Jacó, pelo fato de amar a Raquel, se propôs a trabalhar sete anos por ela. Ao final dos sete anos de trabalho, ele veio a Labão e disse:

"Dá-me minha mulher porque meus dias são cumpridos, para que eu me case com ela". Gn 29:21

Mas labão, usando de sutileza, enganou a Jacó e, no lugar de Raquel lhe deu Léia, a mais velha.

Ao descobrir a fraude, pela manhã, Jacó questiona Labão o qual lhe passa as regras e os costumes daquela região.

"*E disse Labão: Não se faz assim no nosso lugar, que a menor se dê antes da primogênita*" (Gn 29:26).

Sem questionar as regras, Jacó insiste em casar-se com Raquel, mas para tanto Labão lhe diz:

"Cumpre a semana desta (Léia); então te daremos também a outra (Raquel), pelo serviço que ainda outros sete anos comigo servireis". (Gn 29:27)

Existe neste texto um fato muito curioso concernente à expressão de Labão: *"cumpre a semana desta"* (Léia). Bom, pelo fato de Jacó já ter trabalhado sete anos, conforme Gn 29:20,21 e receber Léia, como esposa, por engano, e, logo depois, Labão ter-lhe proposto que *cumpra a semana de Léia* (Gn 29:27) e somente depois receber Raquel, sua amada, como esposa; alguns, como ficou dito acima, chegam a pensar que Jacó teve que trabalhar mais sete anos para somente depois poder ter o direito de se casar com Raquel. A conta que eles fazem é a seguinte:

1- Os sete anos que ele trabalhou (v 20,21)
2- O cumprimento de mais uma semana (de anos?) para depois receber Raquel (Gn 29:28), total quatorze anos.

Se fizermos esse tipo de leitura do texto poderemos, sem dúvidas, criar uma contradição bíblica. Pois veja bem; Como Labão poderia pedir que Jacó cumprisse uma semana de anos, isto é, sete anos, por Léia, uma vez que ele já havia cumprido? (Gn 29:20,21)

Para elucidarmos essa questão basta atentarmos para os usos e costumes do povo hebreu, sobre as bodas ou festa de casamento. De acordo com Juízes 14:12 e o livro apócrifo de Tobias 11:18 o banquete do casamento durava sete dias. Daí o motivo de Labão dizer pra Jacó: *"Cumpra a semana desta (Léia)"*

Portanto, à luz dessas explicações, podemos concluir dizendo que: Jacó trabalhou sete anos por Raquel, mas foi enganado por Labão, o qual lhe deu Léia. Não obstante, após os sete dias de banquete da festa de casamento com Léia, Labão, seu sogro, lhe deu Raquel, pela qual teve ainda que trabalhar por mais sete anos. Portanto, Jacó, na verdade, trabalhou quatorze anos por Raquel, mas somente a recebeu como esposa após sete anos e sete dias, e não após quatorze anos, como alguns querem fazer pensar.

Algumas lições e curiosidades tiradas da história de Jacó e suas duas mulheres.

Léia foi desprezada pelo marido, mas Deus atentou para a sua humilhação e fez acontecer algumas coisas que mudaram a sua vida.

Ela foi a única que teve um casamento de acordo com os costumes dos hebreus no período patriarcal. Seu casamento durou sete dias com toda pompa e circunstância.

Deus a tornou fecunda e lhe deu muitos filhos.

Foi de Léia que vieram as tribos mais importantes da nação de Israel, a saber: Judá, tribo real e Leví, tribo sacerdotal;

Foi da desprezada, da humilhada, da feia e rejeitada que veio Jesus, o Salvador do mundo, o leão da tribo de Judá. (Mt 1)

33 - Quantas pessoas entraram na arca de Noé?

Durante muitos anos temos ouvido que o número dos que entraram na arca é de oito pessoas. Mas de acordo com Mt 24:38 e Lc 17:26,27, parece que Jesus está afirmando que apenas Noé entrou na arca.

Diante desse dilema perguntamos: Quantas pessoas entraram na arca, uma ou oito?

Em primeiro lugar, é importante salientar que, não está escrito na Bíblia que Jesus disse que apenas uma pessoa, ou seja, Noé entrou na arca; as passagens de Mt 24:38 e Lc 17:26,27 apenas afirma que Noé entrou na arca.

Em segundo lugar, de acordo com Débora Soares, minha amada esposa:

"*o fato de Jesus afirmar que Noé entrou na arca não significa, necessariamente, que a sua família (oito pessoas), também,* não tenha entrado. *Pois, o motivo de Jesus*

ter destacado o nome de Noé deve-se ao fato de ser ele o personagem principal do texto", o protagonista da história do dilúvio, o pregoeiro da justiça. (Hb 11:7; II Pe 2:5)

Que a família de Noé (oito pessoas) entrou na arca pode ser confirmado pelos textos paralelos alusivos ao episódio do dilúvio. Assim está escrito:

"Pela fé, Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, temeu, e, para salvação da sua família, preparou a arca..." (Hb 11:7)

"Depois disse o Senhor a Noé: entra tu e toda a tua casa na arca... E entrou Noé, e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos com ele na arca, por causa das águas do dilúvio... Então, falou Deus a Noé, dizendo: sai da arca tu e tua mulher, e teus filhos, e as mulheres de teus filhos contigo". (Gn 7:1,7; 8:15,16)

"Os quais em outro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas pessoas (isto é, oito) almas se salvaram pela água". (I Pe 3:20)

Esta passagem de I Pe 3:20, de forma indubitável, põe fim a esta questão quando afirma que o número exato dos que entraram na arca foi de oito pessoas. Fazendo as contas:

Noé e sua mulher = 2 pessoas
Os filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé = 3 pessoas

As noras de Noé = 3 pessoas
Total: 2+3+3= 8 pessoas.

34 - "Seus dias serão 120 anos"

Uma das maiores dúvidas dos leitores do livro de Gênesis reside na passagem do capítulo 6:3 que diz:

"Então, disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem, porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos". (Gn 6:3)

A pergunta é: O que Deus quis dizer com, *"os seus dias serão cento e vinte anos?"*

Alguns têm conjecturado que Deus, com essa expressão, estaria dizendo que nenhum ser humano viveria mais de 120anos. Mas como conciliar isso com a idade dos pós-diluvianos que viveram muito mais de 200 anos? Por exemplo:

Noé viveu 350 anos depois do dilúvio; Eber viveu 430 anos; Arfaxade e Salá viveram 403 anos e Pelegue 203 anos, etc.

A explicação a esta dificuldade não está explícita no texto, mas, no entanto, é possível, pelo contexto, deduzirmos que Deus, ao dizer que "os dias do homem seria de 120 anos", não estava, em hipótese alguma, estabelecendo a quantidade de anos que o homem viveria após o dilúvio; mas sim aos anos que o homem (a humanidade, exceto Noé

e sua família) viveria a partir do pronunciamento do juízo até a sua execução (o dilúvio).

Alguns historiadores são da opinião que, pelo contexto, é possível deduzir que Noé estivesse com 480 anos quando Deus pronunciou o juízo contra os antediluvianos. E de acordo com Gn 7:6 *"Era Noé da idade de seiscentos anos, quando o dilúvio das águas veio sobre a terra"*. Á luz dessas explicações podemos chegar à soma exata de 120 nos, desde o pronunciamento do juízo até a sua execução.

Esposa, também, esta mesma opinião homens do porte de Keil e Delitzsch que, fazendo referência ao tema em apreço, dizem:

"Isto não significa que a vida humana nunca chegará a viver mais de cento e vinte anos, mas que, certamente será dado um prazo de cento e vinte anos à raça humana".

35 - Como explicar a existência da luz antes da criação dos luminares?

De acordo com a cronologia dos dias da criação, no primeiro dia Deus disse:

"Haja luz. E houve luz". Não obstante, foi somente no quarto dia que Deus criou os grandes luminares, *"o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas"*. (Gn 1:3, 16,17)

A pergunta é: Se o sol, a lua e as estrelas só foram criados no quarto dia, que luz é essa que Deus criou no primeiro dia? Como explicar a existência da luz antes da criação dos luminares?

A fim de solucionar essa aparente contradição, alguns têm proposto que essa luz é uma luz cósmica. Mas esta hipótese deve ser descartada por duas simples razões: a) porque o próprio cosmos ainda não existia; b) porque a luz foi o primeiro ato da criação de Deus.

Posto isso, a única explicação plausível que nos resta à luz de Ap 21:23; 22:5 e II Co 4:6, é a de que essa luz, a qual "foi criada", no primeiro dia da criação, procede do próprio Deus,a fonte de toda luz e "que habita na luz inacessível", o qual também é "o Pai das luzes". (I Tm 1:16; Tg 1:17)

"A primeira coisa criada pela palavra divina foi אוֹר *'or, "luz", isto é, a luz principal".* (Keil) *"Aqui Deus era o provedor da luz (II Co 4:6) e será a fonte de luz na eternidade futura".* (Ap 21:23 – B E MacArthur)

O propósito de Deus ao trazer a luz antes da criação dos luminares é mostrar de forma clara que ele é a fonte de toda luz. Tudo depende dEle. Deus é a causa primária a partir do qual tudo existe. A sua luz precede a luz dos astros, seja o sol, seja a lua ou as estrelas, e existe independentemente destes.

Entre os pagãos, o sol, a lua e as estrelas são adorados como deuses por conta da luz que deles irradiam. E, é bem possível que:

"a descronologização funcione como uma polêmica contra as religiões pagãs, que cultuam a criação ou as criaturas e não o Criador de quem a criação depende". (Bruce Waltke)

Deus, reiteramos, é a fonte suprema de toda luz. E, portanto, é o único que deve ser adorado.

36 - Quem foi Júnias, homem ou mulher?

Júnias tem sido um dos personagens que tem gerado mais polêmica e controvérsias ao longo da história da igreja. Livros e mais livros têm sido escritos a seu respeito. E por ser um personagem bastante controvertido, não são poucos os debates acalorados que tem sido realizados a seu respeito. A questão é: Quem foi júnias, homem ou mulher?

De um lado estão os que querem, a qualquer preço, descartar e eliminar, de uma vez por todas, qualquer chance de Júnias ser uma mulher, a fim de não ter que conviver com a possibilidade de termos uma mulher entre os apóstolos, hipótese bastante remota. Por outro lado, estão aqueles que, provavelmente, por fazerem parte de um movimento de libertação feminina dentro das igrejas (movimento feminista), não só defendem que Júnias era uma mulher, mas, até mesmo, que ela fazia parte do colégio apostólico. A parte disso estão os que, tal como eu, não estão preocupados nem com uma coisa nem com a outra, mas apenas com o fato de se Júnias é um homem ou uma mulher. Vamos ao texto bíblico:

"Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo". (Rm 16:7)

Paulo, no último capítulo de sua carta aos romanos, põe em destaque cerca de dez mulheres em termos bastante elogiosos. Duas dessas mulheres são anônimas enquanto que oito delas são conhecidas pelos seus respectivos nomes. Levando em conta que Paulo foi um fariseu extremamente radical, e pertencia a um povo (hebreu) cuja sociedade era marcadamente patriarcal, onde a figura masculina se sobressai; podemos dizer que esse é um número, um tanto considerável.

No que diz respeito à Júnias, Bruce Metzger, Professor Emérito, de Novo Testamento, no Princeton Theological Seminary, faz a seguinte observação:

"Alguns interpretes, julgando improvável que uma mulher estaria entre aqueles que são chamados de "apóstolos", entendem que esse nome é Ἰουνιᾶν *(Júnias), tido como uma forma abreviada do nome masculino Juniano. Por outro lado, há que considerar o seguinte: (1) O nome latino "Júnia" (Júnia), atribuído a mulheres, aparece mais de 250 vezes em inscrições gregas e latinas que foram encontradas em Roma (sem levar em conta outros lugares), ao passo que o nome masculino "Júnias" não foi encontrado uma única vez. (2) Quando, nos manuscritos gregos, se começou a acentuar as palavras (pois no início eram escritas sem acentuação), os copistas escreveram* Ἰουνίαν *(Júnia),ou seja, tomaram esse nome por nome de mulher".*

Esposa essa mesma idéia os autores da: "Nova Chave Línguistica do Novo Testamento Grego, (Rm 16:7) onde lemos:

"Ἰουνίαν f. (...) *aqui deve ser f., já que o m. não é atestado como forma de nome próprio.*

Ainda, no Novo Testamento Interlinear Analítico, Texto Majoritário com aparato crítico, da Editora Cultura Cristã, *"Júnias trata-se de um nome feminimo"*. Mediante as provas aduzidas, apesar de alguns autores modernos considerarem Júnias como nome masculino, seguindo a mesma opinião de Bruce Metzger, somos inclinados a pensar que Júnias era uma mulher.

37 - Adão e Eva tiveram filhos antes do pecado?

"E a mulher disse: multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos..." Gn 3:16.

Com base na passagem acima alguns supõem que Adão e Eva tiveram filhos antes do pecado. Na tentativa de justificar esta assertiva eles recorrem à frase do texto que diz:

"Multiplicarei grandemente a tua dor..."

A explicação é a seguinte: Só se pode multiplicar aquilo que já existe. E concluem:

"Eva já havia sentido a dor do parto, caso contrário não faria sentido Deus puni-la com a multiplicação de uma dor que ela nunca houvesse sentido".

Apesar dos fortes argumentos, aqui apresentados, somos contrários a essa afirmação por razões obvias:

a) A Bíblia não diz que Adão e Eva tiveram filhos antes do pecado;
b) Se Adão e Eva tiveram filhos antes do pecado, então esses filhos não sofreram o efeito da queda e, portanto, temos dois tipos de ser humano; um ser perfeito, que em tese estaria vivendo no paraíso e não sujeito à morte (Gn 2:16,17) e outro imperfeito, pecador e mortal do ponto de vista físico uma vez que a alma é imortal (Mt 10:28).

Sendo assim, como podemos interpretar a frase: *"Multiplicarei grandemente a tua dor"* em Gn 3:16:

a) É possível que o plano de Deus para a mulher, no momento da concepção é que tivesse dor; mas pelo fato dela haver pecado, como conseqüência, a intensidade dessa dor fosse aumentada.

Portanto, a expressão *"multiplicarei grandemente a tua dor"* está relacionada ao sofrimento como conseqüência pelo pecado. Assim como o homem teria, como conseqüência pelo pecado, o sofrimento, (Gn 3:17) a mulher, da mesma sorte, não ficaria impune.

Em outras palavras Deus está dizendo que o sofrimento da mulher seria numeroso em varias áreas de sua vida.

A vida para a mulher não seria fácil. A fadiga, o cansaço, a dor e o sofrimento seriam seus companheiros, em praticamente todas as áreas de sua vida.

38 - Hamã era um amalequita?

Boa parte dos pregadores ao fazer alusão a Hamã descreve-o como se ele fosse um amalequita. Isto, provavelmente, deve-se ao fato de, na Bíblia, ele ser conhecido como:

"Hamã, filho de Hamedata, o agagita". (Et 3)

Pois, não é dificil imaginar que, pelo fato dele ser um agagita, alguém faça ligação deste nome (agagita) com o Agague, rei dos amalequitas, que foi morto pelo profeta Samuel, no reinado de Saul, cerca de 1000 a.C. Se levarmos em conta que até o próprio Flávio Josefo, historiador judeu do I século a.D, considera Hamã como um amalequita, não seria nada estranho que outros também o fisessem.

Assim diz Flávio Josefo:

"Um amalequita chamado Hamã, filho de Hamedata, desfrutava então tal prestígio que quando ele entrava no palácio os persas e os estrangeiros eram obrigados, por ordem do rei, a se prostrar diante dele". (Historia dos Hebreus, livro décimo primeiro- pg 521- Et 3:1)

Apesar de termos o testemunho de Flávio Josefo a esse respeito, será que é possível afirmamos que Hamã era um amalequita? Como Hamã poderia ser descendente dos amalequitas uma vez que eles foram destruídos?

Não consta na historia que os amalequitas sobreviveram até o periodo Persa ou até nos dias de Ester e Mardoqueu.

Quanto ao termo agagita, encontrado em Et 3:1, que Josefo, por conta disso, descreve Hamã como "amalequita", talvez por ter entendido que o termo agagita derivasse de Agague, rei dos amalequitas, sendo dessa forma um "patronímico", nome relativo ao pai, nada tem haver com Agague, visto que Agague nem sequer era um nome próprio, mas um titulo dos reis amalequitas como Faraó do Egito, Herodes da Judéia, Cesar de Roma, Abimeleque dos filisteus etc. É bem possível que o termo agagita fosse um adjetivo gentílico ou um nome pátrio (nome relativo à pátria ou lugar em que alguém vive ou nasce).

Esposam essa mesma opinião homens do porte de Keil e Delitzsch:

"Interpretes judeus e cristãos consideram, portanto, que Hamã era descendente do rei dos amalequitas. Isto seria possivel, porém não poderia ser explicado. O nome Agague não basta para isto. Podia haver diferentes *homens que tiveram o nome Agague, e, em I Sm 15, Agague não é nem sequer um nome próprio do rei vencido por Saul, mas um nome titular dos reis amalequitas, titulos como faraó, ou Abimeleque que eram reis do Egito e de Gerar".* (Keil e Delitzsch, pg 1391)

E ainda de acordo com o Dicionário Bíblico Wycliffe:

"uma inscrição acadiana de Sargão II menciona Agague como um distrito da Média".

E, segundo Gleison Archer:

"Quanto às dúvidas sobre a historicidade de Hamã, o agagita, é significante que uma inscrição de Sargão tenha sido publicada por Oppert que menciona Agag como distrito do

império persa. À luz desta evidência, é aparente que Hamã era nativo desta província, e não um descendente do rei amalequita Agague, como a tradição posterior dos judeus tem suposto". (Merece Confiança o A.T? pg 367)

O conceito rabínico de que Hamã era um amalequita foi varrido há anos pela descoberta de Oppert. "Agague", em uma das inscrições de Sargão é descrita como um distrito da Pérsia:

"Hamã, filho de Hamedata, o "agagita" significa simplesmente que Hamã, ou o seu pai tinha vindo do distrito de Agague". (The International Standard Bible Encyclopaedia pg 1008)

Portanto, o nome agagita, não se trata de um patronímico, pois o nome Agague, como podemos ver, longe de ser um nome próprio de pessoa, não passa de um título atribuído aos reis dos amalequitas, equivalente ao título de "presidente" atribuído aos vários governantes do Estado Brasileiro, mas de um nome pátrio ou adjetivo gentílico (nome derivado do lugar do qual alguém é natural ou habita) como ficou provado acima.

39 - Por que Mardoqueu não se curvava diante de Hamã?

Durante muitos anos estive perguntando para mim mesmo e compulsando várias obras de referências a fim de descobrir o porquê de Mardoqueu não se prostrar diante de Hamã, o primeiro ministro de Assuero, rei da Pérsia, mes-

mo sabendo que essa sua atitude poderia trazer sérias conseqüências tanto para ele quanto para o seu povo que vivia na Pérsia? Biblicamente falando, pelo que sabemos, Hamã, até aquele momento, jamais havia feito um agravo contra Mardoqueu ou contra o seu povo para merecer essa forma de tratamento.

Ao pesquisar, descobri que pelo menos quatro soluções tem sido propostas para responder a essa pergunta:

1 – Mardoqueu não se curvava diante de Hamã porque ele era um amalequita. E os amalequitas eram inimigos do povo judeu. (Êx 17:6ss; I Sm 15:1ss). *"De acordo com o Targum e o Midrash, Mardoqueu pode ter se horrorizado com a idéia de curvar-se perante um amalequita ou agagita"* (Et 3:1 e I Sm 15:32,33) (DITAT pg 435).

2 – Mardoqueu, por causa do temor que tinha a Deus, jamais se curvaria diante de um homem, mas apenas diante de Deus.

3 – Havia uma imagem de um ídolo no manto de Hamã e, por essa razão, Mardoqueu entendia que não era apenas diante de um homem que ele estava se prostrando, mas, sim, diante do ídolo estampado nas vestes de Hamã.

Essa explicação tem a seu favor o testemunho do Targum e do Midrash que *"explicam que a recusa de Mardoqueu com base na presença de um suposto ídolo no manto de Hamã"*. (DITAT pg 435)

4 – Os reis persas eram considerados uma divindade digna de adoração e seus funcionários, por serem representantes

do rei, recebiam o mesmo tipo de reverência. Daí, Mardoqueu entender que estaria se prostrando diante da divindade que o rei, segundo os persas, estava encarnando.

Entendemos que as quatro posições gozam de certo grau de plausibilidade, apesar de rejeitarmos a primeira por não ter respaldo bíblico, histórico ou filológico, como ficou provado na questão anterior. Pois a afirmação de que Mardoqueu era um amalequita é meramente fruto de lendas e tradições judaicas, defendidas, inclusive, por Flávio Josefo, em sua obra magnífica, "História dos Hebreus". As demais, são dignas de credibilidade, ainda que nos posicionamos favoravelmente a alternativa de número quatro por ter o testemunho de autores de referência histórica e teológica, como Heródoto, Plutarco, Temístocles, Keil e Delitzsh.

"*O costume de prostrar-se perante os poderosos, neste caso perante o rei, encontramos também entre os israelitas, conforme II Sm 9:6; 14:4; 18:28; I Rs 1:16. Se Mardoqueu se negava a honrar a Hamã, devemos buscar o motivo disso na noção que os persas uniam com esta, isto é, que viam isto como adoração do rei que em sua função de encarnação de Auramazda (divindade persa) devia ser adorado. Isto se pode observar nos clássicos*, conforme Plutarco, Temis*tos 27, Curtios VIII, 5,5ss, onde este menciona que Alexandre Magno seguiu esta tradição em seu caminho à Índia e afirma no parágrafo 11:*

"Persas quidem non pie solum, sed etian prudentes reges suos inter Deos colere; majestatem enim imperii saluts esse tutelam".

"Os persas não só adoram a seus reis entre os deuses de uma maneira religiosa, mas também de uma maneira prudente porque (consideram que) a majestade é um sinal de proteção de bem estar do reino".

"Por isso os espartanos se negavam a prostrar-se perante o rei Xerxes (Heródoto. VII, 136) porque não era costume entre os gregos adorar desta forma a homens. Esta adoração que serviu para adorar e honrar a um deus devia ser, ampliada pelos funcionários reais e também a Hamã como representante do rei. Mardoqueu não podia cumprir com isso sem negar sua fé". (Keil e Delitzsch pg 1391)

40 - Na cabeça de quem a coroa foi colocada: Na de Mardoqueu ou na do cavalo?

"E entrando Hamã, o rei lhe disse: Que se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada (...). Pelo que disse Hamã ao rei: "quanto ao homem de cuja honra o rei se agrada, traga a veste real de que o rei se costuma vestir, monte também o cavalo de que o rei costuma andar montado, e ponha-se-lhe a coroa real na sua cabeça". (Et 6:6-8)

É muito comum ouvirmos as pessoas afirmar que a coroa real foi colocada sobre a cabeça de Mardoqueu. Não obstante, entre boa parte dos comentaristas, cogita-se a possibilidade de que a coroa tenha sido colocada na cabeça do cavalo.

Apesar dos vários argumentos em favor de que a coroa tenha sido colocada na cabeça do cavalo (em muitas inscrições assírias e persas, antigas, a coroa aparece sobre a cabeça do cavalo e o texto original parece apontar para essa realidade), nesse caso específico, há fortes evidências de que ela, na verdade, tenha sido colocada na cabeça de Mardoqueu. Vamos aos fatos.

Dentro desse contexto, um fato que não pode passar despercebido é que Mardoqueu salvou a vida do rei Assuero. Não foi a vida de um camponês, de um plebeu ou de um eunuco que Mardoqueu salvou, mas a vida do rei, do monarca, de um homem que era venerado entre os persas como a encarnação de uma divindade conhecida como Auramazda. Assuero, portanto, era a autoridade suprema da Pérsia.

Um gesto dessa envergadura deveria ser recompensado com as honras reais. Foi um ato extremamente heróico e, portanto, digno de uma honra majestosa. Pois, por muito menos que isso, outros personagens, na história da Pérsia, receberam honras reais. Por exemplo:

"Heródoto (vii 15-17) conta como o tio de Xerxes, Artabano, recebeu a ordem do rei de colocar os trajes reais, sentar no trono e dormir na cama do rei".

Essa atitude de Xerxes, não se trata de um caso isolado, pois o mesmo Heródoto revela que: *Xerxes recompensou o comandante de um navio cujo conselho evitara que o navio afundasse, dando-lhe uma coroa de ouro".*

"Na obra de Plutarco intitulada Temístocles, Demarato, o rei exilado de Esparta (contemporâneo de Xerxes), pede

como presente o direito de cavalgar pelas ruas de Sardes usando a coroa do rei persa. Plutarco também relata que Artaxerxes uma vez honrou um pedido como esse, mas não permitiu que seu manto fosse usado". (Comentário Atos pg 505)

O próprio Mardoqueu, depois de todas as honrarias, recebeu do rei Assuero um manto real e uma coroa de ouro.

"Então Mardoqueu saiu da presença do rei com uma veste azul celeste e branca, como também com uma grande coroa de ouro e com uma capa de linho fino e púrpura, e a cidade de susã de alegrou" (Et 8:15).

Há uma nota bem interessante, relacionada com esse texto, que gostaríamos de deixar registrada:

"As cores e o material das vestes de Mardoqueu o identificava com a nobreza e com uma elevada posição política. (...) A "coroa" de ouro não significa que ele iria governar, e sim um favorecimento diante do rei".

Falando ainda sobre a coroa, de acordo com o Novo Comentário da Bíblia, ela foi colocada, realmente, na cabeça de Mardoqueu e não na cabeça do cavalo:

"Gramaticalmente, o cavalo é que seria coroado e, de fato, algumas nações orientais, sobretudo a Assíria, adornavam a cabeça dos seus cavalos. É mais provável, porém, que a referência se dirija ao indivíduo assim honrado". (NCB pg 445)

Flavio Josefo em sua obra, magnífica, intitulada História dos Hebreus, parece caminhar nessa mesma direção. Assim diz Josefo:

"Tomai um dos meus cavalos, levai um dos meus mantos de púrpura e uma cadeia de ouro para pôr no judeu Mardoqueu; e assim revestido como acabais de descrever, ide diante dele, clamando como um arauto, o que julgastes conveniente dizer, pois como eu não amo ninguém mais do que vós, é justo que sejais o executor do sábio conselho que me destes, para recompensar um homem ao qual eu sou devedor da vida". (Historia dos Hebreus pg 270 – 6ª Ed – 2002)

Outra nota curiosa que gostaríamos de deixar registrada é que Keil e Delitzsch reconhecem que: *"nos clássicos não existem provas desse tipo de adorno de cavalos reais".* (Antigo Testamento de Keil e Delitzsch – pg 1396)

E, por fim, indiretamente, parece que Thompsom favorece a idéia de que, realmente, a coroa foi colocada sobre a cabeça de Mardoqueu. Assim diz Thompsom:

"Vestir um benfeitor real com as roupas do rei (Et 6:8) e enviar correios com mensagens reais (Et 3:13; 8:10), são todos costumes bem conhecidos pelos registros escritos descobertos". (A Bíblia e a Arqueologia – pg 252).

À luz desses relatos históricos, somos inclinados a pensar que, provavelmente, a coroa tenha sido colocada na cabeça do próprio judeu Mardoqueu e não na cabeça do cavalo.

No entanto, pelo fato de haver tantas controvérsias a esse respeito, gostaríamos de deixar essa questão em aberto para novas pesquisas, apesar de reiterar nossa pré-disposição em aceitar a possibilidade de que Mardoqueu tenha recebido a coroa real sobre a sua cabeça.

41 - O que é o batismo com o Espírito Santo?

"E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3:11).

"*Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias*" (At 1:5).

Muita polêmica e controvérsia têm sido geradas em torno do referido tema.

De um lado estão os cristãos de confissão evangélica pentecostal que acreditam que o batismo com o Espírito Santo é uma segunda bênção, uma experência pós-conversão, cuja evidência é a glossolalia, o falar em línguas. Do outro lado estão os cristãos tradicionais que, diferente dos pentecostais, acreditam que todos são batizados com o Espírito Santo no momento da conversão, sem a necessidade de falar em línguas. Em outras palavras, eles acreditam que o batismo com o Espírito Santo é a experiência do novo nascimento, a inclusão do crente no corpo de Cristo por meio do Espírito Santo conforme I Co 12:13.

Frente a esse dilema, a pergunta continua: O que é o batismo com o Espírito Santo?

Antes de responder a essa pergunta gostaríamos de apresentar aquilo que não é o batismo com o Espírito Santo.

1 – **Não é o selo com o Espírito Santo.**

O selo com o Espírito Santo é uma experiência da qual todo crente, em Cristo Jesus, participa. Essa experiência precede o batismo com o Espírito Santo ou pode ocorrer simultaneamente.

Como acontece o selo com o Espírito Santo?

O processo para se receber o selo com o Espírito Santo é apresentado por Paulo na sua carta aos efésios que diz:

"nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade,

com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo;

em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa;

o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória." (Ef 1:11-14).

Primeiro Paulo diz que os efésios estão em Cristo, isto é, em comunhão com Ele, formando um só corpo com Cristo. Em seguida, Paulo diz que essa integração ao corpo de Cristo se deu da seguinte maneira:

"Depois que ouviste a palavra, o evangelho da vossa salvação";

"E tendo nele também crido";

"Fostes selados com o Espírito Santo da promessa".

A ordem é a seguinte:

Primeiro: **Ouvir** (a palavra da verdade);

Segundo: **Crer** (no Senhor Jesus e na sua palavra).

Resultado:

Selo com o Espírito Santo.

O que é o selo com o Espírito Santo?

Selo é uma marca ou sinal que indica duas coisas:

Propriedade: (indica que o crente agora é propriedade de Deus)
Garantia: (indica que o crente tem a garantia da redenção Ef 5:30).

Ao ser selado com o Espírito Santo o crente passa a ser habitado por ele, tornando-se propriedade de Deus e morada do Espírito Santo (I Co 3:16; 6:19). Portanto, ser selado com o Espírito Santo não implica em ser batizado com o Espírito Santo, mas ser batizado com o Espírito Santo depende, em primeiro lugar, em ser selado com o Espírito Santo. Sem o selo do Espírito santo não há batismo com ou no Espírito Santo. Esta é uma verdade irrefragável.

Todos os que são batizados com o Espírito Santo são selados com o Espírito Santo, mas nem todos os que são

selados com o Espírito Santo são batizados com o Espírito Santo. O batismo com o Espírito Santo não é uma obrigatoriedade, mas uma necessidade, uma bênção conferida ao crente em Jesus Cristo.

O que é o batismo com o Espírito Santo?

É uma capacitação sobrenatural que, entre outras coisas, confere ao crente poder espiritual para que ele possa testemunhar de Cristo com mais ousadia (At 1:8). O crente batizado com o Espírito Santo é caracterizado pela glossolalia, isto é, pelo falar em línguas, a qual é a evidência do batismo com o Espírito Santo (At 2:4; 10:44-46; 19:1-6).

42 - Somente quem é batizado com o Espírito Santo tem o Espírito Santo?

Resposta:

É evidente que não. Pois, como ficou dito acima, o batismo com o Espírito Santo é uma experiência posterior ao selo do Espírito Santo o qual, nessa oportunidade, passa a habitar a vida do crente. Só é batizado com o Espírito Santo aquele que já tem o Espírito Santo habitando em seu espírito. Portanto, independentemente do batismo com

o Espírito Santo, todo aquele que crê no nome do Senhor Jesus Cristo tem o Espírito Santo (Ef 1:11-14). Esta é uma verdade bíblica incontestável

43 - Somente os que são batizados com o Espírito Santo são salvos?

Resposta:

Não! Pois a salvação de um indivíduo não depende do batismo com o Espírito Santo, mas sim da graça de Deus por meio da fé em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (Mc 16:15,16; Rm 10:9,10; Ef 2:8-10). Até porque, somente os salvos por Cristo podem receber o batismo com o Espírito Santo. Jesus não batiza perdidos com o Espírito Santo, mas apenas os salvos pela graça por meio da fé em Cristo. Se acreditarmos que somente os que são batizados com o Espírito Santo são salvos, temos que, automaticamente, admitir que o sacrifício de Cristo não foi completo e, por isso, precisa de remendo. Mas todos nós sabemos que isto não é uma verdade respaldada pela palavra de Deus. Pois, o sacrifício de Jesus foi completo e, por essa razão, reiteramos, ele não tem necessidade de complemento. Segue-se, portanto, que, todos os que crêem no nome de Jesus, independentemente do batismo com o Espírito Santo, são salvos.

44 - Qual é a evidência do batismo com o Espírito Santo?

A pergunta sobre a evidência do batismo com o Espírito Santo é bastante recorrente no meio evangélico brasileiro. De um lado estão os pentecostais que acreditam que a evidência do batismo com o Espírito Santo é a glossolalia, o falar em línguas. Do outro estão os que defendem a posição de que o batismo com o Espírito Santo é o novo nascimento, conforme I Co 12:13. Além desses dois grupos, há uma pequena minoria que entende que há outras evidências do batismo com o Espírito Santo, além do falar em línguas tais como os eventos registrados em Atos 2.

Diante disso, a pergunta que não quer calar continua a ressoar em nossos ouvidos:

"Qual é a evidência, distintiva, que caracteriza aqueles que foram batizados com o Espírito Santo?".

Os que acreditam que a evidência do batismo com o Espírito Santo é o falar em línguas precisam explicar melhor I Co 12:13 e os eventos paralelos ao falar em línguas encontrados em Atos 2. Em contrapartida, os que adotam a posição de que a evidência do batismo com o Espírito Santo é o novo nascimento precisam explicar Atos 2:4ss. E os que acreditam que além do falar em línguas existem outros eventos paralelos, de igual modo, precisam dar melhores explicações.

Frente a essa dificuldade, humildemente, queremos dar o nosso parecer sobre qual é, realmente, a evidência do batismo com o Espírito Santo.

Em toda a Bíblia, Atos dos Apóstolos é o livro que nos oferece, praticamente, todo o material de que necessitamos para oferecer a nossa linha de defesa.

Jesus, antes de acender aos céus, deu ordem aos seus discípulos para que eles:

"não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados, com o Espírito Santo, não muito depois destes dias".

E logo em seguida Jesus lhes assegura dizendo:

"... recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós, e serme-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda Judéia e Samaria e até aos confins da terra." (At 1:4-8)

O cumprimento desta promessa conforme Atos 2 ocorreu no dia de pentecostes (festa judaica comemorada 50 dias depois da páscoa) estando eles reunidos no Senáculo há cerca de 10 dias.

"Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar, e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.

E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousavam sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem".

É importante salientar que, de todos os episódios ocorridos nesse dia o único que chamou a atenção foi o fato dos quase120, ali reunidos, falarem em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E, como podemos observar, todos os episódios: "O som como de um vento impetuoso que encheu toda a casa, as línguas repartidas como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles", o enchimento com o Espírito Santo, culminaram para um só acontecimento, a saber, *"O falar em outras línguas"*. Esse foi o ponto alto de todo o acontecimento.

O fenômeno da glossolalia, o ato de falar em outras línguas protagoniza várias páginas do livro de Atos dos Apóstolos e até mesmo duas páginas da 1ª epístola de Paulo aos Coríntios. Vamos aos fatos.

1) Os judeus que estavam em Jerusalém no dia de Pentecostes, vindos de outras partes do mundo, não foram atraídos por outra coisa a não ser para o ato dos discípulos, apesar de serem galileus, estarem falando em outras línguas.

"E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.

E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo um aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando?

Como, pois os ouvimos, cada um na nossa própria língua em que somos nascidos?

Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, e Capadócia, e ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da líbia, junto a Cirene, e forastei-

ros romanos (tanto judeus como prosélitos), e Cretenses, e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus.

E todos se maravilharam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? (At 2:5-12).

O impacto causado pelo fenômeno da glossolalia naqueles ouvintes foi tão impressionante que os levou a fazer a pergunta que culminou no célebre discurso do apóstolo Pedro.

Perguntaram: *"Que quer isto dizer?"*.

Isto o que? O ato de falar em outras línguas; o fenômeno sobrenatunal da glossolalia (de glossa, *"língua"* e laléo, *"falar"*).

Até esse ponto, podemos afirmar que, sem sombra de dúvidas, a evidência do batismo com o Espirito Santo, do derramamento do Espirito Santo, foi o ato de "falar em línguas".

2) O apóstolo Pedro, ao responder a pergunta feita por aqueles homens, faz alusão à profecia de Joel, e apresenta uma série de acontecimentos que ocorreram nos últimos dias, mas sua ênfase também recai sobre o ato de *"falar em línguas"*. Na verdade a glossolalia é o episódio que domina todo o capítulo de Atos 2. Vejamos:

"Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões Judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isso notório, e escutais as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia (9:00 hs). "Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias

acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne". (At 2:14-17)

A pergunta dos estrangeiros gira em torno do acontecimento ocorrido com os discípulos que é *"o falar em línguas"*. Eles não estavam entendendo aquele fenômeno da glossalalia. Em resposta, Pedro diz que aquilo era o resultado do derramamento do Espírito Santo, conforme fora predito pelo profeta Joel.

Pode-se perguntar: "Pedro, porventura, não enumera outros episódios paralelos em Atos2?" Sim! Mas é importante notar que a marca distintiva do batismo com o Espírito Santo foi o ato de falar em línguas. Essa foi a única coisa que chamou a atenção de todos. O ato de falar em línguas é inédito, é algo que nunca havia ocorrido.

Por exemplo: Sempre houve quem profetisasse, quem tivesse sonhos ou visões, mas nunca na história do povo judeu houve alguém que tivesse falado em outras línguas de forma sobrenatural a não ser nesse primeiro episodio de Atos 2. Jesus em Jo 20:22 assoprou sobre os discípulos: *"E disse-lhes: Recebei o Espírito Santo"*, mas não se diz que eles falaram em línguas como é dito em Atos dos Apóstolos.

Portanto o ato de falar em línguas é algo inédito, inusitado. Pois o Espírito Santo ainda não havia sido derramado. E foi justamente isso que deixou aqueles homens espasmódicos, estupefatos, maravilhados e suspensos.

"E todos se pasmavam e se maravilhavam, dizendo: uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?" Atos 2:7, 8

"E todos se maravilharam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer?" Atos 2:12

Quanto aos episódios de At 2:19,20, pelo contexto podemos inferir que é algo para o futuro, pois nada disso ocorreu naquele momento e nem tampouco no decorrer de toda a historia da igreja registrada no livro de Atos dos Apóstolos. Portanto, estes eventos não servem como parâmetro para descrever a evidência do batismo com o Espírito Santo, mas apenas o "falar em línguas" que, no livro de Atos, tornou-se algo repetitivo como veremos mais a frente.

Ainda, em resposta à pergunta dos estrangeiros e futuros crentes em Jesus, Pedro, após pregar a Cristo, diz-lhes:

"De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis".

As palavras do apóstolo Pedro são reveladoras; pois ao mesmo tempo em que ele diz no que consiste a promessa do Pai, o derramamento do Espírito Santo, o qual é o batismo com o Espírito Santo, cuja evidencia é o falar em línguas, ele dá resposta à grande indagação dos estrangeiros: *"Que quer isto dizer?"*. Pedro responde:

"isto que vós agora vedes e ouvis".

Isto o que? O derramamento do Espírito Santo que teve como evidência o falar em línguas que foi o objeto da pergunta dos estrangeiros *"Que quer isto dizer?"*

Ora, a pergunta foi motivada pelo fato dos discípulos estarem falando em outras línguas.

Na resposta final do apóstolo Pedro aos estrangeiros há dois fatos interessantes que merecem a nossa atenção.

a) Ele afirma que àqueles que se arrependessem e fossem batizados receberiam "o dom do Espírito Santo", e o dom do Espírito Santo, nesse caso, equivale ao batismo com o Espírito Santo, cuja evidência é o falar em línguas.

b) O apóstolo Pedro ainda faz a seguinte afirmação:

"Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar". Atos 2:39

A verdade que Pedro está comunicando é que essa experiência não seria única e isolada, mas repetitiva. Não era uma promessa restrita a apenas um grupo de pessoas, mas extensiva a todos os que cressem e fossem chamados por Deus.

A experiência do batismo com o Espírito Santo, realmente, se repetiu no livro de Atos. Posto isso, é importante observarmos qual foi a evidência que acompanhou os novos episódios.

Um novo derramamento aconteceu em Samaria com a imposição das mãos dos apóstolos.

"Então, lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo". At 8:17

Ora, nesse novo episódio não houve nenhum sinal ou evidência como em Atos 2.

Diante desse fato, pode-se questionar: *"Se a evidência do batismo com o Espírito Santo fosse o falar em línguas isso não deveria ter ocorrido com os samaritanos? A ausência da evidência não é uma prova de que o falar em línguas não é a evidência do batismo com o Espírito Santo?"*

Refutação:

Em primeiro lugar, nesse caso específico, *"ausência de evidência, nem sempre é evidência de ausência"*. Ou seja, o fato de não estar escrito não significa que o fato não tenha ocorrido. Por exemplo, Pedro ao dar explicações aos demais apóstolos sobre o acontecimento na casa de Cornélio, fala do derramamento do Espírito Santo, sem, contudo, dizer que eles falavam em línguas. At 11:15 x 10:45,46, mas nem por isso podemos dizer que eles não falaram em línguas (At 2:4).

Pois, pelo que podemos ver, de acordo com outros textos, esse caso de At 8:17 é simplesmente um fato isolado. Se não vejamos. Logo após a ministração de Pedro, na casa de Cornélio, a Bíblia diz que:

"Caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios". (At 10:44,45).

Observamos que, com esssas palavras, Pedro fez com que eles entendessem que o dom do Espírito Santo (batismo com o Espírito Santo) havia sido derramado entre os gentios e que a evidência dessa experiência, que é descrita no versículo seguinte, foi o falar em línguas.

"Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus". (At 10:46)

Pode-se perguntar: *"Magnificar a Deus, nesse caso, não é uma evidência do batismo com o Espírito Santo?"*

Não! Pois, o ato de magnificar a Deus nunca aparece de forma isolada como sendo uma evidência do batismo com o Espírito Santo. Ora, Maria a mãe de Jesus, ao receber a notícia de que seria a mãe do Salvador, magnificou a Deus. Mas não consta na Bíblia que ela tivesse sido batizada com o Espírito Santo. Até porque, o Espírito Santo ainda não havia sido derramado. Mas como já foi dito, não há nenhum registro, anterior a Atos 2, que comprove que alguém tenha falado em línguas. Muitas outras pessoas tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento também magnificaram a Deus, sem, contudo, serem batizadas com o Espírito Santo.

Por outro lado o falar em línguas é uma experiência nova que se repete sempre que o Espírito Santo é derramado. At 10:45,46

E, por último, há um novo derramamento do Espírito Santo, em Éfeso, e a evidência do batismo, novamente, é o falar em línguas.

"E impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam". At 19:1-6

Como podemos ver o falar em línguas está diretamente associado ao batismo com o Espírito Santo.

Com exceção de At 8, não há batismo com Espírito Santo sem o falar em línguas. Em todas as experiências do batismo com o Espírito Santo o falar em línguas está presente, e diretamente vinculado a ele.

Alguns chegam a citar Paulo como exemplo de que o falar em línguas não é a evidência do batismo com o Espírito Santo. E fazem a seguinte afirmação:

"Paulo, ao ser cheio do Espírito Santo, após Ananias impor-lhe as mãos, não falou em línguas"!

"E Ananias foi e entrou na casa, e, impondo-lhe as mãos disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo". (At 9:17)

Mais uma vez, vale a regra mencionada: *"aus*ência de evidência, não é evidência de ausência". Pois, para eliminarmos essa dúvida, basta recorrermos aos paralelos de passagens e, então, descobriremos que Paulo também falava em línguas. *"Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos"*.

Pode-se questionar:

"Paulo não está se referindo ao falar em línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo, mas as línguas faladas pelos homens, pois ele era poliglota". Respondemos a esta pergunta com o versículo seguinte, que diz:

"Todavia eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil em língua desconhecida" (I Co 14:19).

Paulo, conforme podemos perceber, nessas suas palavras, não está dizendo que as línguas que ele falava, no versículo anterior (18), eram conhecidas ou inteligíveis, mas que eram *"desconhecidas"*. No versículo 2 ele afirma isso de forma incisiva, quando diz:

"Porque o que fala língua *estranha* não fa*la aos homens, mas a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistério".*

Portanto, não há como duvidar, Paulo falava em outras línguas. Ele era batizado com o Espírito Santo e a evidência do seu batismo foi o falar em línguas, apesar disso não estar registrado em Atos 9, mas em I Co 14:18,19.

Por outro lado, Como Paulo, por exemplo, poderia perguntar aos discípulos de João que estavam em Éfeso: se eles já haviam recebido o Espírito Santo quando creram, e, vale lembrar que receber o Espírito Santo, nesse caso, significa ser batizado com o Espírito Santo e falar em línguas (At 19: 1-6), quando ele mesmo ainda não havia recebido? Não seria isso um anacronismo? Isso não soaria um tanto contraditório?

À luz dessas explicações, concluímos que a evidência do batismo com o Espírito Santo é, sem sombra de dúvidas, o falar em línguas, a glossolalia.

45 - Qual é o significado do batismo com fogo em MT 3:11?

"E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo". (Mt 3:11)

A passagem de MT 3:11, seguramente, é uma das que tem gerado mais polêmica e controvérsia no meio evangélico brasileiro.

De um lado estão aqueles que acreditam que o batismo com fogo tem haver com a ação purificadora e iluminadora do Espírito Santo. Do outro lado, porém, estão aqueles que afirmam que o batismo com fogo está diretamente relacionado com o juízo divino.

O primeiro grupo fundamenta o seu argumento dizendo que: *"o fogo, na maioria das passagens* bíblicas, tem haver com o Espírito Santo e com a presença divina".

O segundo grupo justifica a sua assertiva argumentando que: *a) o fogo, na Bíblia, tem haver apenas com o juízo divino e que, portanto, nunca é usado como símbolo do Espírito Santo; e b) o contexto da passagem aponta para o juízo divino* (Mt 3:7-10,12).

Diante desse dilema, a pergunta é, Qual é o significado do batismo com fogo em Mt 3:11?

Refutação:

A nossa posição é que o batismo com fogo, em Mt 3:11, tem haver com a ação do Espírito Santo na sua ação purificadora e iluminadora.

É bem verdade que o contexto imediato de Mt 3:11 aponta, provavelmente, para o juízo de Deus. Mas, por outro lado, existe na Bíblia profecias conhecidas no meio acadêmico como sendo de dupla referência, isto é, profecias que tem um duplo cumprimento.

É bem provável que este seja o caso de Mt 3:11, objeto da nossa discussão. Não obstante, ainda que esta profecia pareça ser de dupla referência, estamos inclinados a pensar que Mt 3:11 esteja tratando da ação do Espírito Santo para purificar e iluminar, conforme veremos a seguir.

Em primeiro lugar, dizer que o fogo não é o símbolo do Espírito Santo e que ele não representa a presença divina é um tanto temerário à luz das várias passagens das Sagradas Escrituras (Êx 3:2; 13:21,22; Lv 9:24; Jz 6:21; I Rs 18: 38; I Cr 21:26; II Cr 7:1; Zc 2:5; Ml 3:3; Mt 3:11; At 2:3,4; Ap 4:5).

"É certo que o fogo simboliza muitas vezes a ira de Deus derramada sobre o pecador, porém, não é menos certo que muitas vezes tem que ver com purificação e iluminação. O simbolismo do fogo *está ligado a representação do Espírito de Deus. O fogo é sinal da presença de Deus como quando ele apareceu a Moisés na chama de fogo (Êx 3:2). Nessa mesma forma o fogo foi sinal de aprovação divina como na construção do tabernáculo (Lv 9:24); no sacrifício de Elias no Carmelo (I Rs 18:38). Sinal de proteção divina como ocorreu com a condução de Israel (Êx 13:21). Como símbolo do Espírito Santo o fogo aparece nas sete lâmpadas que ardiam diante do trono"* (Ap 4:5).

Outro fato que chama a atenção é que a expressão: "com fogo", que aparece no texto em português, não consta no texto original. Veja o que está escrito:

πνεύματι ἁγίῳ καὶ πυρί· Pneumati hagio kai pyri, *"Espírito Santo e fogo"* (Nestle Aland).

De acordo com Mc Neile:

"O Espírito e o fogo estão unidos com uma preposição como um duplo batismo".

Portanto, *"os que são batizados com o Espírito Santo, são batizados com fogo. O fogo é iluminador? Assim é o Espírito Santo, um Espírito de iluminação".* (Comentário Exegético Al Texto Griego Del Nuevo Testamento – pgs 194,195).

À luz dessas explicações, concluímos que é razoável supor que o batismo com fogo, descrito em Mt 3:11, significa a ação purificadora do Espírito Santo na vida do crente em Cristo Jesus.

46 - O batismo com o Espírito Santo é para os dias de hoje?

Alguns têm conjecturado que o batismo com o Espírito Santo restringiu-se, apenas, ao dia de pentecostes. Esse grupo é conhecido, no meio teológico, como cessassionista, que entende, de acordo com I Co 13: que os dons espirituais, bem como o falar em línguas (batismo com o Espírito Santo) cessaram no primeiro século, com o fechamento do Cânon das Escrituras.

Refutação:

Apesar da argumentação dos cessacionistas, e das várias críticas levantadas contra o movimento pentecostal, que valoriza o falar em línguas, a Bíblia Sagrada é categórica em afirmar que o batismo com o Espírito Santo não foi uma experiência isolada, restrita ao dia de pentecostes ou apenas para os primeiros cristãos, mas até os dias de hoje Jesus pode batizar os crentes com o Espírito Santo.

O apóstolo Pedro, no seu discurso no dia de pentecostes, fez a seguinte afirmação a respeito do batismo com o Espirito Santo. (o falar em línguas):

"Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (At 2:39).

Veja que Pedro não diz que a promessa era apenas para aqueles primeiros cristãos ou que ela estava restrita aos apóstolos ou aos crentes do primeiro século. Pelo contrário, ele é categórico e incisivo na sua afirmação ao dizer que a promessa era extensiva:

A) *"a vós"*, ou seja, aqueles que naquele momento haviam recebido.

B) *"a vossos filhos"*, isto é, a próxima geração.

C) *"a todos os que estão longe"* e

D) *"a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar"*, ou seja, a promessa é para todos os que crêem e para todos os que forem chamados por Deus.

A pergunta é: Você crê? Sim! Então a promessa é para você. Você foi chamado por Deus? Sim! Então a promessa também é para você.

Isso é tão real que todos aqueles que, após o dia de pentecostes, muitos anos depois, receberam a promessa do Espírito Santo (At 8,9,10, e 19).

No decurso da história da igreja essa experiência tem se repetido. De modo que, pelo menos para aqueles que têm recebido a promessa e vivido essa grande experiência do batismo com o Espírito Santo, o argumento dos cessacionistas tem sido ineficaz.

Portanto, à luz dessas explicações defendemos que a promessa, a saber, o batismo com o Espírito Santo, não é uma experiência apenas para os Cristãos do passado, mas para os nossos dias, para todos aqueles que crêem no nome do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Não estamos defendendo que todo cristão é obrigado a ser batizado com o Espírito Santo ou que somente aqueles que são batizados com o Espírito Santo são salvos. Não. Não é isso. O que estamos afirmando é que o batismo com o Espírito Santo é uma promessa extensiva a todo aquele que crê ou que é chamado por Deus e atende a esse chamado pela fé.

Outro detalhe que gostaríamos de destacar é que a nossa salvação independe do recebimento ou não da promessa ou do batismo com o Espírito Santo. A experiência da salvação

precede a do batismo com o Espírito Santo. Pois Jesus não batiza incrédulo ou perdido com o Espírito Santo, mas os salvos (Veja a sequência em At 19:1-6 os discípulos 1) ouviram falar de Jesus; 2) creram e foram salvos; 3) batizados nas águas; 4) e depois batizados com o Espírito Santo.

Por outro lado, o batismo com o Espírito Santo, não é sinônimo de novo nascimento, pois este precede aquele.

E, também, o batismo com o Espírito Santo não é o fruto do Espírito ou os dons espirituais, pois estes podem ser uma experiência simultânea ou posterior a ele, mas nunca anterior.

47 - Qual é o verdadeiro nome do apostolo dos gentios?

Paulo é conhecido como o apóstolo dos gentios. Isso por conta da sua chamada especial para pregar aos gentios (At 9:15).

Mas qual é, realmente, o seu nome?

Pois, ora ele é chamado de Saulo, (At 8:1; 7:58; 9:1,4,8,17,19,22,24,26; 12:25; 13:1,2,7) Ora, chamado de Paulo, (At 13:13,16; 14:9,11,12,14; 15:2 etc).

Não obstante, até onde sabemos, parece que o seu nome hebreu é Saul. Pois, Saulo é a forma grega do nome hebraico Saul.

Em primeiro lugar, deve-se observar que Paulo era, seguramente, filho de uma judia, pois para ser judeu o filho tinha que, antes de tudo, ser filho de uma judia e, portanto, sendo assim, ele era descendente de judeu, e, por conseguinte, um judeu ou hebreu como, de forma alternada, ele se identificava. (Fp 3:5)

Mas, por outro lado, ele era um cidadão romano da cidade de Tarso, na Cilícia.

Sua cidadania romana, provavelmente, deve-se ao fato de seu pai ser um romano de nascimento, ou por ter conquistado ou comprado esse direito, ainda que em períodos anteriores o direito de cidadão viesse por parte da mãe. Era mais ou menos parecido com a cultura judaica; se a mãe é judia, o filho é judeu, mas se a mãe não fosse judia, logo, o filho não seria judeu. Segue-se, portanto, a incógnita sobre como Paulo tornou-se cidadão de Roma. Pois diz F.F. Bruce:

"Se soubéssemos o seu nome gentio poderíamos ter algum indício das circunstâncias em que a família adquiriu a cidadania, já que novos cidadãos costumavam adotar o nome da família do seu patrono, mas não temos nenhuma indicação neste sentido". Pg 34

"As circunstâncias em que a família de Paulo adquiriu a cidadania romana são obscuras...".

Nesse particular a incógnita continua, pois não sabemos se por parte do pai ou da mãe ou em que circunstâncias Paulo herdou esse direito de cidadão romano. Diz Robert H. Gundry:

"Como seu pai obtivera a cidadania romana_ Se por dinheiro, por algum serviço prestado ao Estado, ou por outro meio qualquer_ não sabemos dizê-lo" (Panorama do Novo Testamento. Pg 386).

Mas de uma coisa temos certeza, o apóstolo dos gentios era um cidadão romano (At 16:37,38; 22:25-29)

Outro argumento que comprova que ele era um cidadão romano está em que, em pelo menos duas oportunidades ele faz uso dos seus direitos como cidadão de Roma: a) em Atos 16:37,38 quando faz alusão a Lex Porcia que dava o direito ao cidadão de Roma de não ser açoitado sem antes ter sido julgado e condenado.

E, em At 22 e 25-11,12 ele lança mão de outro direito, conferido apenas a um cidadão do Império, conhecido como *provocatio* ou *ius provocationis*, que consistia no direito de apelar para uma instância superior quando estivesse se sentindo injustiçado num tribunal de instância inferior. Disse Paulo: *"Apelo para Cesar... Apelaste para Cesar? Para Cesar irás"* At 25;11,12

Esses argumentos não deixam nenhuma margem para dúvidas quanto à sua cidadania.

Na qualidade de cidadão romano ele é conhecido como Paulo, do Lat, Paulus, *"pequeno"*.

Mas afinal, qual é o seu nome?

Saulo, Saul ou Paulo?

Como judeu ele atendia por Saul, cuja forma grecizada é Saulo.

Mas como romano, ele era chamado de Paulo.

Mas dirá alguém: *"Seu nome não foi mudado de Saulo pra Paulo?"*

Não! Como podemos ver o apóstolo, na Bíblia, era conhecido pelos dois nomes (At 13:9). Por outro lado, sabiamente, a partir da 1ª viagem missionária, ele adota apenas o nome de Paulo como parte de uma estratégia. Pois, levando em conta que a sua missão era entre os gentios e reis, fazer uso do nome Paulo, nome exclusivo de um cidadão do império, faria com que ele tivesse uma maior penetração entre eles. As portas para a pregação, certamente, se abririam com mais facilidade, e o seu trabalho, com certeza, teria muito mais êxito, como pode ser comprovado em Atos dos Apóstolos e nas suas cartas.

"A cidadania romana conferia privilégios e uma proteção que serviram muito bem a Paulo durante seus empreendimentos missionários". (Panorama do NT pg 386)

Apesar de tudo que até aqui temos dito, é bem possível que nenhum desses nomes apresentados seja o seu verdadeiro nome. Pois, de acordo com os costumes romanos, *"todo romano tinha três nomes:*

a) *O praenomen (o prenome) o nome próprio, designação pessoal;*

b) *O nomen, indicação da linha ou casa;*

c) *O cognomen (sobrenome), nome de família, o sobrenome, que figurava em último lugar.*

Por exemplo, o procurador Félix (At 23:24) se chamava, na realidade Marcus (nome próprio) Antonius (da gens Antonia) Félix (da família chamada Félix, "feliz"). Freqüentemente se omitia o nome próprio, e se falava de Júlio César em lugar de Caio Júlio César, etc". (Vila/Escuian).

A esse respeito diz F.F.Bruce:

"Como cidadão romano, Paulo tinha três nomes: prenome (praenomen), nome de família (nome gentile) e nome adicional (cognomen). Destes, conhecemos apenas seu cognomen, Paullus".

Com esse argumento concorda, também, Robert H. Gundry:

"Paulo nasceu como cidadão romano em Tarso, cidade no sudeste da Ásia Menor. Por isso deve ter tido um praenomen (primeiro nome, que distinguia um membro de família de outros na família) e nomen gentile (nome do meio, que distinguia um clã de outros) como também o seu cognomen (cognome ou do prenome) Paulo (o último nome, que distinguia a família de outras famílias)". (Panorama do Novo Testamento, pg 386).

Portanto, como já foi dito, é bem possível que Paulo, na verdade, não seja o seu primeiro nome (praenomen), mas, talvez, o segundo nome ou seu sobrenome.

O proconsul Sérgio Paulo, por exemplo, serve para ilustrar essa nossa assertiva, pois, neste caso, o nome Paulo, era, talvez, um segundo nome ou até mesmo um sobrenome do proconsul. Há outra explicação bastante plausível a esse respeito apresentada por F.F.Bruce que diz:

"O cognome Paullus pode ter sido escolhido por causa da sua assonância com seu nome judaico Saulo (Sha'ul, em hebraico) que no Novo Testamento grego, às vezes é escrito Saoul, mas com mais freqüência, Saulos, e de modo a rimar com o grego Paulos". (Paulo, o Apóstolo da Graça, pg 34)

À luz dessas explicações, concluímos que, Paulo, provavelmente, não era o primeiro nome do apóstolo dos gentios. Como judeu, seu nome é Saul, cuja forma grega é Saulo; mas como romano, devemos confessar que não sabemos ao certo se o seu nome era realmente Paulo. Portanto, o tema continua em aberto para novas pesquisas.

48 - Paulo e seus direitos como cidadão romano.

At 16:37; 22:25-29; 23:27;25:11; 22:26,27

Quando falamos de direito romano, do ponto de vista bíblico, a primeira pessoa que nos vem à mente é, indubitavelmente, o apóstolo dos gentios, a saber: Saulo de Tarso ou como ficou conhecido, Paulo.

Ao examinarmos as páginas do Novo Testamento, mais precisamente o livro de Atos dos Apóstolos, nos deparamos pelo menos com quatro passagens onde Paulo faz alusão

ao seu direito como cidadão romano. (At 16:37; 22:25-29; 23:27;25:11

A famosa expressão latina: *"civis romanus sum (sou "cidadão romano")*, punha fim a qualquer injustiça que estivesse sendo cometida contra um cidadão romano: pois, a violação dos direitos do cidadão romano poderia implicar até mesmo na morte de quem os violasse. (Humberto Hoden).

1) *Provocatio ou Jus Provocationis*: (Paulo o Apóstolo da graça cap 4 pg 33,34)

Jus suffraii: o direito de voto
Jus militiee: direito de ser soldado numa legião romana
Jus honorum: o direito de ser eleito magistrado
Jus provocationis: o direito de apelar.
Jus census: o direito de propriedade

O cidadão romano, entre todos os direitos, tinha o direito de não ser crucificado. (Pr. Genésio Santos).

49 - Onde estava Daniel quando os três jovens foram lançados na fornalha? Dn 3

Esta passagem da Bíblia tem sido objeto de dúvidas e de muita controvérsia no meio teológico. A pergunta é: Onde estava Daniel no dia da consagração da imagem levanta-

da por Nabucodonosor no campo de Dura, na província da Babilônia? Pois, enquanto Sadraque, Mesaque e Abdenego não se curvaram diante da imagem, preferindo Diante dessa situação, alguns têm sugerido que ele estivesse viajando a serviço do rei, visto que ocupava um posto muito elevado (governador da província da Babilônia). Por outro lado, existem aqueles que, apostando num momento de fraqueza do profeta, chegam a afirmar que Daniel, ainda que hesitante, curvou-se diante da estátua.

Mas afinal, onde Daniel estava?

Diferente do que tem sido sugerido por boa parte dos cristãos, eu quero propor que Daniel estava presente no dia da consagração da estátua de Nabucodonosor, mas, no entanto, não se curvou diante dela.

Que ele não se curvou é possível afimarmos pelo simples fato de conhecermos, biblicamente, a sua conduta e caráter como homem e profeta de Deus.

Quando ainda jovem rejeitou os manjares da mesa do rei porque sabia que eram alimentos consagrados às divindades babilônicas.

Em outra ocasião, quando os 120 presidentes, através de um plano macabro, fizeram o rei aprovar um decreto para punir Daniel, homem de oração, com a pena de ser lançado na cova dos leões, ele preferiu ser lançado aos leões a deixar de orar três vezes ao dia ao seu Deus.

No livro do profeta Ezequiel, ao lado de Jó e Samuel, Daniel é descrito como um homem de retidão pelo próprio Deus (Ez 14:14).

A Bíblia ainda descreve Daniel como um homem de fé

em Deus e que, portanto, não se curvaria diante da estátua de Nabucodonozor.

Mas a pergunta que não quer calar é:

Onde estava Daniel quando os seus três companheiros foram lançados na fornalha?

Gostaríamos de salientar que não há na Bíblia uma só passagem que diga de forma clara e com todas as letras que Daniel estava ou não estava na Babilônia no dia da consagração.

Não obstante, ao lermos o final do capítulo dois e os primeiros versículos do capítulo três. Somos inclinados a pensar que Daniel não somente estava na Babilônia, mas também em pé diante da estátua no dia da consagração.

Antes de lermos a passagem que nos faz entender que, Daniel estava em pé adiante da estátua gostaríamos de falar sobre a sua posição no império de Nabucodonosor.

De acordo com Dn 2:48 Daniel ocupou o cargo de: *"governador de toda a província da Babilônia e de chefe supremo de todos os sábios da Babilônia"*. Assim diz o texto:

"então, o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitos e grandes presentes, e o pôs por governador de toda a província da Babilônia, como também o fez chefe supremo de todos os sábios" (Dn 2:48).

De acordo com o texto referido a primeira informação que temos é que Daniel não era apenas mais um judeu no reino de Nabucodonosor, mas o governador da província da Babilônia e chefe supremo de todos os sábios da Babilônia.

Como ele poderia estar ausente num evento de tal magnitude que iria ocorrer na sua província? Essa não seria uma atitude insolente e desrrespeitosa para com o rei Nabucodonosor e para com as autordades do império que foram convocadas pelo rei?

Com base nessa informação precisamos ler o texto de Dn 3:1-3 para ver no que ele poderá contribuir para a elucidação da questão em foco.

Segundo podemos depreender dos versículos 2 e 3 o rei deu uma ordem a todos os seus grandes. E a ordem real jamais poderia ser desobedecida, pois implicava na morte do transgressor. Assim diz o texto:

"Então, o rei Nabucodonosor mandou ajuntar os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os juízes, os tesoureiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias para que viessem à consagração da imagem que o rei Nabucodonosor tinha levantado. Então, se ajuntaram os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os juízes, os tesoureiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias, para a consagração da imagem". (Dn 3:1,2)

Até esse ponto a questão continua sendo uma incógnita, pois esse texto nada diz sobre onde Daniel estava no dia da consagração da estátua. Mas se lermos o versículo seguinte, provavelmente, ele lançará luz sobre a nossa indagação. Vejamos:

"Então, se ajuntaram os sátrapas, os prefeitos, os presidentes, os juízes, os tesoureiros, os conselheiros, os oficiais

e todos os governadores das províncias, para a consagração da estátua que o rei Nabucodonosor tinha levantado, e estavam em pé diante da imagem que Nabucodonosor tinha levantado". (Dn 3:3)

Como podemos ver, o texto é taxativo, pois afirma de forma clara que *"os governadores estavam em pé diante da imagem que Nabucodonosor tinha levantado".* Até onde sabemos, de acordo com o texto, Daniel era o governador da província da Babilônia onde a imagem foi levantada.

Diante dessa realidade e da convocação do rei, não há como conceber a ideia de Daniel estar ausente dessa cerimônia por supostamente estar envolvido em alguma atividade fora do império como alguns têm sugerido o que, na verdade, não passa de uma mera hipótese.

Devemos, portanto, nos ater a declaração expressa no texto bíblico, a saber, que os governadores, incluindo Daniel, estavam em pé diante da imagem. (Dn 3:3).

É importante salientar que o fato de Daniel estar presente àquela convocação não significa que ele tenha se curvado diante da imagem. Pois Daniel era temente a Deus e jamais se curvaria diante de uma divindade pagã. Acerca disso ele deu prova da sua fidelidade a Deus em outras duas situações registradas na Bíblia. Em Daniel capítulo um ele se nega a alimentar-se da porção do rei porque sabia que aquela comida era consagrada a um deus pagão. E num segundo momento preferiu ser jogado na cova dos leões a deixar de orar ao seu Deus (Dn 1 e 6).

Por outro lado, não podemos perder de vista que a ordem de se curvar e adorar a imagem foi dada apenas para o povo e não para os governadores.

E para fecharmos essa questão gostaríamos de apresentar um argumento bastante convincente do porquê de Da-

niel estar desobrigado de se prostrar perante a imagem levantada por Nabucodonosor.

Diferente de todos os demais governadores, Daniel era visto de uma maneira muito diferente por Nabucodonosor. Antes do episódio da consagração da imagem o rei teve um sonho o qual foi esquecido por ele. E, em todo o império, é importante lembrarmos de que Daniel foi o único que pode desvendar o sonho e o seu significado para o rei. Após haver interpretado o sonho e apresentar o significado do mesmo a Nabucodonosor este se curvou perante Daniel, o adorou e lhe ofereceu sacrifícios. (Dn 2:46). Pode-se perguntar: Daniel recebeu aquela adoração? Achamos isso impossível. Mas isso está totalmente fora da nossa discussão nesse momento.

Diante de tal reverência não fica difícil entendermos o porquê do rei não exigir que Daniel se curvasse perante a imagem.

De acordo com alguns historiadores a imagem que foi levantada no Campo de Dura, era a do próprio rei. Outros conjecturam que era a imagem de Bel Merodaque ou Marduque.

À luz dessas explicações, concluímos que Daniel estava no Campo de Dura, na província da Babilônia, no dia da consagração da imagem levantada por Nabucodonosor.

50 - Quantas pessoas morreram por causa da praga em Baal Peor, 23.000 ou 24.000?

De acordo com Paulo, em sua primeira carta aos coríntios, os mortos por causa da praga, em Baal Peor, foram 23.000 (I Co 10:8); mas segundo o relato apresentado por Moisés, no livro de Números, parece que os que morreram pela praga, foram 24.000 (Nm 25:9)

Mas afinal, quem está correto? Paulo ou Moisés?

Levando em consideração que "homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (II Pe 1:20,21), nenhum dos dois escritores sacros pode estar errado.

Então, qual é o número correto? Como harmonizar esta aparente contradição?

Para encontrar o número correto basta prestarmos um pouco mais de atenção no que diz as duas passagens bíblicas. Paulo, ao apresentar 23.000 mortos por causa da praga é enfático ao dizer que esse foi o resultado de apenas um dia de mortandade, ou seja, esse é o número dos que morreram num só dia. Analizemos o texto:

"E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e "caíram, num só dia, vinte e três mil". (I co 10:8)

Não obstante, quando Moisés diz que morreram 24.000 ele está apresentando o resultado final do acontecimento, ou seja, aqueles que morreram num só dia incluíndo os mortos dos dias posteriores. Por exemplo, quando ocorre um terremoto num determinado lugar, no mesmo dia morrem, digamos, duas mil pessoas. Mas geralmente, por conta dos graves ferimentos, muitos acabam morrendo em dias posteriores.

Daí, as autoridades apresentarem um número diferente do que foi apresentado no primeiro dia.

No caso de Paulo, ele prefere apresentar o que aconteceu apenas no primeiro dia a fim de chamar a atenção para a gravidade do problema da imoralidade.

À luz dessas explicações podemos afirmar que tanto Paulo, quanto Moisés está correto. A única diferença é o propósito de cada um dos escritores.

Outra solução possível está no fato dos escritores bíblicos adotarem o costume de arredondar os números. É bem possível, que o número foi mais de 23.000 e Paulo arredondou para baixo e Moisés, para cima.

Mas esta é apenas uma conjectura.

Afinal, Quantos morreram por causa da praga?

Resposta. Num só dia morreram 23.000, mas durante todos os dias 24.000.

51 - Por que sou pecador?

É muito comum, num trabalho de evangelismo, ouvir alguém perguntando: "Por que sou pecador, uma vez que, quando Adão pecou, eu não estava lá?" "Que tenho eu haver com o pecado de Adão?" "Por que tenho que ser pecador se, na realidade, quem pecou foi Adão?".

Essa pergunta, apesar de não passar de uma boa desculpa para não aceitar o evangelho, é muito pertinente e ao mesmo tempo intrigante. Pois de acordo com a epístola de Paulo aos romanos "todos pecaram" (Rm 3:23). E, mais a frente, Paulo segue dizendo que: "Por um homem entrou o pecado no mundo" (Rm 5:12). Ora, se foi por um homem (Adão) que o pecado entrou no mundo, por que sou pecador uma vez que esse homem, por meio do qual o pecado entrou no mundo, não sou eu? E, além disso, a Bíblia diz claramente que: "A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai à maldade do filho" (Ez 18:4,20). Por essa razão, dizer que eu sou culpado pelo pecado de Adão e que por isso sou pecador é um contrassenso, uma incongruência, uma contradição à luz dessa passagem de Ezequiel.

Resposta:

Apesar da dificuldade e da aparente contradição envolvendo os textos em questão, não é difícil respondermos a pergunta em apreço se levarmos em conta que, ao criar o primeiro ser humano, Deus não criou apenas o homem Adão, mas toda a raça humana em Adão. Pois nesse caso a palavra hebraica para homem é אָדָם 'adam, que nesse con-

texto é um termo genérico para designar o ser humano, a humanidade, pois toda a raça humana estava em Adão por ser ele o cabeça federal da humanidade.

Portanto, à luz dessas explicações podemos afirmar que: não é somente eu que sou pecador, mas toda a humanidade. Pois todos estávamos em Adão quando ele foi criado. Adão era o nosso representante (o representante da raça humana). Sendo assim, quando Adão pecou, todos pecaram, todos se tornaram pecadores como está claro no texto a seguir:

"Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram" (Rm 5:12).

Para entendermos melhor essa questão apresentaremos a diferença entre a criação dos anjos e a dos homens.

Por exemplo, quando Deus fez os anjos ele os fez individualmente, ou seja, Deus não fez um anjo para a partir deste criar os demais anjos, não. Reiteramos, ele os fez individualmente, cada um responsável pelos seus próprios atos. Caso contrário, se Satanás fosse o representante dos anjos o seu pecado teria sido imputado a todos eles. Mas sabemos, biblicamente, que somente os anjos que se rebelaram a semelhança de satanás é que foram punidos (II Pe 2:4; Jd 6,7 e Ap 12:7-9). Não obstante, no que diz respeito ao homem, Deus, a partir de um só fez todo o gênero humano, todas as raças para habitarem o planeta terra, conforme o relato bíblico: "E de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra" (At 17:26).

Portanto, quando Adão pecou, uma vez que todos estávamos nele, todos pecamos. E, é justamente por isso que

sou pecador. Todos nós, sem exceção, nos tornamos pecadores em Adão.

52 - Por que não sou justo ou salvo?

Ora, se por causa do pecado de Adão, o representante da raça humana, eu me tornei pecador e, diga-se de passagem, não tive escolha, eu nasci pecador. Por que não sou justo ou salvo, uma vez que Cristo, o último Adão (I Co 15:45) e nosso representante, morreu em nosso lugar para pagar o nosso pecado e nos justificar perante o Pai? Por que é que para ser justo eu preciso crer em Cristo como meu Senhor e Salvador, uma vez que para ser pecador eu não tive necessidade de fazer nada?

Resposta:

A explicação é muito simples. Por exemplo, quando Adão pecou todos nós estávamos nele; isso por causa de ser ele o nosso representante. E é justamente por isso que todos se tornaram pecadores. Mas quando Cristo morreu pelos nossos pecados, para nos justificar diante de Deus, o Pai, nós, apesar de Cristo ser o nosso representante, não estávamos nele, isso por havermos rompido a nossa comunhão com ele quando, em Adão, pecamos lá no Éden. De sorte que, não estando em Cristo, a sua obra de justiça não foi imputada a nós. Portanto, para que possamos ser justi-

ficados dos nossos pecados junto a Deus, o Pai, é conditio sine qua non (condição indispensável), é necessário estarmos em Cristo. E, para que isso se torne possível, é necessário crermos nele, confessá-lo como nosso Senhor e único Salvador. Pois a fé é o único meio de nos unir a Cristo. Sem fé em Cristo não há justificação, e sem a justificação não há como ser justo diante de Deus e Pai.

"Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5:1; 1:17; 3:21-26; 5:19; 8:1; Ef 2:8-10).

53 - Quem foi Melquisedeque?

"Porque este Melquisedeque, que era rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, e que saiu ao encontro de Abraão quando ele regressava da matança dos reis, e o abençoou; a quem Abraão deu o dízimo de tudo, e primeiramente é, por interpretação, rei de justiça e depois também rei de Salém, que é rei de paz; sem pai, sem mãe, *sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo semelhante ao filho de Deus, permanece sacerdote para sempre".* (Hb 7:1-4)

"... Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque". (Hb 5:6)

Essas passagens bíblicas têm sido a causa de muitas dúvidas e inquietações no meio da cristandade.

Pois, a pessoa de Melquisedeque tem sido objeto de muitas controvérsias por conta das declarações, alusivas a ele, nas passagens em apreço.

A pergunta é: Quem foi Melquisedeque?

Para responder a essa pergunta várias soluções tem sido propostas.

a) Melquisedeque é um personagem fictício,
b) Melquisedeque é o próprio Senhor Jesus, pré-encarnado.
c) Melquisedeque é apenas o que a Bíblia diz que ele é: sacerdote do Deus Altissimo.

Explicação:

A primeira hipótese deve ser totalmente descartada pelo simples fato da Bíblia Sagrada fazer referência a ele como um personagem real.

A primeira referência a Melquisedeque encontra-se em Gn14:18 e nesta passagem ele é tratado como um personagem real. Pois, vêmo-lo recebendo os dízimos de Abraão.

Ora, nesse caso, se Melquisedeque fosse um personagem fictício, Abraão de igual modo também o seria. Mas todos sabem que, tal como Melquisedeque, Abraão é um personagem real referido tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Quanto a Melquisedeque, além de Gn 14:18, há outras passagens na Bíblia que confirmam a sua historicidade e a sua existência como um personagem real. (Sl 110:4; Hb 5,6 e 7)

A segunda posição deve ser rejeitada por falta de base bíblica e hermenêutica. Pois ao nos depararmos com um texto obscuro como esse de Hb 7:1-4

A primeira regra fundamental (A Bíblia é sua própria interprete) aconselha que:

"Devemos o quanto possível, tomarmos as palavras no seu sentido usual e comum". Caso isso ainda não seja suficiente "devemos recorrer aos paralelos de passagem e de ensinos gerais das Escrituras".

Se tomarmos essas duas regras como base, para nossa reflexão, veremos que esse ensino acerca de Melquisedeque é insustentável à luz da Bíblia. Pois apesar de Melquisedeque ser um personagem histórico e, portanto, real, algumas alusões feitas a ele em Hb 7:1-4, não devem ser tomadas no sentido literal da palavra.

Por exemplo: No texto em foco é dito que ele não tem pai, nem mãe nem genealogia, nem princípio e nem fim de vida. Ora, o próprio Cristo, do ponto de vista humano, teve mãe, pai adotivo, genealogia, início e fim de vida, ao passo que do ponto de vista da sua divindade ele não tem nenhuma dessas coisas. Pois é eterno, incriado, auto-existente. Essas, por si só bastam para descartar toda e qualquer possibilidade de Melquisedeque ser o Senhor Jesus Cristo.

Quando a Bíblia afirma que ele não tinha mãe, nem pai, nem genealogia, nem inicio ou fim de vida, não devemos tomar essas palavras no sentido literal, mas apenas entendermos que ele tinha tudo isso, mas que a Bíblia, por um motivo específico, não registrou.

A esse respeito diz Samuel Pérez Millos:

"Sendo um tipo de Cristo, a palavra guarda silêncio sobre os antepassados de Melquisedeque. Nada diz a Bíblia

da procedência do rei de Salém. Sem dúvida o silêncio é intencional e deve ser entendido no sentido próprio de uma passagem inspirada com um determinado propósito tipológico. Ao afirmar que Melquisedeque era "apator ametor agenealogetos", "sem pai, sem mãe, sem genealogia", não está dizendo que não tivesse pais, nem ascendência alguma. Muito menos, pode significar que fosse filho de um pai incógnito, nem referir-se a um filho ilegítimo. Não há também justificação para que se entenda como um milagre biológico, nem como uma manifestação angélica corporizada (...) o silêncio a respeito de Melquisedeque é necessário para afirmar o caráter perpétuo do seu sacerdócio.

Melquisedeque tinha genealogia humana como qualquer homem, porém, sendo tipo de Cristo, a Escritura a mantém oculta, por essa razão se lê: apator amator agenealogetos, "Sem pai, sem mãe, sem genealogia", não porque não a tivesse, mas porque convém aos propósitos divinos da revelação.

O silêncio sobre o tempo de Melquisedeque complementa também ao silêncio genealógico: "Que não tem princípio de dias, nem fim de vida". De igual modo não se deve tomar essa expressão no sentido literal, mas como um dado que a Escritura não revela".

"As Escrituras não explicam as frases "sem pai, sem mãe, nem genealogia",

"que não teve princípio de dias, nem fim de existência", mas entende-se que esses dados não haviam sido registrados. Parece que este é o significado da frase

"cuja genealogia não se inclui entre eles" (V6).Se as frases forem interpretadas no sentido de "eternidade" ou "exitência eterna", haverá necessidade de reconhecer

Melquisedeque como um personagem sobre-humano, e este não é o designio de Gênesis 14.

A semelhança que existe entre Melquisedeque e o Filho de Deus é que ambos são sacerdotes, reis de paz e justiça, com um sacerdócio permanente. Não se pode atribuir a existência eterna a Melquisedeque no sentido absoluto".

A expressão "feito semelhante ao Filho de Deus tem dado margem para alguns pensarem que Melquisedeque era uma manifestação de Cristo. Mas essa expressão "não permite considerá-lo como uma teofania, isto é, a manifestação personificada da segunda pessoa divina, no Antigo Testamento, já que Melquisedeque foi, como se afirma, feito semelhante ao Filho de Deus" (...).

A semelhança na Escritura entre Melquisedeque e Cristo, tem a ver com a expressão "sem princípio de dias, nem fim de vida". O escritor está enfatizando a natureza do Filho de Deus, que sendo divina é, portanto, sem origem. Jesus Cristo é sem princípio de dias, no plano de sua pessoa divina, portanto antecede a Abraão (Jo 8:58) e anterior também a Melquisedeque, contemporâneo de Abraão. Este é o objetivo principal do escritor ao se referir à semelhança entre Melquisedeque e Jesus". (Hebreos- pg 363-365).

Com base nessas explicações concluímos que tudo que se diz acerca de Melquisedeque tem como objetivo mostrar o seu caráter tipológico em relação a Jesus Cristo.

Jesus Cristo é o único sucessor do sacerdócio de Melquisedeque, feito sacerdote não segundo a ordem de Arão, que teve vários sucessores, mas segundo a ordem de Melquisedeque a qual permanece para sempre na pessoa de Jesus Cristo que ressuscitou e vive para interceder.

54 - Nós, os salvos, nos reconheceremos nos céus?

Uma das grandes preocupações daqueles que perdem os seus entes queridos está relacionada à pergunta: *"Nós, os salvos, nos reconheceremos nos céus?"*

Começaremos a responder essa pergunta com uma pergunta retórica: "Há, na Bíblia, algum versículo que afirme, de forma clara, que nós, os salvos, não nos reconheceremos nos céus?" A resposta é: Não!

Ora, se não há nenhum versículo afirmando o contrário, pelo menos em princípio podemos dizer que temos a metade do problema resolvido. Resta-nos, portanto, examinarmos as Escrituras para saber se há alguma passagem a favor da ideia de que nós, os salvos, nos reconheceremos no céu.

Depois de algum tempo de pesquisa descobrimos pelo menos cinco passagens bíblicas que parecem favorecer a posição de que nós nos reconheceremos lá no céu.

A primeira passagem encontra-se no evangelho segundo Mateus que diz:

"Mas eu vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaque, e Jacó, no reino dos céus". (Mt 8:11- ARC)

Ora, nós não conhecemos os três patriarcas descritos no texto, mas provavelmente, os reconheceremos por meio de uma revelação especial, que, segundo acredito, ser-nos-á concedida para que possamos reconhecê-los no céu.

A segunda passagem encontra-se, também, em Mateus, no episódio da transfiguração onde lemos:

"Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte. E transfigurou-se diante deles, e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram brancas como a luz.

E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: "Senhor, bom estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias". (Mt 17:1-4)

Como Pedro, nesssa visão que teve (Mt 17:9), sabia que se tratava de Moisés e Elias? Existem apenas duas possibilidades: a) Jesus, no dialogo que teve com os dois personagens pronunciou os seus nomes. Mas vale lembrar que isso é uma conjectura, uma possibilidade e não uma afirmação das Escrituras; b) houve uma revelação especial visto que Pedro não os conhecia e a distância entre Pedro e Moisés, principalmente, era de mais de mil e quatrocentos anos. Mas o mesmo Cristo que lhe concedeu a visão poderia muito bem lhe dar a revelação de quem era os personagens com os quais estava falando.

A terceira prova de que nós, os salvos, nos reconheceremos nos céus fundamenta-se no fato de que na passagem do rico e Lázaro, o rico, mesmo estando em tormentos no inferno, teve uma visão dos céus, e reconheceu a Lázaro no seio de Abraão, isto é, no paraíso, no lugar de intimidade. (Lc 16:19-31; 2Co 12:1-4)

Essa prova para mim é bastante convincente pelo fato de não se tratar de um salvo reconhecendo o outro no céu, mas de um ímpio, perdido e atormentado, no inferno, reconhecendo um salvo que estava no céu, no seio de Abraão, no paraiso. (2Co 12:1-4)

A quarta prova é bastante plausível, pois é atestada no fato dos discípulos terem reconhecido a Jesus após a sua ressureição. Mesmo que eles tenham demorado um pouco, talvez por conta das últimas imagens que eles tiveram de Jesus, no Getsemani, onde ele, provavelmente, estivesse bem diferente por causa da dilatação de vasos que tivera enquanto orava (Lc 22:44) e logo depois, quando sofreu a tortura do flagrum romano, e pela crucificação ou mesmo por causa do corpo da ressurreição, isto é, corpo glorificado.

A quinta prova consiste no fato de que Estêvão reconheceu Jesus à direita de Deus.

"mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos ao céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus". (At 7:55)

Poderíamos ainda aduzir os seguintes argumentos:

a) Eu creio que as nossas boas lembranças não serão destruídas;
b) Estaremos num estado de perfeição; na nossa plena capacidade mental e espiritual;
c) Seremos ressucitados com o mesmo corpo, nossa aparência, não mudará, exceto que seremos glorificados, teremos um corpo de glória, incorruptível (1Co 15).

À luz dessas explicações podemos dizer que, é bem provável que nós, os salvos, nos reconheceremo lá no céu.

E você, o que pensa sobre isso?

55 - Por que os discípulos tiveram dificuldade para reconhecer a Jesus?

a) Por causa da incredulidade (lc 24:9-12- Jo 20:25 Mc 16:11, 14; Mt 28:17)

b) Não estavam esperando a ressureição de Jesus; (lc 24:18-24)

c) A última visão que tiveram foi de um Jesus desfigurado; mas ele apresentou-se ressureto, com o mesmo corpo, mas glorificado

d) A visão estava dificultosa (lc 24:15,16)

e) O corpo de Jesus sofreu uma leve mudança por conta da glorificação.

56 - Quem eram os santos que ressucitaram após a ressurreição do Senhor Jesus?

Eram os santos do Antigo Testamento ou contemporâneos daqueles que os viram?

De acordo com o contexto somos inclinados a pensar que se tratava dos santos que viveram na mesma época daqueles que os viram. Assim diz o texto:

"E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressucitados;

E, saindo dos Sepulcros, depois da ressureição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos". (Mt 27:52,53)

Exceto uma revelação especial, o único fato que justifica a frase: *"entraram na cidade e apareceram a muitos"* está em que eles eram contemporâneos destes que os viram, da mesma época, e daí, o fato dos ressuretos serem reconhecidos. Pois; como posso reconhecer alguém que eu nunca conheci?

Outros fatos curiosos relacionados a esse episódio gira em torno do momento em que o fato realmente ocorreu, na morte ou depois da ressurreição de Jesus? E se essa ressurreição, dos santos que dormiam, foi como a de Lázaro ou uma ressurreição com corpo glorificado, semelhante ao corpo da ressurreição de Jesus?

Quanto à primeira questão, a dificuldade reside no fato de que somente Mateus registra esse episódio. Não obstante, de acordo com a maioria dos exegetas bíblicos, com base em Mt 27:53, o fato ocorreu depois da ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

No que diz respeito à segunda questão, uma vez que a Bíblia não se contradiz, poderíamos afirmar, com toda a certeza que a ressurreição desses santos foi semelhante à de lázaro, ressuscitaram, mas voltaram a mrrer, visto que não há nenhum relato desses santos subindo antes ou juntos com Jesus aos céus.

57 - Origem dos Dogmas e Inovações da Igreja Romana

Col 2:8 I Tm 4:1,2

Ano:

A.D 310 Começa a vida monástica por Antônio de Alexandria, no Egito, mas esses primeiros monges procuravam no trabalho comum que faziam o seu próprio sustento.

Em 370. Principia o uso dos altares e velas, pelo fim do terceiro século. O culto dos santos foi introduzido por Basílio de Cesaréia e Gregório Nazianzeno. Também apareceu pela primeira vez o uso do incenso e turíbulo na igreja, pela influência dos prosélitos vindos do paganismo.

Em 400. Paulino de Nola ordena que se reze pelos mortos, e ensina o sinal da cruz feito no ar.

Em 500. Gregório o Grande, origina o purgatório.

Em 607. O assassino imperador Phocas dá ao bispo de Roma o direito de primazia universal sobre a cristandade, depois do II concílio de Constantinopla.

Em 609. O culto a virgem Maria é obra de Bonifácio IV. E a invocação dos santos e anjos é posta como lei da igreja.

Em 670. Começa a falar-se em latim à missa, língua morta para o povo, pelo Papa Vitélio.

Em 758. Cria-se a confissão auricular pelas ordens religiosas do Oriente.

Em 787. No segundo concílio de Nicéia convocado a instâncias da infame imperatriz Irene, foi estabelecido o culto às imagens e a adoração da cruz e relíquias dos santos.

Em 795. O incenso foi posto por lei nas cerimônias da igreja por Leão III.

Em 803. Foi criada a festa da assunção da virgem pelo concílio de Maguncia.

Em 818. Aparece pela primeira vez nos escritos de Pascácio Radberto, a doutrina da transubistanciação e a missa.

Em 884. O papa Adriano III aconselha a canonização dos "santos".

Em 998. É estabelecida a festa aos mortos, "dia de finados" por Odilon.

Em 1000. A confissão auricular generaliza-se e os ministros da igreja arrogam para si o célebre "Ego te absolvo". A missa começa a chamar-se sacrifício. E organizam-se as peregrinações – romarias.

Em 1003. O papa João XIV aprova a festa das almas "fiéis defuntos" que Odilon criara primeiro.

Em 1059. Nicolau II cria o colégio dos cardeais "conclave".

Em 1074. O papa Gregório VII, alias Hildebrando, decreta obrigatório o celibato dos padres.

Em 1076. É declarada a infalibilidade da igreja pelo mesmo papa.

Em 1090. Pedro, o Ermitão, inventa o rosário.

Em 1095. Urbano II cria as indulgências plenárias.

Em 1125. Aparece pela primeira vez nos cânones de Leão, a ideia da Imacuada Conceição de Maria, porém São Bernardo de Clairvaux refutou tal ideia.

Em 1164. Pedro Lombardo enumera 7 sacramentos; enquanto que, Jesus Cristo enumera apenas dois.

Em 1200. O concílio de Latrão impõe a transubstanciação e confissão auricular.

Em 1227. Entra a campainha na missa por ordem de Gregório IX.

Em 1229. O concílio de Tolouse estabelece a inquisição, que foi confirmada em 1232 por Gregório X, e logo entregue aos dominicanos. Este mesmo concílio proíbe a leitura da Sagrada Escritura, ao povo.

Em 1264. Urbano IV determina pela primeira vez a festa do corpo de Deus (Corpus Christi).

Em 1300. Bonifácio VIII ordena os jubileus.

Em 1311. Inicia-se a primeira procissão do S. Sacramento.

Em 1317. João XXII ordena a reza "Ave-Maria".

Em 1360. Começa a hóstia a ser levada a procissão.

Em 1414. O concílio de Constança definiu que na comunhão ao povo deve ser dada a hóstia somente, sendo o cálix (copo) reservado para o padre. Os concílios de Pisa, Constança e Basiléia declararam a autoridade do concílio superior à autoridade do papa.

Em 1838. O concílio de Florença abre a porta do Purgatório, que Gregório o Grande havia anunciado.

Em 1563. O concílio de Trento definiu que a tradição é tão valiosa como a própria Palavra de Deus. E aceitou os livros apócrifos como canônicos.

Em 1854. Pio IX proclama o dogma da imaculada Conceição de Maria.

Em 1870. O concílio do Vaticano declara a infalibilidade do papa.

Com isso secou-se a fonte das inovações romanas, operação do mistério da injustiça. II Ts 2:7; Ap 17:5; 18:4.

Conjunto de doutrinas e ordens que nem Jesus Cristo nem os seus apóstolos ensinaram. Bem disse o divino Mestre: "Em vão, pois, me honram ensinando doutrinas e mandamentos que vêm dos homens". (Mt 15:9).

Pode uma pessoa concienciosamente confiar a salvação da sua alma aos caprichos dos homens? Pode porventura alguma ou todas as inovações regenerar o coração, purificar do pecado, remover a culpa, tranqüilizar a consciência e salvar a alma? Não, não podem! Mil vezes não!

O apóstolo são Pedro por virtude da Palavra de Deus, diz: "Não vos temos feito conhecer a virtude e presença de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosas" II Pe 1:16. E continuando por divina ordem: "Esta Pedra (Jesus Cristo) que foi reprovada por vós arquitetos, foi posta por cabeça de esquina, e em nenhum outro há salvação, porque também do céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual devamos ser salvos" At 4:11,12.

Somente Jesus o Filho de Deus, foi quem ofereceu o único e perfeito sacrifício de si mesmo uma vez sobre a cruz

para a nossa redenção e eterna salvação. Ele , pois, é o Senhor, Salvador, Juiz e Rei. I Tm 6:15.

(Compilado de um folheto distribuido pela: CHRISTIAN TRIUMPH COMPANY)

58 - Por que Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim?

"E aconteceu, ao cabo de dias, que Caim trouxe do fruto da terra uma terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para sua oferta. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou (Gn 4.4-5).

Esse texto bíblico envolvendo Caim e Abel, tem intrigado muitos estudiosos no decorrer da história. A pergunta é: Por que Deus atentou para a oferta de Abel e rejeitou a de Caim? O que havia de especial na oferta de Abel? Afinal, os dois irmãos não ofereceram a oferta do fruto do seu trabalho?

Essas perguntas são pertinentes e muito recorrentes. E, por essa razão, merecem uma resposta honesta e embasada nas Escrituras. Não obstante, com toda humildade, reconhecemos a dificuldade em solucionar essa questão, mas na medida do possível, ofereceremos, com ajuda de Deus e alguns estudiosos sobre o assunto, uma solução que consideramos ser a mais razoável.

Alguns têm proposto que Deus aceitou a oferta de Abel porque ele:

A) Ofereceu as primícias do seu rebanho;

B) Ofereceu um sacrifício de animal, isto é, uma ovelha que, tipologicamente apontava para Cristo, "O Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo";

C) Ofereceu o melhor do rebanho enquanto que Caim ofereceu o pior;

D) Ofereceu uma oferta de Sangue.

Como podemos ver, são muitas as soluções oferecidas a fim de responder a pergunta em questão. Mas afinal: Por que Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim? De acordo com Samuel Pérez Millos:

"*Não há nenhuma base bíblica para pensar que Caim ofereceu o pior que encontrou no campo, ou trouxe oferta vegetal sem prestar atenção ao que trazia. Sem dúvida, tal como Abel, ele trouxe uma oferta do mais seleto das suas colheitas. Sem dúvida, a razão da aceitação e da recusa está claramente expressa no relato de Genesis: " E atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou".* (Gn 4:4,5)

A condição interna do coração de ambos foi o que fez distinção nas ofertas que traziam. Mais do que para a oferta, Deus atenta para a motivação do nosso coração.

"Deus olhou a intenção de cada um e assim considerou as ofertas que traziam".

Jamais podemos pensar que a oferta de vegetal seria recusada por Deus pelo fato de que não havia derramamento de sangue.

"As ofertas de vegetais se estabeleceram séculos mais tarde na lei que regulamentava as ofertas, concretamente

para oferta de paz se apresentavam tortas de farinha de primeira qualidade amassada com azeite (lv 7:12). Caim trouxe a Deus uma oferta a seu modo, de acordo com o seu critério pessoal, a partir do esforço da obra humana.

Nesse sentido foi a primeira oferta que pretendia uma justificação pelas obras e não por fé. Abel seguiu outra pauta, a da fé, na dependência absoluta da graça que se manifestava no sacrifício que o substituia em relação com a expiação do pecado. A aceitação ou recusa daquelas ofertas foi a fé, ou a falta de fé. Deus não olha a aparência, mas o coração". (I Sm 16:7)

A oferta de Abel, expressão de um ato de fé, apoiada na graça, manifestava que o ofertante trazia a oferta como expressão de sua fé em Deus que perdoa o pecador.

Deus deixa-nos um exemplo claro do tipo de que "os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus". (Sl 51:17)

No sacrifício, Abel aceita pela fé a substituição que vinha de Deus amparado não em suas virtudes, mas na graça.

A atuação de Abel era própria de um justo, Isto é, do que vive por fé. Cristo mesmo chamou justo a Abel (Mt 23:35)

A fé de Abel era uma realidade que se manifesta na aceitação de seu sacrifício, uma vez que "Sem fé é impossível agradar a Deus". (Hb 11:6). A associação entre justiça e fé é evidente já que Abel foi justificado pelo único meio possível que é a fé, por que: "o justo vivera pela fé" (Hb 10:38). O sacrifício oferecido por Abel manifesta também a adoração genuína de um homem de fé que vem a Deus apoiado em sua obra e graça, e o adora conforme o estabelecido por Ele, isto é, em obediência, e Espírito e em verdade (Jo 4:24).

Em contrapartida, não podemos nos esquecer a condição pessoal de Caim que estava sujeito a influência do maligno (I Jo 3:10-12), por cuja condição matou a seu irmão, já que o diabo é homicida desde o princípio (Jo 8:44).

Portanto, como podemos ver a aceitação ou rejeição da oferta esta diretamente relacionada à condição do coração do ofertante. Pois assim disse o Senhor a Caim: "Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?

Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti?" (Gn 4:6,7).

" O porque você faz, é mais importante, para Deus, do que o que você faz"

Mais do que a ação em si, Deus está interessado na intenção do coração.

Segundo Antonio Neves de Mesquita:

"Crê-se que Caim não podia oferecer uma oferta de manjares sem primeiro oferecer sacrifício de sangue para expiar seu pecado a fim de, depois, oferecer das primícias de sua terra.

Se isto foi à causa de Deus não haver atentado para sua oferta é difícil dizer. Só há uma alternativa: ou a oferta não foi acompanhada do espírito de adoração,e neste caso era uma simples formalidade. Parece que a última é mais razoável. De qualquer forma, Deus aceitou uma e rejeitou outra. Os rabis têm uma tradição de que Deus mostrou sua aprovação pela oferta de Abel fazendo vir fogo do céu e consumido o holocausto, como no caso de Elias com os profetas de Baal. Este era, sem dúvida, um modo por que Deus aceitava o sacrifício de sangue muitas vezes, mas

nunca aceitava desta forma a oferta de manjares. Se a tradição fosse verídica explicaria porque Caim se irou vendo que o fogo não consumia sua oferta como tinha consumido a de Abel. Entretanto é apenas uma tradição que pode ser ou não verdadeira. O autor da carta aos Hebreus diz que pela fé Abel ofereceu melhor sacrifício *do que Caim (Heb. 11:4). A rejeição da oferta parece ter sido devida ao coração de Caim. Ele não estava adorando o Criador, mas simplesmente conformando-se com o rito da família."*

(Estudos no Livro de Gênesis, páginas 103 , 104).

"Segundo Keil e Delitzsch: A olhada de Yahweh foi em qualquer caso um sinal visível de satisfação.

É opinião comum e antiga que o fogo consumiu o sacrificio de Abel, e desse modo se demonstrou que foi misericordiosamente aceito (...) A razão para a diferente aceitação das duas ofertas foi a atitude do coração com a que foram trazidas, a qual se manifestou na seleção da oferta. Certamente não se deveu ao fato de Abel ter trazido um sacrifício de sangue e Caim um sem sangue; porque essa diferença surgiu pela diferença de suas profissões; e cada um tomou necessariamente do produto de sua própria ocupação. Antes, porém, foi devido ao fato de que Abel ofereceu o melhor dos primogênitos do seu rebanho, o melhor que podia trazer, enquanto que Caim só trouxe uma porção do fruto da terra, porém, não os primeiros frutos (bikkurim)".

Keil e Delitzsch comentam ainda que:

"A razão da aceitação ou rejeição da oferta: "deve ser encontrada no fato de que o agradecimento de Abel veio do profundo de seu coração, enquanto que Caim só ofereceu o seu para manter-se em bons termos com Deus, uma di-

ferença que se manifestou na escolha das ofertas que cada um trouxe do produto de sua ocupação. Esta escolha mostra claramente "que foi o sentimento piedoso, pelo qual o adorador pôs seu coração na oferta, o que fez sua oferta aceitável a Deus". (Comentário ao Texto Hebraico do Antigo Testamento pg 64).

59 – A suposta maldição de Cão (Ham)

Na tentativa de explicar a origem da raça negra, muitas pessoas têm recorrido ao texto de Gênesis capítulo nove onde, segundo eles, Noé amaldiçoou seu filho (Cão ou Ham) e este, por sua vez, por conta dessa suposta maldição imposta por seu pai, foi penalizado com o escurecimento da pele a qual deu origem a raça negra.

A explicação, em princípio, parece plausível, pois pelo menos três filhos de Cão ou Ham habitaram o Continente Africano onde reside a maior população da raça negra.

Mas será que essa afirmação se sustenta diante de um exame mais detalhado do texto bíblico em questão? Porventura essa afirmação é fruto de uma exegese sólida do texto bíblico ou simplesmente uma construção sobre uma premissa meramente falaciosa?

Para elucidarmos essa questão, de modo irrefragável, e pormos fim a essa controvérsia, precisamos, antes de tudo, como nos recomenda um dos princípios hermenêuticos, examinar o texto e o contexto do capítulo nove de Gênesis.

Em primeiro lugar queremos considerar Gn 9:1 o qual apresenta uma situação que envolve os três filhos de Noé, a saber, Sem, Cão, (Ham) e Jafé, logo após o dilúvio. Assim diz o texto:

"E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra" (Gn 9:1).

É importante notar que a primeira ação de Deus, nesse versículo, foi abençoar não somente a Noé, mas os seus três filhos. *"E abençoou Deus a Noé e a seus três filhos"* (Sem, Cão e Jafé) (Gn 9:1).

Aqui temos o começo de um grande problema a ser resolvido pelos proponentes da teologia da maldição hereditária e para os que querem atribuir a origem da cor e da raça negra à suposta maldição de Noé imposta sobre o seu filho Cão.

Ora, se Deus abençoou os filhos de Noé e isso inclui o seu filho Cão; Como Noé poderia amaldiçoá-lo? Quem pode amaldiçoar aquele a quem Deus abençoou? (Nm 23:8). Apesar do erro reprovável cometido por Cão, não podemos perder de vista que ele foi abençoado por Deus. Porventura, pode alguém revogar a bênção de Deus? (Nm 23:20) Não. Se a nossa reflexão estiver correta, a conclusão a que chegamos é a de que Cão, na verdade, não foi amaldiçoado. Mas apenas dizer que ele não foi amaldiçoado não é o bastante; pois, precisamos de provas irrefragáveis fundamentadas na Bíblia Sagrada.

Logo após Noé ter se despertado do vinho, a Bíblia relata que ele ficou sabendo o que o **seu filho menor** havia feito e então proferiu a sentença de maldição.

"E despertou Noé do seu vinho e soube o que seu filho menor lhe fizera.

E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos.

E disse: Bendito seja o SENHOR, Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo" (Gn 9:24-26).

É interessante notar que não foi contra Cão, o seu filho, que ele lançou a maldição, mas contra Canaã, o seu neto. Ele disse: "Maldito seja Canaã". A razão obvia de Noé ter amaldiçoado Canaã em lugar de Cão, não está clara no texto. Mas isso é matéria para outra discussão.

Mas a essa altura da nossa reflexão uma coisa nos tem deixado intrigado. De acordo com a cultura e tradição dos povos antigos os nomes dos filhos mais velhos aparecem em primeiro lugar. Portanto, seguindo essa lógica, colocaríamos os filhos de Noé na seguinte ordem: Sem, o mais velho, Cão, o filho do meio e Jafé, o mais novo. Ora, de acordo com Gn 9:24, ao despertar do vinho Noé soube o que seu filho menor havia feito. Mas como assim o filho menor? Afinal de contas, o filho menor não era Jafé? Sim! Mas pelo que consta Jafé não viu a nudez de seu pai, pois juntamente com Sem, de costas, ele se dirigiu ao seu pai e o cobriu com uma capa.

"Então, tomaram Sem e Jafé uma capa, puseram-na sobre ambos os seus ombros e, indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai; e os seus rostos eram virados, de maneira que não viram a nudez do seu pai " (Gn 9:23).

A pergunta que não quer calar é: Quem, na verdade é esse filho menor ao qual a Bíblia faz referência? É possível, e, tudo indica que era Canaã. Mas pode-se perguntar: Canaã era filho ou era neto de Noé? Respondo, era neto. Como então ele pode ser o filho menor?

Bom, para solucionarmos essa questão enigmática queremos oferecer três soluções possíveis.

1 – O filho menor referido no texto era Canaã pelo fato de Noé lançar a maldição sobre ele;

2 – O filho menor era Canaã por conta de um hebraísmo que consiste, nesse caso, em chamar de filho um parente próximo, seja ele um neto ou bisneto ou um parente mais distante. Por exemplo: Jesus é chamado de filho de Davi, quando na verdade ele era um parente muito distante (cerca de 1000 anos de distância entre ambos).

3 – O filho menor só pode ser Canaã pelo fato de Noé não poder amaldiçoar Cão (Ham) o qual foi abençoado por Deus (Gn 9:1).

Alguns têm conjecturado que Canaã, diferente de seu pai (Cão) que apenas viu a nudez de Noé, agiu com total desrespeito e irreverência ao ponto de zombar e fazer piada sobre o avô. Algo parecido como o que os jovens fizeram com o profeta Eliseu que os amaldiçoou em nome do Senhor. Outros chegam a propor que Canaã, na verdade, tivesse se aproveitado da situação de embriagûes de seu avô e abusado sexualmente dele, motivo pelo qual Noé o amaldiçoou. Mas é importante salientar que tudo isso não passa de ilação, de conjectura e mera hipótese.

Outro argumento que reforça a ideia de que Cão, realmente, não foi amaldiçoado, mas sim Canaã, baseia-se no próprio texto de Gn 9:26 onde podemos Observar a consequência da maldição proferida sobre Canaã. Uma das implicações dessa maldição consistia em que ele seria servo de Sem (dos semitas).

"E disse: Bendito seja o SENHOR, Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo" (Gn 9:26)

Vale lembrar que em momento algum vemos na história bíblica os descendentes de Cão sendo servos de Sem, mas apenas os cananeus descendentes de Canaã. Muito pelo contrário, a Bíblia relata que os semitas é que se tornaram servos de Mizraim, filho de Cão, no Egito (País da África). (os egípcios são descendentes de Mizraim, filho de Cão; Mizraim significa dois Egitos).

Por outro lado, se alguém quiser defender a idéia de que Cão foi amaldiçoado por Noé terá que, necessariamente, provar que os descendentes de Cão, Cuxe, Pute e Mizraim foram servos de Sem, o que de fato não aconteceu.

Mas, se ao contrário, como está óbvio e ululante no texto de Gn 9:25,26, concordarmos que Canaã foi amaldiçoado, encontraremos respaldo bíblico suficiente para confirmar as conseqüências da maldição proferida por Noé sobre ele. Para por fim a essa questão gostaríamos de dizer que:

1 - Canaã não habitou as regiões do Continente Africano, mas limitou-se à região de Canaã, a Terra da Promissão, atual Israel.

2 – Os cananeus, descendentes de Canaã, realmente, tornaram-se servos de Sem (pai dos semitas) no período da conquista de Canaã, por Josué e subjugados totalmente por Salomão (I Rs 9:20,21; II Cr 8:7,8).

Tempos depois, os cananeus deixaram de existir, mas os egípcios, descendentes de Cão (Ham) continuam existindo até os dias de hoje e muitas vezes tem sido um problema para Israel (descendentes de Sem).

Diante do exposto é razoável afirmar que Cão não foi amaldiçoado, mas sim o seu filho Canaã, neto de Noé. Por outro lado, a afirmação hipotética de que a raça negra surgiu em conseqüência da suposta maldição proferida por Noé contra Cão, o seu filho, como alguns querem fazer pensar, fica totalmente fora de cogitação frente aos argumentos aqui apresentados.

Quanto ao surgimento ou origem não somente da raça negra, mas de todas as raças, a Bíblia é enfática ao afirmar que todas tiveram origem em um mesmo tronco genealógico, a saber, em Adão e Adão em Deus. (At 17:26; Rm 5:12; I Co 15:45; Gn 1:26-28; 2:7,18-24; I Tm 2:12-14).

Bibliografia

Livros:

Tomas de Aquino- Suma Teologica- Tomo II-III-Biblioteca de Autores Cristianos-Madrid-1959

Aldo Menezes, "Testemunhas de Jeová" – Editora Vida - 2ª Edição 2004 - São Paulo, SP

Antonio Neves de Mesquita, "Estudos no livro de Gênesis"- Casa Publicadora Batista- 2ª Edição 1943- Rio de Janeiro, RJ

Ezequias Soares da Silva, "Testemunhas de Jeová, Comentário Exegêtico e Explicativo"- 1ª Edição- 1991- Jundiai-SP

Samuel J. Schultz, "A Historia de Israel" – Editora Vida Nova- 1ª Edição 1977- New York, EUA

Emery H. Bancroft, "Teologia Elementar" – Editora Batista Regular- 3ª Edição 1960 – New York, EUA.

Gleason L. Archer Jr, "Merece Confiança o Antigo Testamento" – Editora Vida Nova- Edição Revisada – Chicago – Illinois, USA

Tomás de Aquino, "Suma Teologica" – Tomo II-III – Edita La Biblioteca e Autores Cristianos – Salamanca

Estêvão Bettencourt, "Para Entender o Antigo Testamento" – Livraria Agir Editora – 2ª Edição 1959 – Rio de Janeiro – RJ

Henry Clarence Thiessen, "Palestras em Teologia Sistemática" – Imprensa Batista Regular – 1949 – São Paulo – SP

Wayne Grudem, "Teologia Sistemática, Atual e Exaustiva" – Editora Vida Nova – 1ª Edição 1999 – São Paulo

Franklin Ferreira, Alan Myantt, "Teologia Sistemática" – Editora Vida Nova – 1ª Edição 2007 – São Paulo

Victor P. Hamilton "Manual do Pentateuco" – Editora CPAD – 1ª Edição 2006 – Rio de Janeiro

Elias Soares de Moraes, "Perguntas Dificeis de Responder" Vol I e II– Beit Shalom Editora - 3ª Edição 2007 – São Paulo

Frederick T. Zugibe, MD, PHD, "A Crucificação de Jesus" – Idéia e Ação – 2005 – USA

Robert M. Bowman, Jr, "Por Que Devo Crer na Trindade" – Editora Candeia – 1ª Edição 1996 – São Paulo - SP

Bin Gorion, "As Lendas do Povo Judeu" – Editora Perspectiva – 1ª Edição – 1962 – São Paulo- SP

Gerard Von Groningen, "Revelação Messiânica no Antigo Testamento" – 2ª Edição 2003- São Paulo- SP

Louis Berkhof, "Teologia Sistemática" – Editora Cultura Cristã- 3ª Edição 2007 – São Paulo

Flávio Josefo- História dos Hebreus – Editora CPAD – 6ª Edição 2002 – Rio de Janeiro

Estudo Perspicaz das Escrituras 3 Volumes

As Eras mais Primitivas da Terra

Paulo, o Apóstolo da Graça

Charles Hodge – Teologia Sistemática

Panorama do Novo Testamento – Vida Nova

Teologia Sistemática- Franklin Ferreira

Palestras em Teologia Sistemática

Esboço de Teologia Sistemática – A. B. Langston Ed JUERP

Teologia Sistemática Augustus – Hagnos

A Bíblia e a Arqueologia -Tompson

Esequias Soares - Testemunhas de Jeová – Comentário Exegético e Explicativo

Teologia Sistemática – Chafer – 8 vols

Apócrifos e Pseudoepigrafos da Bíblia- Fonte Editorial- São Paulo- 2005

B.J.Oropeza-99 Perguntas Sobre Anjos, Demônios e Batalha Espiritual-Ed. Mundo Cristão- São Paulo- 2000

Teologia Bíblica - Ed Vida – São Paulo

Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro-Desmacarando as Seitas- Ed. CPAD- Rio de Janeiro- 1996

Franklin Ferreira e Alan Myatt- Teologia Sistemática- Ed. Vida Nova- São Paulo- 2007

Wayne Grudem- Teologia Sistemática-1ª edição- Ed. Vida Nova- São Paulo- 1999

Flávio Josefo- História dos Hebreus-6ª edição-Editora CPAD- Rio de Janeiro- 2002

Robert H. Gundry- Panorama do Novo Testamento-3ª edição Revisada e Ampliada- Editora Vida Nova- São Paulo- 2008

G.H. Pember- As Eras Mais Primitivas da Terra-1ª edição- Ed. Dos Clássicos- São Paulo- 2002

F.F.Bruce- Paulo o Apóstolo da Graça- 1ª edição- Shedd Publicações- São Paulo- 2003

Louis Berkhof- Teologia Sistemática-3ª edição- Ed. Cultura Cristã-1990 a 1998

Clyde T. Francisco- Introdução ao Velho Testamento- 4ª edição- Ed. JUERP- Rio de Janeiro- 1990

Stanley M. Horton- Teologia Sistemática- Ed. CPAD- 12ª

edição- 2010

Augustus Hopkins Strong- Teologia Sistemática- 2 volumes- Ed. Hagnos- 3ª edição- 2008

Charles Hodge- Teologia Sistemática- 1ª edição- Ed. Hagnos- 2001

Victor P. Hamilton- Manual do Pentateuco- Ed. CPAD- 1ª edição- 2006

Gleason L. Archer, Jr- Merece Confiança o Antigo Testamento-Editora Vida Nova- 1ª edição- São Paulo- 1974

Edson de Faria Francisco- Manual da Bíblia Hebraica- 3ª edição- Ed. Vida Nova- São Paulo-2008

Dicionários e Enciclopédias:

Isidoro Pereira- Dicionário Grego- Português e Português - Grego- Livraria A.I.Braga- 8ª edição

Harold K. Moulton-Léxico Grego Analítico- Ed. Cultura Cristã- 1ª edição- 2007- São Paulo

W.C. Taylor- Dicionário do NT Grego- Ed. Juerp- 8ª edição- 1986- Rio de Janeiro

R. Laird Harris, Gleason L.Archer, Jr, Bruce K. Waltke-Dicionário Internacional de Teologia do AT- Ed. Vida Nova- 1ª edição- 1998- São Paulo

Lothar Coenen, Colin Brown-Dicionário Internacional de Teologia do NT vol I e II-Ed. Vida Nova- 1ª edição- 1981-1984- São Paulo

W.E.Vine, Merril F. Unger, William White Jr, Dicionário Vine- Ed. CPAD- 2ª edição- 2003- Rio de Janeiro

Elias Soares de Moraes- Dicionário Etimológico de Nomes Bíblicos- Ed. Beith Shalom- 1ª edição- 2010- São Paulo

James ORR, The International Standard Bible Encyclopaedia- WM. B. EERDMANS PUBLISHING CO- GRAND RAPIDS, MICH- 5 volumes- 1939

Robert Young- Analytical Concordance to the Bible- Funk & Wagnalls Company-

José Pedro Machado- Dicionário Onomástico Etimológico da Lingua Portuguesa- 3 volumes- Editorial Confluência- Lisboa

Benjamin Davidson- The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon- Zondervan Publishing House- 1982

Junito Brandrão- Dicionário Mítico. Etimológico- 2 volumes- Ed. Vozes- 4ª edição- Rio de Janeiro- 2000

Merril C. Tenney- Enciclopédia da Bíblia- 5 volumes- Ed. Cultura Cristã- 1ª edição- São Paulo- 2008

Alan Unterman- Dicionário Judaico de Lendas e Tradições- Jorge Zahar Editor- Rio de Janeiro- 1992

Vila Escuain- Nuevo Diccionario Biblico Ilustrado- Editorial Clie- Barcelona- 1990

Luis Alonso Schõkel- Dicionário Bíblico Hebraico- Português- Ed. Paulus, 1997, São Paulo

Haley- Escuian- Diccionario de Dificultades y Aparentes Contradicciones Bíblicas- Editorial Clie- 1989- Barcelona

Comentários:

Bruce.M. Metzger- Un Comentário Textual Al Nuevo Testamento Griego- Sociedade Bíblica Americana- 2006

Coleção Série Cultura Bíblica – Edições Vida Nova – 45 volumes

Comentário Bíblico NVI – Ed Vida – São Paulo

Antônio Neves de Mesquita- Estudo no livro de Gênesis- Casa Publicadora Batista- 1ª edição-Rio de Janeiro-1943

Bruce K.Waltke- Gênesis- Ed. Cultura Cristã- São Paulo- 1ª edição- 2010

Comentário Bíblico Moody- 5 volumes- Ed. IBR- São Paulo- 2001

Comentário Bíblico Matthew Henry- 6 volumes- Ed. CPAD- Rio de Janeiro- 2008

William Carey Taylor- Evangelho de João- 3 volumes- Casa Publicadora Batista- Rio de Janeiro- 2ª edição- 1950

Samuel Pérez Millos- Comentário Exegético Al Texto Griego Del Nuevo Testamento Hebreos- Editorial Clie-Espanha- 2009

Samuel Pérez Millos- Comentário Exegético Al Texto Griego Del Nuevo Testamento Mateo- Editorial Clie-Espanha- 2009

William Hendriksen- Comentário Do Novo Testamento Mateus- 2 volumes- Ed. Cultura Cristã- 1ª edição-São Paulo- 2001

William Hendriksen- Comentário Do Novo Testamento Lucas- 2 volumes- Ed. Cultura Cristã- 1ª edição-São Paulo- 2003

Simon Kistemaker- Comentário Do Novo Testamento Atos- 2 volumes- Ed. Cultura Cristã- 1ª edição-São Paulo- 2006

A.T. Robertson- Comentário Al Texto Griego Del Nuevo Testamento- Editorial Clie- Espanha- 2003

Alfred Edersheim- Comentário Bíblico Histórico- Editorial

Clie- Espanha- 2009

Keil & Delitzsch- Comentário Al Texto Hebreo Del Antiguo Testamento- Editorial Clie- Espanha- 2008

Craig S. Keener- Comentário Bíblico Atos Novo Testamento- Ed. Atos-Belo Horizonte- Mg- 2004

Bíblias

Macarthur, "Bíblia de Estudo MacArthur" – Sociedade Bíblica do Brasil – 2ª Edição 1993 – São Paulo- SP

Biblia de Estudo NVI

Dr. Alfred Rahlfs-Septuaginta- Deutsche Bibelgesellschaft- 1979- Alemanha

Bíblia Hebraica Stuttigartensia – Sociedade Biblica do Brasil – 2009 – São Paulo

Biblia Hebraica- Sociedade Bíblica do Brasil- 2009- São Paulo

Antigo Testamento Poliglota- Sociedade Bíblica do Brasil- 2003- São Paulo

Bíblia Sagrada- A Boa Nova- Sociedade Bíblica de Portugal- 1993- Portugal

Bíblia Hebraica- Editora Sêfer- 2006- São Paulo

Bíblia Apologética- Ed. ICP

Antiguo Testamento Interlineal Hebreo- Español - Pentateuco- 4 volumes- Editorial Clie- Espanha

Waldyr Carvalho Luz- Novo Testamento Interlinear- Ed. Cultura Cristã

Paulo Sérgio Gomes e Odayr Olivetti- Novo Testamento Interlinear Anlítico Grego- Português- Editora Cultura Cristã- 1ª edição- 2008

Outros títulos do mesmo autor:

Perguntas Difíceis de Responder Vol I:

(algumas questões: Onde esteve Jesus dos doze aos trinta anos? O que era o espinho na carne de Paulo? O que é a blasfêmia contra o Espírito Santo? Deus se arrepende? 76 páginas e 36 questões.)

Perguntas Difíceis de Responder Vol II:

(questões como: Jefté sacrificou a sua filha? Quem foi Maria Madalena? Jesus tinha irmãos? Quem criou o mal? 220 páginas e mais de 70 questões.)

Dicionário Etimológico de Nomes Bíblicos:

(milhares de Nomes de pessoas, rios, vales montes, Deus, deuses etc, com origem, etimologia, raízes, significados e referências bíblicas. Conheça ainda os nomes oriundos da fauna, da flora, das circunstâncias de nascimento, questão de amizade, princípios de interpretação de nomes próprios hebraicos, superstção dos nomes etc.)

Poesias para Despertar

Outra publicação pela mesma editora:

Escrevendo e Lendo Fácil Hebraico com CD:

(curso de hebraico super prático – aprenda a ler e escrever em hebraico em apenas 30 dias)

Adquira já o seu exemplar!

Livraria Evangélica Crescendo na Fé
Rua Conde de Sarzedas Nº 160 loja 27 – Liberdade – São Paulo
Fone: (11) 3101-5026 ou 9859-4897
E-mail: eliassoares.responde@ig.com.br
Site: www.crescendonafe.com.br

Perguntas DIFÍCEIS de Responder

VOLUME 3

"A metade do conhecimento é a pergunta, e a outra metade a resposta"
(*autor desconhecido*)

A Bíblia nos informa que no antigo Israel, nos dias do sacerdote Eli, a Palavra de Deus era escassa (1Samuel 3.1). Eram tempos de aridez espiritual e de apatia com relação à voz e a vontade do Senhor. Parece que aquele tempo está de volta. Nunca houve tanta escassez da Palavra de Deus na história na igreja evangélica brasileira como nesses últimos anos. É fácil perceber os seus efeitos negativos nos púlpitos das igrejas, no televangelismo e nos testemunhos de muitos crentes da atualidade. Em meio a tais cenários incômodos sempre surgem vozes que buscam levar o povo de Deus de volta à sua Palavra. Foi assim no passado e continua sendo assim no presente.

Elias Soares é uma dessas vozes. Com uma vida dedicada ao estudo das Escrituras Sagradas, seu trabalho tem sido de grande importância para um remanescente que ainda valoriza o conhecimento bíblico e a sua aplicação para o cristão na vida diária.

Neste livro Elias Soares trata, através de cuidadosa pesquisa, de questões controvertidas e difíceis que surgem nos textos bíblicos. Em forma de perguntas e respostas, sua obra torna-se uma ferramenta eficaz para todos interessados em conhecer e compartilhar a Palavra de Deus com uma geração em crise moral e espiritual.

Paulo Romeiro é Pastor da Igreja da Trindade em São Paulo, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e professor no curso de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Elias Soares de Moraes é ministro do evangelho, pesquisador nas áreas de exegese, hermenêutica e antroponímia. Foi diretor teológico e professor de teologia da Faculdade Teológica Betesda de São Paulo. É consultor teológico do programa: *Exaltando a Palavra* na Rádio Musical FM 105,7 em São Paulo, é palestrante, escritor e autor dos livros: *Perguntas Difíceis de Responder* vols. 1 e 2, *Dicionário Etimológico de Nomes Bíblicos* e *Dicionário de Nomes Bíblicos* (Prêmio Areté de Literatura, na Bienal Internacional do livro em 2005, no Rio de Janeiro). É casado com Débora Soares e tem dois filhos: Davi e Abigail.

BeitSHALOM